

DENIS MOURA DE LIMA

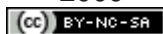
RETORNO AO BIG-BANG MICROCÓSMICO



Denis Moura de Lima

RETORNO AO BIG BANG MICROCÓSMICO

Fortaleza
Banco do Nordeste do Brasil
2009





A obra RETORNO AO BIG BANG MICROCÓSMICO de Denis Moura de Lima foi licenciada com uma Licença [Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não Adaptada](#).

Editor: Ademir Costa
Revisão: Jorge Pieiro
Capa: Victor Alencar
Ilustrações: Pedro Uchoa
Diagramação: Patrício de Moura

L732r Lima, Denis Moura de.

Retorno ao big bang microcósmico / Denis Moura de Lima.
- Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2009.

196 p

ISBN 978.85.7791.048.9

1. Literatura Brasileira. I. Título

CDD: 869.899 2

Dedico esta obra à geração que realizar o sonho da Ciberdemocracia.

“Retorno ao Big Bang Macrocósmico é uma narrativa ágil com personagens que podiam ser nossos conhecidos, nossos vizinhos, nossos amigos”.

Ana Cristina Rodrigues

Historiadora, mestra e doutoranda em História, é presidenta do Clube de Leitores de Ficção Científica Brasil.

“Acredito que Dênis Moura seja um viajante do tempo, daqueles com alma vitoriana e olhos duros de quem não simpatiza com o que prevê. Poderia jurar que esse estratonauta compartilha do entusiasmo febril dos que acreditavam num futuro melhor à luz da ciência, mas com o sorriso mezzo-cínico mezzo-calabreza cansado de esperar, produzindo o futuro que os gerou, exterminadores de um presente estagnado”.

Octávio Aragão

Doutor em Artes Visuais pela UFRJ. Foi editor de arte da Ediouro e coordenador de arte de O Globo. É professor adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo.

“Retorno ao Big Bang Microcósmico: esta é uma obra de ficção. De FC, ficção científica. Filia-se à melhor tradição de Julio Verne e H. G. Wells (...), mas ao prescindir de um movimento retilíneo para a composição de sua história (...), aproxima-se, assim, muito mais de 2001 e de Arthur C. Clarke”.

O Poeta de Meia-Tigela

Doutorando em Filosofia pelo Programa de Doutorado Integrado UFRN-UFPB-UFPE, autor de Concerto N° 1 Nico em Mim Maior Para Palavra e Orquestra.

SUMÁRIO

Prefácio	9
O arquivo ou como a história chegou até nós	11
‘Microcosmacro’	17
Acabou?	18
68, o ano que nem começou	19
‘Big Bangs’ sociais	20
Faxina em Brasília	21
Conspiração ZHAARP	29
Explosões	31
Politicagens	37
CientiFé	39
Precognição	43
Sobreviventes e viajantes	47
Experimento novamente	49
Big Bang microcósmico	59
Capturados	63
Humanos	67
Nova Terra Gliese 581d	77
O plano	85
Escola e escrita	93
Apagão	95
O fim	97
Raptados por vergulianos	105
Capturados	111
Em Nova Terra	115
Duelo mental	119
Chantagem Alienígena	123
Perdidos no espaço	133
Conspiração	135

O planeta nômade	141
Big Bangs dos microcosmos sociais	147
A origem do universo	155
Simétricos Universos	169
25 bilhões de anos ao Futuro	177
Festas	181
Retorno ao fim da eternidade	187
Nota final do autor	191
Prosácio	193

Prefácio

A invasão do amanhã

Octávio Aragão

O que está acontecendo no futuro? Sim, porque alguma coisa deve estar ocorrendo por aquele território de heroicos brados retumbantes para provocar essa enxurrada de novos autores de ficção científica do País do Futuro.

Dênis Moura e seu Retorno ao Big Bang Microcósmico são os mais recentes resultados desse paradoxo, dessa invasão de trás para frente, que faz com que os visionários do porvir aportem no dia-a-dia de nosso século XXI, antigo cenário de uma Era de Ouro que quase morreu no ovo do pós-Estado Novo. O Brasil do ano 2008 não é de plutônio, urânio ou qualquer metáfora porno-radioativa, mas de carne chamuscada e osso fraturado. Carbono safra mil-novecentos-e-quatorze.

Talvez o motivo para a invasão dos escritores do amanhã seja mais singelo, quem sabe devido ao amadurecimento – ou, se a lógica do reverso estiver em voga nesse caso também, de “enverdecimento” – de uma geração que cresceu antecipando a realização de milagres por exposição a raios catódicos. Aqueles velhos medicados com overdoses de George Pal e Irwin Allen chegaram à infância e decidiram que cabe a eles, em lugar de dormir em berço esplêndido, realizar o sonho de um país que não tem pavor do agora.

Acredito que Dênis Moura seja um viajante do tempo, daqueles com alma vitoriana e olhos duros de quem não simpatiza com o que prevê. Poderia jurar que esse estratonauta compartilha do entusiasmo febril dos que acreditavam num futuro melhor à luz da ciência, mas com o sorriso mezzo-cínico mezzo-calabreza cansado de esperar, produzindo o futuro que os gerou, extermiadores de um presente estagnado.

Diante desses construtores de proto-realidades, sinto como o físico que identifica uma partícula teimosa, escondida sob uma capa de invisibilidade quântica, táquions cronografados nas entrelinhas.

Cuidado, leitor, eles estão entre nós e, a partir de agora, mais especificamente na página que vem, big bangs serão rotina.

Maravilhe-se.

O arquivo ou como a história chegou até nós

“A propaganda é para a democracia burguesa o que o cassete é para o estado totalitário”. (Noam Chomsky)

‘Quando a Mídia não detém as novas ideias, o porrete volta à cena’?

Existem coisas que a gente pensa que nunca vão acontecer conosco ou com alguém conhecido.

Naquela manhã, acordei cedo, tomei banho e café rápido e joguei a mochila nas costas. Fiz a caminhada habitual em direção ao CEFET-CE (Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará).

Odeio acordar cedo, mas a grana de bolsista de laboratório de informática, apesar de mixuruca, era um grande motivador a quem não tinha outra opção para sair da típica “liseira” estudantil. Aquele era o único e ingrato horário que me ofereceram e tive que aceitar.

Geralmente, chego atrasado de propósito pra poder dormir um pouco mais. Faço isto também para aproveitar o fato de que ninguém usa mesmo o laboratório às 7h da manhã em ponto, talvez porque a maioria também odeie acordar cedo mesmo.

Mas neste dia havia outro fator motivante: meu amigo Franzé me ligou ansioso na noite anterior querendo urgentemente me entregar um material que, segundo ele, não poderia ficar nas mãos de uma única pessoa. Não teceu detalhes, agendou comigo às 6 e meia no laboratório e desligou.

Passei a noite preocupado. Devia ser algo grave mesmo, pois meu amigo nunca telefonava. Tinha o hábito de falar sempre pessoalmente. E agendar

tão cedo assim...? Definitivamente, era grave! Não era típico de um astrônomo amador que geralmente tem hábitos noturnos querer resolver alguma coisa de manhãzinha.

Caminhando introspectivo em frente à Escola de Cinema da Universidade Federal, resolvi cortar caminho por dentro daquele Campus, enquanto imaginava o que meu amigo desejava me entregar. Quando cruzei o portão em frente ao bloco da Psicologia, entrando na deserta rua onde mora o humorista Falcão, palpitei de alegria ao ver o simpático e moreno rosto do Franzé, que cruzava a esquina do Bar Cantinho Acadêmico.

Ele para, me sorri, e volta o rosto e a mão direita pra dentro da mochila, de onde retira um CD-ROM. Foi quando uma Kombi preta freia do seu lado e dois marmanjos de farda verde-oliva saltam da porta semiaberta onde vi de relance o letreiro: CETEX. O reflexo que tive foi o de me esconder rapidamente num recuo de muro, enquanto o Franzé só teve tempo de gritar: – CONJUNÇÃO!!! – enquanto quebrava o CD, cortando feio as mãos, antes de ser arrastado pela camisa pra dentro daquela Kombi de placa branca que cantou pneu em disparada pela Avenida 13 de Maio.

Agora, meu palpar era de medo! Passei pelos cacos ensanguentados do CD espalhados pelo asfalto e corri até a esquina pra me certificar de que o veículo havia mesmo sumido. Respirei aliviado e resolvi fazer o resto do caminho até o CEFET, contornando a praça da Gentilândia para entrar no Centro Tecnológico por trás, pela rua do Estádio Presidente Vargas. Assim, por precaução, despistava um pouco, enquanto meditava sobre o ocorrido através de uma caminhada mais longa.

Será que eles virão atrás de mim? Quando agarraram o meu amigo, não deixei que me vissem de forma alguma. Será que me associariam de alguma forma ao Franzé? Achava pouco provável. Mantinha tanto contato com ele, quanto a maioria dos outros colegas de faculdade. Mas, e aquela única ligação telefônica? Aliviado, lembrei dos bips característicos das unidades de cartão telefônico sendo subtraídas. Um grampo num orelhão escolhido a esmo era quase impensável. Nisto o Franzé fora cuidadoso. Mas, por que pegaram o cara? O que fariam com ele? Minha cabeça fervilhava enquanto entrava no CEFET.

A primeira ação que fiz ao entrar no laboratório foi pesquisar no Google™ a sigla CETEX cruzada com a palavra Exército. Mas o que o “Centro Integrado de Telemática do Exército” poderia querer...? E o que o Franzé quis dizer com a palavra “conjunção”? A expressão me lembrou a única vez em que assistimos juntos uma conjunção de planetas. Era algum dia de março de 1996, quando nos reunimos na casa dos pais do professor Omar e fizemos várias astrofotografias da triangulação formada pela Lua, Vênus e por Saturno. Foi neste contexto que aconteceu um fato inusitado e sem explicação física plausível, mas como todos do grupo de astronomia éramos muito céticos, deixamos o assunto pra lá.

O Franzé é o tipo de pessoa do qual se conhece mais as ideias, do que a vida pessoal. A sua tese de que Universos se recriam constantemente até mesmo dentro de nós, por exemplo, eu tento entender até hoje. Ele veio sozinho de São Paulo há alguns meses e frequentava o CEFET como aluno especial, até que conseguisse a necessária transferência. Já com relação às ideias, meus amigos que discutiam Filosofia e Física no meio acadêmico tinham-no como o mais marcadamente lógico, racional, cético e humano de todos.

O inexplicável era o fato de que, na primeira vez em que o levei ao Observatório e o apresentei ao professor Omar, este, ao lhe fazer um convite para participar das astrofotografias da dita conjunção, simplesmente impediu que o professor lhe dissesse o endereço. Para espanto dos presentes, descreveu em detalhes o lugar, como se já estivesse ido lá. Este era nosso segredo.

Enquanto buscava nexo entre o rapto e a conjunção, minha caixa de correio eletrônico sinalizou uma nova mensagem: era um e-mail do Franzé! Abri rápido. Continha apenas um anexo e uma frase: “tanto ascende, quanto declina”. Clicando no arquivo, surgiu uma tela requisitando uma senha. Só haveria um jeito de ler a mensagem criptografada: encontrar uma relação entre o fenômeno celeste e aquela frase esquisita. Quem ascende e declina são os astros, pensei. Tentei então as combinações possíveis de Lua, Vênus e Saturno, mas nada. Pensei, pensei... E se fosse a sequência numérica da ascensão reta e da declinação da conjunção planetária? Lembrei que tinha o anuário do Mourão na mochila e, após consultá-lo, digitei: 22 37 56 01 32 56. – Eureka!!! – Então, ofegante, consegui ler a mensagem:

Prezado Moura,

Programei no servidor de e-mail uma rotina que dispararia esta mensagem caso eu não a reagendasse hoje às 7h da manhã. Se você recebeu esta mensagem, é porque a informação que precisa ser divulgada urgentemente está sob o risco de ser silenciada e decidi confiar a você o destino da mesma.

Por precaução, a mesma rotina que enviou esta mensagem formatou fisicamente o servidor “Benfica”. Sugiro que faça o mesmo com sua máquina. Depois vá até o banheiro masculino, ao lado da escada do corredor central. Sobre o segundo Box, há um alçapão que dá acesso ao forro do telhado. Na base da terceira coluna da direita há um jornal velho. Dentro dele há uma caixa de CD-ROM. Pegue, proteja e publique o arquivo.

Atenciosamente.

Francisco José

Estupefato e ansioso, fiz o rastreamento dos caminhos por onde aquele e-mail havia passado. Aliviado, vi que apenas o servidor de e-mails Benfica e a minha máquina estavam envolvidos. Pinguei no IP 200.17.33.1 e verifiquei que realmente o Benfica estava fora de combate, mas não confiava em formatação. Qualquer ferramenta de recuperação de disco é capaz de restaurar dados. Contra isto, só havia um jeito. Corri até a sala do Diretório dos Estudantes e, como eu era diretor e tinha a chave, entrei e peguei o grande imã de caixa de som usado pra segurar uma pilha de cartazes. Corri ao laboratório e passei a belezinha nos Discos Magnéticos do servidor e da minha máquina. Pronto! Dane-se a dor de cabeça que terei depois para arrumar a bagunça.

Chegaram os primeiros usuários do laboratório. Entre reclamos de servidor fora do ar, aguentei minha curiosidade até que meu horário de trabalho terminasse. Afinal, se ele realmente estivesse lá, o local mais seguro para o CD era o forro mesmo. Até que chegou o outro bolsista e eu saí quase correndo. Ainda esbarrei com uns caras esquisitos que entravam no laboratório. Apressei o passo.

Inspecionei o banheiro. Havia somente um aluno branquinho, lavando as mãos. Faço de conta que mijei e, quando o cara saiu, fecho a porta principal

do banheiro e subo no forro. Realmente estava lá. Desço um pouco sujo de poeira, mas com o CD já dentro da calça. Ninguém me seguia. Fui direto pra casa.

Passei o resto do dia lendo o conteúdo do CD. Eram centenas de páginas, nas quais o Franzé relatava uma história intrigante que dizia respeito ao futuro com revelações que me arrepiavam a espinha.

Por precaução, fiz cópias do CD-ROM e o escondi em lugares estratégicos. Programei também uma rotina de mensagem criptografada a partir de meu sítio pessoal. Agora, estava pensando no que fazer para ter meu amigo de volta. Abriria um B.O. de pessoas desaparecidas? Não, isso seria me expor. Comunicar à família dele? Como achar sua família? Talvez fosse possível, se pesquisasse na sua ficha de transferência. Amanhã pensaria em como ver a dita ficha.

No dia seguinte, para minha surpresa, o Franzé entra no laboratório como se nada tivesse acontecido.

– Cara, pra onde te levaram ontem? – Pergunto-lhe cochichando.

– Levaram? Que estória é essa? – Me responde com o olhar no vazio.

– Uns caras, numa Kombi preta!

– Ontem passei o dia em casa cuidando deste corte na minha mão que machuquei cortando uma laranja.

– E o CD?! – Gritei.

– Que CD?

As pessoas já começavam a olhar para nós. Entre elas, dois marmanjos esquisitos a apurarem os ouvidos.

– O CD de instalação do Linux que eu te emprestei! – Brado blefando para disfarçar. – Não está vendo a bagunça neste laboratório que eu ainda tenho que arrumar?

– Esqueci em casa. – Me responde também disfarçadamente. – Mas te consigo outro ainda hoje.

– Deixa pra lá, agora. – Volto a cochichar. – Depois converso na calma e a sós com você.

– O Franzé deu de ombros com uma sinceridade que me intrigou.

Por vários dias tentei reencontrá-lo para conversarmos sobre o acontecido e nada. Até que recebi uma notícia de que ele havia conseguido uma transferência para o Rio de Janeiro e se foi. Três meses depois ele me enviou um e-mail dizendo, em código, que iria sumir definitivamente.

Hoje, faz dez anos que atualizo diariamente uma rotina de e-mail automático criptografado e guardo aquele CD. Tenho medo de que, ao tentar publicá-lo, uma Kombi preta me pare na rua.

O problema é que a História escrita pelo Franzé está cada vez mais se confirmando diariamente. Em 1998, por exemplo, ele escreveu que um metalúrgico seria presidente do Brasil! Isto tem feito meu senso de dever tornar-se superior à minha covardia.

Bem, se você está lendo isto agora, é porque tomei coragem. Por cautela, para sondar se ainda há perigo, resolvi publicar um a um os capítulos do CD no Blog <http://bigbangmicrocosmico.blogspot.com/> que divulgo com os amigos. Nas páginas que seguem, está a íntegra dos textos do Franzé. Aos verdes-oliva, aviso-lhes que todo o conteúdo daquele CD será automaticamente disseminado na Internet caso alguma Kombi preta nos pare na rua.

O autor.

‘Microcosmacro’

“Ao olhar num microscópio de fundo,
As moléculas, átomos, os ‘quarks’...
Com as lentes do meu ‘neurar’ fecundo
Mergulho no ínfimo mais e mais.

Empunho agora um telescópio
Desafiando espaçotemporais
E no fim do Universo vejo a Terra
Na curva-luz, de bilênios atrás.

Acoplo lentes do ‘neurar’ fecundo
Submerjo do macro mais e mais
Em raios não curváveis como a luz.

Assim, no telescópio e microscópio,
No macro vejo-me dentro de um átomo,
No micro outro universo me reluz.”

Acabou?

Havíamos viajado ao passado e presenciado plenamente o Big Bang de nosso Universo, agora, rumávamos em direção ao futuro. Mais do que isso, eu os acompanho no retorno ao seu próprio Universo.

Tudo ao redor encolhe e se move rapidamente aos meus olhos. A Terra azul acinzentada-se, enquanto a Lua em espiral veloz cai finalmente em seu arenoso oceano. Vejo quando o Sol se expande na forma de uma estrela gigante vermelha e engole Mercúrio, Vênus, Terra, Marte e o cinturão de asteroides. A via Láctea gira como um furacão uniforme até que Andrômeda colide nela seus braços espiralados.

Enquanto cresço e fujo dali mais rápido que a luz, bilhões de galáxias não passam de um enxame de vaga-lumes multicores. Quanto mais me distancio daquele esférico Universo, mais rápido ele se expande e suas galáxias se apagam até não se ver mais nada. Ouço minha própria voz dizendo: – As consciências sobreviverão ao colapso do Universo?

68, o ano que nem começou

Em Nova York, um formigueiro humano fervilha por dezenas de quarteirões da estação de metrô Queensboro Place até as margens do rio East River. As águas são escuras, o ar é pesado, malcheiroso e quente. Os galpões industriais foram transformados em acampamento. Milhares de pessoas afluem-se na ponte Queensboro, ocupando-a completamente. Outra multidão, bem menor, bloqueia o acesso à ilha de Manhattan. Todos os túneis e demais pontes foram igualmente bloqueados, tanto os da Grande Ilha, quanto os do continente. O cerco à Manhattan já dura meses.

Aproximo-me até discernir construções, veículos e rostos. As pessoas compartilham grandes cilindros azuis de oxigênio, revezando as máscaras constantemente. Encostada no alambrado amarelo da ponte, embaixo das grandes armações de aço, reconheço a face de uma mulher idosa com uma familiar meia lua no centro da testa. Quantas décadas sem reencontrá-la? Helenice, no meio da ponte W, olha para a esquerda, entre as duas velhas chaminés da Marupie um painel holográfico na margem do rio, onde a defasada frase “Happy 2068 New Year” tremula, falhando. Seus olhos vão além do extremo sul da ilha Roosevelt, sob a ponte. Desejam o mesmo alvo de todos ao seu redor: a sede da ONU.

Muitos carregam faixas e cartazes, mas Helenice, tal qual alguns, carrega apenas um disco preto nas mãos. O que eles querem é apenas consumir um ato simbólico, já efetuado em quase todas as partes do mundo: depositar um disco holográfico em cada assento que tenha sido ocupado por um poderoso.

Portodos os lugares do mundo, de um lado, sessenta famílias controlando toda a riqueza do planeta, enquanto seus aparatos de poder reagem violentamente ao que chamam de desordem das massas. Do outro, milhões de pessoas invadem no mesmo instante os gabinetes corporativos e governamentais. São os braços de três bilhões de sobreviventes que se organizam mundialmente através da Grande Rede e deliberam regras para regular a desordem esgotadora de pessoas e de natureza que perdurou por mais de cinco séculos.

‘Big Bangs’ sociais

“Ao olhar p’ras artimanhas no Mundo,
O homem e as máquinas que ele faz,
Com as lentes do meu ‘neurar’ fecundo
Percebo a humanidade mais e mais.

Conecto-me agora às ‘ciberredes’,
Desafiando espaços sociais,
Vejo que o virtual unir dos homens,
Democracia milenar nos traz.

Mas pra que direta democracia,
Se a representativa nos apraz?
Questiona quem o Mundo gerencia.

Mas a maioria acorda tenaz
E os microcosmos de cada homem
Explodem em ‘Big Bangs’ sociais.”

Faxina em Brasília

“Que venha a democracia direta e eletrônica ao povo, via Internet, Celular ou TV Digital, assinalei e certificadas digitalmente e as realize pela força das ações articuladas no mundo virtual para o real.”

– Hora de acordar, Franzé! Daqui a pouco os turistas chegam. – Me sacode o faxineiro Zé. Sinto meu corpo todo tremer, mas não devido à sacudidela. Ah! Se o Zé soubesse por onde minha consciência vagava...

– Obrigado, Zé. Já já iremos.

Na penumbra, me espreguiço e sento no carpete da laje. Gosto de dormir ali, naquele chão da borda superior da concha da câmara dos deputados. Observo lá embaixo o centro iluminado com suas poltronas em semicírculo e a cortina atrás da mesa como uma cachoeira do teto da concha até o chão. A cortina, antes com vinte e nove retângulos inúteis, agora é um grande painel, onde milhões de pequenos rostos se revezam, apresentando cada brasileiro que delibera naquele momento. Tal qual uma arena de gladiadores romanos, agora a batalha na plenária se dá entre os hologramas projetados por discos pretos em cada poltrona, assistidos por uma plateia invisível espalhada pelo mundo afora.

– Zé, que tal começarmos a espanar a poeira da mesa da presidência da plenária?

– Acho bom, Franzé. De lá podemos observar o que mais devemos retocar.

– Daqui se vê que a bandeira do Brasil no carpete inclinado em frente à mesa precisa de realce.

– Pode deixar comigo. É minha tarefa preferida.

Enquanto descíamos, pensava: mesmo aposentado como engenheiro, aquela si mera uma prazerosa ocupação, antes que eu partisse desta vida. Gostava de apreciar o dinamismo com que o povo participava diretamente das

decisões políticas. Sabia que a nova democracia que se alastrava pelo mundo neste ano de 2068 não dependia destes prédios, destas arenas.

Este espaço era apenas mais um entre milhares de espaços simbólicos do planeta, que serviam apenas para serem apreciados de vez em quando por um turista ou cidadão. Para completar, só restavam serem simbolizadas à nova ordem as sedes do Governo Chinês, da União Européia e da ONU.

Esta conquista não foi fácil. Durante décadas, as pessoas de todo o mundo se decepcionavam com a farsa que era a democracia representativa. A pequena elite, dona de todos os poderes, manipulava as massas para convencê-la de que tudo era melhor assim. No entanto, o ar irrespirável, o calor insuportável, as tempestades diárias, a fome e a miséria universalizando-se, os alimentos e as águas potáveis escassos provocados pelas corporações globais contradiziam e falavam mais alto.

Na segunda década do milênio, ativistas digitais tentaram popularizar sistemas de votação direta com validação jurídica baseada em assinatura digital. Movimentos partidários se opuseram e criminalizaram cada vez mais os abaixo-assinados digitais, alegando serem coercitivos, de cunho eleitoral ou que atentam contra a representatividade parlamentar. A elite detentora dos políticos, receosa de perder o poder de *lobbies*, coopta um a um as cabeças do movimento de *software* livre para o voto direto universal. Ela oferece a eles empregos, pagando o dobro e até o quádruplo do valor de mercado e boa parte deles cedem. Uma parcela dos comprados passa a integrar equipes que desenvolvem *softwares* similares, mas que garantem um discreto poder de manipulação às minorias elitistas.

Assim, a organização dos coletivos numa rede de democracia direta eletrônica, por se basear em tecnologias web e ferramentas das próprias grandes corporações (Google™, Orkut®), foi sabotada pelas mesmas, através da descoberta dos cabeças dos movimentos e paulatina cooptação dos mesmos com ofertas de trabalho irrecusáveis ou pelos seus desaparecimentos inexplicáveis. Os poucos que resistiram não deram conta de manter os coletivos organizados, e o império da desorganização coletiva, resistência frágil e aceitação pacífica foi mantido.

No Brasil, num dia de final de Copa do Mundo, em 2016, os parlamentares votam em último turno a emenda constitucional que modifica o Parágrafo Único do Artigo Primeiro da Constituição Federal, suprimindo a expressão “ou diretamente”, bem como revogando o inciso III do Artigo 14 da mesma Constituição. Como nos demais países, estava criminalizada a democracia direta no Brasil.

Mesmo assim, em todas as partes do mundo, o povo se organizou mundialmente e começou a deliberar petições e abaixo-assinados que eram votados de forma contrária pelos representantes governamentais. Esta organização se iniciou através da popularização do comércio eletrônico mundial. Isto por que tanto o comércio, quanto as demais relações foram asseguradas por diversas formas mais seguras e compatíveis de assinatura contratual: certificados digitais, assinaturas biométricas e genéticas.

É fato que quem detém o poder da mídia, possui todo o poder que emana do povo. Contudo, o poder das elites começou a decair porque, ao longo das décadas, as mídias de massa, antes garantias de manipulações ideológicas, começaram a ser cada vez mais conduzidas pelo povo. Hoje cada pessoa é, ao mesmo tempo, produtor e telespectador de conteúdos. Pessoas simples com interesses e conhecimentos afins produzem mundialmente mídias muito mais interessantes, do que qualquer grande corporação.

Agora grupos se organizaram para clarear as contas públicas e corporativas no formato da linguagem do povo, simuladores de decisões apresentam os impactos de cada decisão política e econômica para o povo a curto, médio e longo prazo e analísadores de ideias e discursos sintetizam ao povo o que lhe interessa. O resultado disto foi o choque entre os interesses de uma minoria privilegiada e o resto da humanidade.

Quando o povo percebeu que os dinheiros sem pátria que especulam ao redor do mundo são os grandes responsáveis pela irracionalidade dos empreendimentos humanos, quando viram que um dinheiro a quem não se pode atribuir um responsável humano, mas que em forma de ações nas bolsas, a elite lhe direciona impessoalmente para a exploração máxima da Natureza e do homem, votaram mundialmente pela sua regulação. Quando a petição aprovada mundialmente para taxar e identificar pessoalmente

os responsáveis pelos investimentos chegou ao Congresso Nacional, os seus parlamentares rejeitaram. Isto se deu similarmente em quase todos os parlamentos do mundo.

Definitivamente, verificou-se que a maioria dos parlamentares é mais representante das elites, do que do povo que a elegeu. O povo, enfim, entendeu a lógica da lei do pelego: é mais fácil comprar o poder que está na mão de poucos do que na mão de todos. Isto porque cada homem tem seu preço, e o que se vende nunca vale o quanto lhe pagam. Também, porque um milhão para apenas um homem é muito dinheiro, mas para multidões e para as corporações é quase nada. E, finalmente, comprar as multidões é tão ruim para os negócios quanto lhes devolver os direitos que reivindicam.

As corporações multinacionais e seus parlamentares estavam indiferentes às deliberações diretas do povo, até que as multidões articularam virtualmente ações simultâneas que afetaram seus negócios. Quando a Sheller Oil insistia em produzir derivados de petróleo agredindo a natureza, o povo deixava de comprar sua gasolina e solventes até que sua produção fosse sustentável. A Sunsing deixou de produzir eletrônicos com mão-de-obra escrava quando a maioria do povo parou de consumir seus multicomputadores (micro e nano computadores em roupas, utensílios domésticos, acessórios e demais dispositivos de comunicação e multimídia). Greves organizadas mundialmente garantiram a redução da jornada de trabalho para seis horas, mais vagas de emprego e melhoria de salários.

Através de uma abaixo-assinado mundial na Internet, cada povo aprovou a lei da soberania popular eletrônica. Através dela, uma lei assinada pela maioria de um povo não precisaria ser votada nas tradicionais casas legislativas. A rejeição imediata dos parlamentares à lei pôs em xeque a democracia representativa e provocou o cerco às sedes do poder em todo o planeta.

Como agora eu não estava mais presente em Nova York, tal qual minutos atrás, me contentava em acompanhar o desenrolar do cerco a Manhattan, a partir da TV projetada na lente de contato do meu olho direito. Na lente do olho esquerdo, comandava por voz o acompanhamento das principais questões que estavam sendo votadas, bem como as fiscalizações de contas em andamento.

– Zé, nada de competições hoje. Ok? Meu reumatismo está latejando.

O Zé ria às gaitadas. Enquanto eu direcionava meu aspirador iônico em cada parte da mesa da presidência da plenária, meu parceiro fazia o mesmo em cada uma de suas poltronas. Não só poeiras, mas quaisquer manchas eram ionizadas e sugadas pelos aspiradores. Quando cansava, parava para observar e participar das deliberações.

Estava em votação uma proposta de Reforma Tributária. O imposto de renda deverá ser proporcional, de tal forma que quanto maiores os rendimentos individuais, maior a porcentagem de imposto sobre a renda e, para quem ganha abaixo dos direitos fundamentais, isenção e recebimento de renda complementar. A proposta não precisou ser votada pela Câmara Virtual de Deputados. Ela foi diretamente aprovada por 65% dos eleitores brasileiros e virou lei.

Em seguida, as propostas de regulamentação desta lei foram chegando: o limite do imposto sobre a renda será de 30%, 40%, 50%, 60% ou 70%? Eu acionei meu simulador de impactos na minha lente direita. 30% não reduziria muito a concentração de renda no Brasil. 60% e 70% apontavam para baixo poder de compra e investimentos que fariam o país reduzir o crescimento. Na tela da lente esquerda, votei em 40%, mas o limite de 50% ganhou diretamente.

– Zé, hora de aspirar a plenária!

– Certo. Eu limpo a esquerda e você a direita, ok?

As propostas de faixas de tributação foram apresentadas: 50 faixas de tributação de R\$ 1.000,00 até R\$ 50.000,00, tantos por cento quantos sejam os mil reais recebidos por mês pelo cidadão; 25 faixas de tributação de R\$ 1.000,00 até R\$ 100.000,00, 0,25% quantos sejam os mil reais recebidos por mês ou 100 faixas de tributação de R\$ 1.000,00 até R\$ 100.000,00, meio por cento quantos sejam os mil reais recebidos por mês. Parei a aspiração e, após conferir os simuladores, votei na primeira opção. Como o resultado estava demorando, voltei à faxina. Após o tempo limite de meia hora, apuraram-se os votos e apenas 47% haviam votado. Agora sim os hologramas virtuais começaram a se digladiar com palavras nas poltronas da câmara.

Terminamos a limpeza e os turistas começavam a entrar na plenária. Após 20 minutos, os deputados votaram e a proposta de 25 faixas de tributação ganhou. Dez minutos depois, em meio à votação da mesma matéria no Senado, a votação direta atingiu 51% de votantes e, destes, 67% aprovaram a proposta de 50 faixas de tributação. Esta vencedora, fez encerrar-se definitivamente a votação em todas as instâncias deliberativas.

As propostas eram apresentadas diretamente pelo povo. Pensava enquanto bebia água com o Zé. Eu mesmo submeti no parlamento do bairro onde moro uma proposta de lei que garantia equipamentos de última geração aos faxineiros de órgãos públicos. Minha proposta foi aprovada e passou a ser apreciada pela Câmara Virtual de Vereadores. Lá, outra proposta similar de outro bairro foi unificada à minha. Uma terceira proposta similar, mas que requeria os equipamentos apenas para órgãos municipais, foi votada, aprovada e encerrada. Minha proposta não atingiu o interesse da maioria das pessoas de minha cidade e não foi aprovada diretamente no tempo legal. Com isto, os vereadores receberam o poder de decidir a questão. A proposta foi aprovada por eles. Agora, a mesma estava sendo apreciada em nível estadual. Ela nem aparece na lista das mais interessantes e, por isto, tenho certeza que não será votada diretamente, mas a partir de representantes eleitos.

É bom que seja assim mesmo: as questões mais relevantes sendo decididas diretamente pelo povo e as menos importantes sendo delegadas aos representantes. Representantes de verdade, relembro, enquanto observo-os à minha frente. Os hologramas apenas apresentavam o brasileiro da vez que estava eleito deputado naquele momento, que tinha a confiança de quem o elegeu. De vez em quando, o rodapé de algum holograma fica avermelhando, ao mostrar uma numeração diminuindo (eleitores retirando votos do político), até que outro avatar, de verdenumeração elevada, substitui em tempo real o que perdeu votos de representatividade. A candidatura e eleições ocorrem o tempo todo, e o voto sempre pode ser retirado de um candidato e atribuído a outro mais comprometido com o eleitor. Isto garante a representação real do povo.

– Até amanhã, Zé.

– Até, Fran. Da próxima vez aspiraremos o Senado.

Enquanto caminhava por baixo da rampa do planalto em meio ao sol escaldante, relembrava: desde que a democracia direta eletrônica começou no Brasil, muitas coisas mudaram. O povo aprovou a auditoria da dívida externa. Em seis meses, ficou comprovado que a dívida já fora paga com sobras. Decretou-se moratória. Os investidores ameaçaram retirar o dinheiro do Brasil, mas, como nossos negócios são seguros, se aquietaram. A auditoria das terras também foi aprovada e culminou com a Reforma Agrária esperada há séculos. O povo também aprovou diretamente a retomada das nações indígenas Waimiri Atoari e Raposa Terra do Sol. Elas haviam sido alardeadas como independentes do Brasil pelas corporações internacionais camufladas de ONGs para que as mesmas explorassem com exclusividade as riquezas amazônicas.

Outras deliberações estavam em andamento: a auditoria e reestatização das outroras estatais que foram privatizadas com perdas para o povo brasileiro; a revitalização de todo o rio São Francisco e a democratização do acesso à sua água. A proposta mais badalada é a de refazer a transposição do rio São Francisco para que a água irrigue o semiárido nordestino e não as áreas já ricas às quais fora originalmente destinada. Mas como a questão é muito técnica, o povo tem participado pouco e ela tem sido votada pelos parlamentares mesmo.

Outras propostas de pouca repercussão chegaram até à Câmara Virtual Federal por aprovação dos representantes de municípios e estados e foram decididas pelos deputados e senadores mesmo: o envio de um brasileiro a Marte foi aprovado, mas a estranha proposta de reforma arquitetônica da concha plenária do Senado Federal foi rejeitada. Seus propositores argumentavam que, se agora realmente todo o poder emanava do povo, a concha do Senado Federal, hoje voltada para baixo, representando os estados federados, deveria ser reformada para também ser voltada para cima, da mesma forma que a Câmara que representa o povo. Os brasileiros, a maioria indiferente à proposta, a rejeitaram, porque entenderam ser a mesma irrelevante. O poder dos estados continuaria simbolizado, porque este, igualmente do povo emanado, manteria a tradição da federação de estados e a beleza do cartão postal.

Mal chego em casa, uma angústia invade meu peito. Aliso meu cachorro, tomo um banho e me deito. Meus sentimentos me atraem para algo ruim que se esboça. Não era Manhattan. Minha mente era atraída para um salão nobre

de um hotel em uma ilha particular no Pacífico. Meu corpo tremula e eu não mais estou preso a ele.

Conspiração “ZHAARP”

– Não deixaremos que esta anarquia continue assolando o mundo. Diz um bigodudo senhor no meio da imensa mesa de sessenta lugares ocupados.

– De hoje não passará, senhor Karl Mittali. Apresento-lhes o plano que nossas corporações deverão seguir.

Todos olham ansiosos para o grande holograma que surgiu no alto da mesa. Walton Lee Rockefeller prossegue:

– Vejam esta constelação de satélites ao redor da Terra. A maioria deles está equipada com canhões Zhaarp que, disparados em direção a todas as cidades da Terra, inutilizarão todos os equipamentos eletrônicos. Será o fim da Internet e com ela todas as mobilizações que atentam contra a liberdade dos empreendimentos.

– Mas, sem Internet, como ficarão nossos negócios? Se voltarmos à era do papel, dos contratos através de correios, nossos lucros cessarão. Diz um gordo senhor.

– Muito simples, senhor Carl Johnson. A partir de amanhã passará a funcionar a mundial rede fotônica, a única imune aos pulsos Zhaarp. Todas as nossas operações passarão a utilizá-la. Diferente da Internet baseada em eletrônicos e totalmente descontrolada, a rede fotônica (que utiliza somente raios luminosos) será centralizada e apenas os conteúdos que nos interessam tráfegarão por ela. Devemos firmar agora o compromisso de que nossas Indústrias nunca mais produzirão eletrônicos. Tiremos assim a ferramenta com que os baderneiros se mobilizam e retomaremos o controle do mundo, a tranquilidade dos nossos negócios.

Todos aplaudem exultantes. Pequenos hologramas em frente de cada magnata coletam suas assinaturas biométricas. Cada corporação recebe uma parte a ser cumprida no plano. O grande holograma central se transforma em um imenso cronômetro em contagem regressiva, mostrando o tempo inicial de seis horas, seis minutos e seis segundos.

Explosões

– Fora! Fora! Fora! Traidor! Fora! – Gritava a multidão ensandecida empurrando o careca senhor quarentão pelos corredores da Escola de Tecnologia. O burburinho se arrastava em direção ao Grande Auditório. – Acha que vai poder se explicar?! – Gritava um professor corpulento em meio aos acotovelamentos. A alunada pendurada nas escadas e nos parapeitos do primeiro andar gritava e atirava bolas de papéis, cestos de lixo e pratos sujos de merenda no assustado e pálido diretor que passava embaixo.

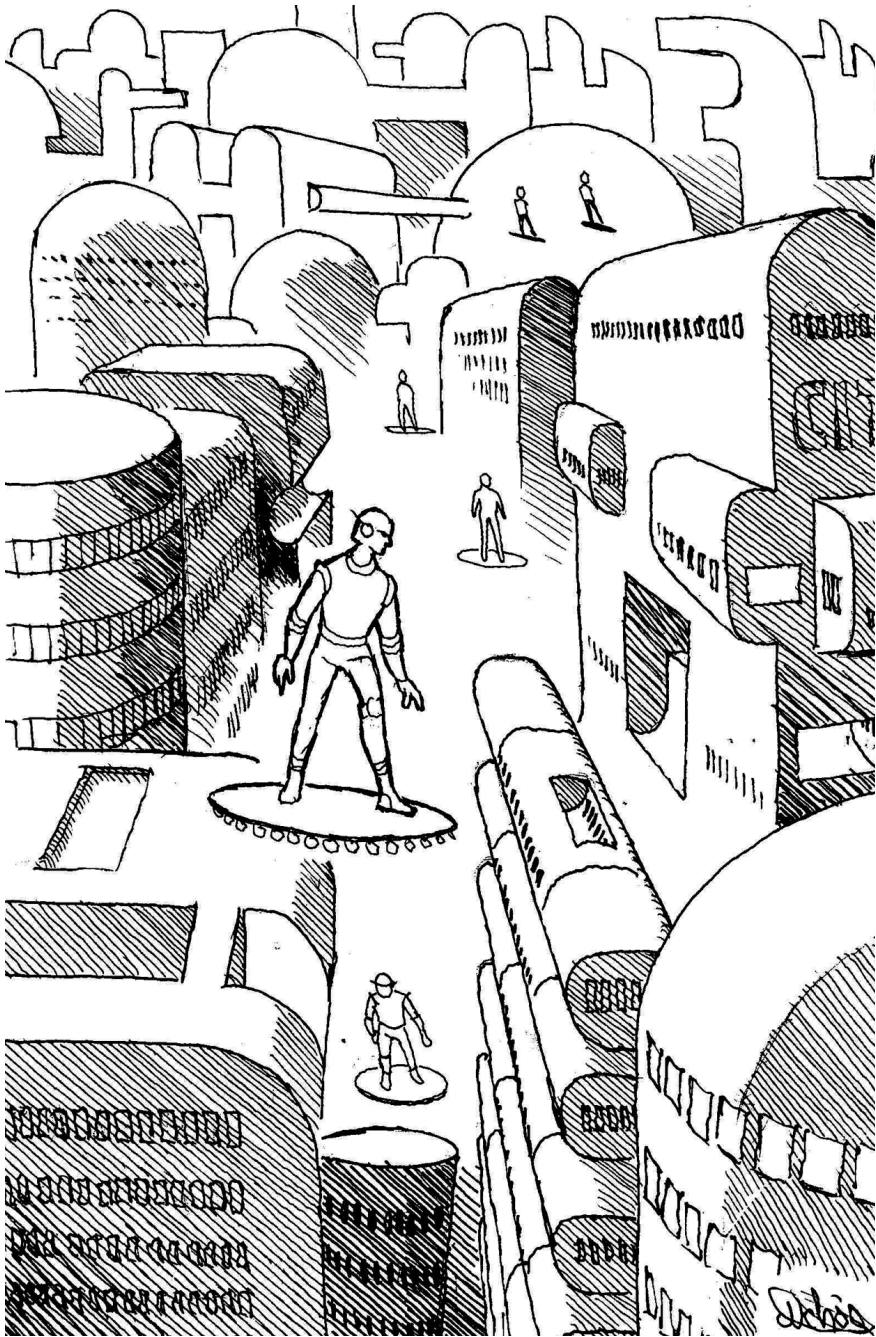
– Vamos, Franzé! – Me chamava Helenice. – Este ano de 1998 será um marco em nossa Escola. Hoje conhecerão a nossa força estudantil.

– Agora é a hora da verdade. – Assenti com a cabeça.

Eu e Helenice engrossávamos a multidão. Do meio da balbúrdia, eu observava tudo, curioso e espantado. Mais surpreso ainda pela certeza de já me lembrar daquilo tudo antes que realmente acontecesse. Como eu poderia me lembrar do que ainda não havia acontecido? Esta foi mais uma razão pela qual resolvi escrever tudo o que acontecesse. Seria uma forma de procurar entender o que estava se passando comigo e com o mundo.

No dia em que tudo começou, acordei no meio do nada. Nada mesmo, nem em cima nem embaixo de nada, nem eu mesmo. Estrelas em breu se fizeram perceber lentamente. Quando apurei meus olhos, percebi que eles enxergavam em todas as direções ao mesmo tempo. Ao longe, uma esfera azul-esverdeada saía da penumbra com que encobria um gigantesco Sol amarelo. Foi aí que percebi onde estava e faltou-me fôlego. Talvez tenha sido psicológico, porque depois senti surpreso, que não precisava respirar. Não sentia o ar nem o vácuo, nem frio nem calor. Somente medo.

Minha vontade era a de me recolher àquele pálido ponto esverdeado que se afastava rapidamente. Como se meu desejo fosse um propulsor, ele me atirou naquela estranha atmosfera, tal qual um bólido que não queima. Na aproximação, percebi uma gigantesca esfera prateada cheia de luzes que cru-



zava aqueles verdes céus no sentido contrário, deixando um rastro de vapor em sua trajetória.

Em mergulho, via uma superfície acidentada serpenteada por rios, mares e montanhas. Em seguida, distinguia florestas e, em meio a elas, clareiras cheias de luzes e minúsculas formas retas. Distinguindo uma cidade, pouso espantado, mas acolhido, próximo a uma estranha construção.

Um humanoide de compleição esbelta e pele acinzentada se aproxima do prédio. O estranho se equilibra em cima de uma base metálica plana que flutua, reduzindo tanto a velocidade quanto a altitude em direção a onde eu estava.

O crepúsculo extingue-se progressivamente desfraldando um espetáculo de estrelas no céu daquele planeta, num belo anoitecer com três luas ascendendo no rubro horizonte.

O planador aterriza num magnífico jardim de rosas multicores fluorescentes. Seu passageiro salta daquele objeto que mais parecia um disco de um metro de diâmetro e poucos centímetros de espessura, repleto de pequenas luzes coloridas. Aquilo devia servir para transporte individual rápido.

Digo “Olá!”, mas o humanoide caminha sem dar sinais de perceber a minha presença. Segue a passo síncrono até um cilindro energético esverdeado, em que raios luminosos percorrem seu corpo e uma voz robótica exclama, numa língua que desconheço, mas cuja ideia me chega à mente de alguma forma:

– ACESSO PERMITIDO! BEM-VINDO AO LAR, SENHOR SMELSON*.

A parede cinzenta à sua frente assume a aparência de um círculo azul metálico e o ruivo e alto senhor atravessa-o como se o obstáculo não existisse. Atravesso-a também e ninguém me percebe. Saúdo com uma boa noite o trio familiar que o aguardava na confortável sala. É uma sala de estar escurecida, onde se divisam silhuetas de pessoas e de objetos.

– Veja, pai. – Diz um garoto apontando para uma bola prateada se movendo entre eles no simulado espaço estrelado daquela sala. – A Cosmos II acabou de decolar rumo à zona segura de experimentação.

– Sim Frewly*. À velocidade da luz, a nave deverá chegar lá em dez minutos.

– Torço para que tudo dê certo. – Diz uma senhora ao acionar o artefato luminoso que se posiciona no centro do grupo em forma de mesa. Emergem de seu interior cilindros transparentes que provocam uma inundação aromática e deliciosa em toda a sala.

Os hologramas do espaço sideral somem aos poucos e uma luminosidade amarelada invade o ambiente.

– O Jantar de hoje é um especial estráfio¹, produzido no planeta Astart* do sistema estelar Relim*. Diz a elegante senhora.

– Parabéns querida! Você realmente adivinhou o que nós queríamos comer.

– Obrigada, meu bem. Meu instinto maternal sempre acerta. – Gaba-se.

– Gentileza sua com a mamãe, pai. Mesmo que o instinto dela falhasse, ela ainda poderia contar com a comunicação psíquica direta.

Todos riem da observação de Frewly. Menos eu, incógnito e meio por fora.

– Ah! Já ia me esquecendo. Está na hora do inédito *show* ao vivo dos Rêmilis*. Vamos participar antes do grande momento da Cosmos II. – Fala o patriarca enquanto aciona psiquicamente a projeção holográfica que faz surgir ao redor do grupo os artistas de um esdrúxulo espetáculo de dança, som e efeitos que se realizava a anos-luz de distância. – Ainda bem que nosso comunicador taquiônico está funcionando devidamente. Só assim podemos participar ao vivo de todos os programas da galáxia. Os três juntam-se aos avatares holográficos e todos dançam e cantam alegremente. Olham-se eternamente, riem, pulam e brincam.

1. Notado Franzé – Algumas palavras me chegaram incompreensíveis à mente. Talvez porque a comunicação se dê por ideias e não por fonemas, e como eu não possuo ideias correspondentes a estas palavras, elas não equivalem a nenhum som que conheço. Assim, tomei a liberdade em substituir estes sons esquisitos por palavras que de alguma forma se pareçam com eles.

– Chegou o momento! – Diz o pai quando percebe que o ambiente mudava. Novamente estávamos inundados de espaço sideral. A prateada esfera diminui sua velocidade relativa às estrelas, planetas e aglomerados estelares que formavam o fundo da cena. Ela estabiliza na órbita de um planeta terrroso e seu satélite, ambos sem atmosfera e cheios de crateras. Quatro quartos de esfera oca se desprendem ordenadamente e param equidistantes da nova esfera agora a descoberto.

Os três kelpscianos cinzentos se abraçam e observam apreensivos.

– Conforme as energias envolvidas no experimento, diz Smelson, a zona segura possibilitará que, em caso de algo sair errado, nem mesmo as areias do Planeta Drynner* serão sopradas.

Os quartos de esfera inundam o espaço entre elas com uma azulada luz. A esfera no centro começa a ficar transparente. Transitando entre a translúcidez e a opacidade, começa a encolher aceleradamente até sumir. De repente, os quartos de esfera se amassam em direção ao núcleo como folhas de papel alumínio e a face do planeta Drynner, voltada para o experimento, se esfacela progressivamente.

A família se abraça mais forte. Sabem que alguma coisa saiu errada. Os pedaços montanhosos do planeta voam sugados em direção ao invisível, deixando à mostra o luminoso núcleo de magma planetário. Enquanto o moribundo planeta e sua lua são engolidos por aquele nada, a imagem aumenta como que dele se aproximasse. Esta imagem segue como uma sonda filmadora em meio aos novos asteroides igualmente sugados até que a mesma se apaga. A sala da família Kelpsiana retorna à fria luz.

Eu me desespero. Quero saber o que está acontecendo. Minha vontade lança-me de súbito na órbita daquele planeta. Vejo distante um disforme anel de luzes multicores que se expande aceleradamente, engolindo tudo ao seu caminho, com seu centro escuro, e vindo em minha direção. Olho para o planeta abaixo de mim. Inúmeras famílias para um trágico destino. A mais distante das três luas começa a se despedaçar.

Lanço-me novamente em direção àquela cidade, à casa. Eles estão abraçados, mas para minha surpresa parecem tranquilos, resignados. Depois não

mais se abraçam. Apenas se dão as mãos e fecham placidamente os olhos. O patriarca apenas diz: – Nos reencontraremos em breve.

Sinto que tudo é muito rápido, mas talvez minha estressada aceleração mental me fizesse ver tudo em câmera lenta. Assistio seus rostos se deformarem, até sangue amarelo e ossos marrons serem expostos. A casa e seus objetos se deformam igualmente. As cidades, rios, florestas e montanhas se misturam num caos destruidor e eu fujo dali desesperadamente.

Ainda volto meu olhar para a região cataclísmica. Fico surpreso por ver que havia me distanciado tantos milênios-luz em tão pouco tempo. Vejo estarrecido a imensa nebulosa com suas três supernovas a serem lentamente devoradas por aquele buraco negro.

Acordo ofegante, suado e assustado. Era muito real para ter sido apenas um pesadelo. Suspiro de alívio. O sol já vai alto e eu tenho aula e amigos que me esperam na Escola de Tecnologia.

Politicagens

Na mesma dia em que tive meu primeiro pesadelo realista num estranho espaço-tempo, deslumbrei-me ao chegar à Escola.

Cartazes por todas as paredes: “Grêmio 96, vote chapa 3”, “Vote ELO, chapa 2” etc. Nunca tinha visto tal disputa por um simples grêmio. As três chapas de partidos políticos espalhavam material impresso de primeira qualidade. Quanto dinheiro investido ali? Dinheiro de alunos lisos? As outras duas chapas eram divulgadas apenas com folhas de caderno escritas à mão ou xerox vagabunda. Concorrência desleal. Destas duas, uma era dos alunos livres e a outra era de alunos “porralôcas” que tiravam sarro de toda aquela politicagem.

Moura e seus colegas livres, de cima do telhado sobre o grêmio, fixavam um imenso cartaz. Um gigantesco “2” pintado de vermelho à mão tomava toda a parede do segundo andar até o térreo. – Estes caras são malucos. – Concluí, encostado no alambrado azul da piscina, observando, junto com a colega Helenice, o fim daquele trabalho. – O que é que o Moura, um cara que só pensava em Astronomia e computadores, queria se metendo com esta perda de tempo?

– Ele deve ter suas razões que a nossa razão desconhece. – Sugeriu Helenice, a morena garota cabocla que me encantava com as palavras tanto quanto com a beleza da pequena cicatriz em meia lua que trazia simetricamente na testa.

– Olá, grande Franzé. – Ouvi a grossa voz de Maurício, enquanto meu ombro era tocado por sua pesada mão. – Está vendo a baderna que estes desocupados estão fazendo?

– Pois é, ainda bem que acaba hoje. Você já votou? – Pergunto, enquanto observo o Moura se aproximando.

– Eu lá vou perder meu tempo com isto. Grêmio é coisa para quem não quer “ovo” com a vida, de quem não quer estudar. – Gesticulava Maurício, com seus corpulentos braços, enquanto eu observava uma cicatriz circundando o seu pulso direito como uma pulseira irregular. Ultimamente eu andava curioso com as marcas corporais das pessoas. Que histórias cada uma delas

encerraria? Eu mesmo andava intrigado com a que eu possuía. Nem minha mãe sabia explicar o que aqueles dois círculos concêntricos foram parar a meio palmo acima de meu umbigo.

– Eudiscordodevocê, Maurício. – Replica Moura, enquanto tirava a sua da camiseta como qual trabalhava. Aproveitei para observar as duas cicatrizes do diâmetro de um lápis sobre o peito esquerdo espaçadas uma polegada. – É verdade que temos observado nos últimos gremistas uns diretores que só usam o Grêmio para namorar, jogar “War”, RPG e conversa fora. Nenhuma ação em prol dos alunos. Só sabem organizar calouradas. Mas, diante do sucateamento de nossa Escola, penso que utilizar o Grêmio para pleitear novos laboratórios, livros e professores é coisa para quem quer estudar, sim. De quem quer uma escola decente.

– Rapaz... – Maurício retoma. – Temos que nos preocupar com nossas notas nas provas e só. Se eu não gosto da Escola como ela é, me matriculo em outra e pronto.

– Outra pública e gratuita como esta? – Moura rebate. – Só se for em outro estado da Federação.

– Quem disse que eu me referi à Escola Pública? Quem teve condições para pagar cursinhos preparatórios para ser aprovado nesta escola, deve poder custear um curso particular completo.

– E o que fará o aluno pobre que não tem como pagar?

– Hahaha, meu caro, Moura. Estes já são minoria. Que diferença farão? As escolas boas deveriam ser todas pagas mesmo, tal qual já acontece com as escolas primárias. Assim, teríamos menos concorrência no vestibular.

E deixar público apenas o ensino superior, o filé mais caro, para onde só quem tem grana para ir pra cursinho consegue entrar. O pobre estuda no péssimo público básico e se quiser se graduar, paga uma faculdade particular, e quem tem grana, faz o inverso. Meio injusto, não?

– Esta é a lógica individualista que predomina em nosso tempo mesmo. – Observa Helenice, enquanto o grupo, agora mais acalorado, fecha o melhor círculo sob o frondoso pé de Jambo em frente à piscina.

“CientiFé”

O cheiro de cloro se mistura aos de grama pisada e das frituras que são preparadas na cantina mais além. Eu gosto de ouvir aquela garota, apesar de ser avesso à sua religiosidade.

– Nós preferimos que seja negado ao outro o direito de acesso ao saber que alcançamos para que possamos mais facilmente nos sentir maiores. – Prossegue Helenice. – Fazemos nossa superioridade através da inferiorização do outro. Disse o biólogo Humberto Maturana que somos a única espécie animal que se comporta assim: não basta ter o necessário para viver, nós queremos acumular e negar ao outro o ter e o ser. Ele diz que não entendemos direito o Darwinismo.

– Minha cara Helenice... – Responde Maurício. – Então porque você não experimenta ceder sua vaga na escola a alguém que não teve acesso? Como você ficará neste mundo onde só vemos cobra engolindo cobra para ter mais que o outro?

– Eu ceder minha vaga fará diferença relevante? Se em vez disso eu me ajudar, concluindo meus estudos e trabalhando, procurar ajudar outras pessoas a terem uma boa escola também, aí sim. Penso que a mudança tem que ser na forma como a maioria se comporta diante do outro. Tarefa difícil no mundo atual, já que ou nosso ateísmo ou nossa religião predominante nos diz que eu só tenho uma vida e ao fim dela ou não há mais nada ou basta pedir perdão a Deus para garantir uma eternidade tranquila. Isto nos incentiva a achar que podemos fazer tudo que nos permita tirar o máximo de prazer e conforto da vida, independente se com isto fazemos sofrer nosso semelhante. E se após esta vida nós nascermos novamente e tivermos que viver no mesmo mundo que ajudamos a flagelar com nosso egoísmo competitivista?

– Não creio nestes dogmas religiosos. – Resolvo interferir. – Nada comprova que alguma teoria sobre a nossa existência ou não após a morte esteja correta. Mas penso que independente disto, devemos conduzir nossas ações segundo a regra de ouro de Kant. Agir de forma que não façamos ao outro

aquilo que não desejaríamos que fizessem a nós mesmos. Penso que isto minimizaria a possibilidade de colhermos nesta vida mesmo o fruto de nossas ações danosas.

– Pois então, amigo Franzé. – Responde calmamente Helenice. – Vou deixar por um instante de lado a minha espiritualidade e utilizar apenas a lógica. A prova de que somos eternos seria a seguinte: mesmo do ponto de vista mais materialista, onde considerariamos a nossa existência atual como resultado de uma combinação singular de partes materiais específicas, se o Universo é eterno, existirão infinitas possibilidades destas combinações já terem acontecido e de voltarem a acontecer. A maior prova de que aconteceu e que acontecerá novamente após a morte do corpo atual, de que somos eternos, é a de que nós existimos hoje.

– E quem garante que nosso Universo seja eterno? – Pergunto secamente.

– Ele teve um início, mas Deus o criou para ser eterno. Responde Helenice.

Ao que Maurício retrucou:

– Só porque somos finitos e mortais, somente entenderíamos a Natureza se a mesma tiver também um nascimento e uma morte? – A palavra morte me trouxe à lembrança aquele esdrúxulo pesadelo da noite anterior quando assisti a um buraco negro despedaçar uma família, sua cidade e planetas. – Em vez de requerer um Deus eterno que crie o Universo, não seria melhor supor que o próprio Universo sempre existiu e sempre existirá?

– Sua navalha de Occan é válida, Maurício. – Reforço. – É mais aceitável uma teoria com menos elementos a serem explicados. E eu prefiro a do Universo auto-suficiente com uma entidade apenas, o Universo, do que a criacionista com duas: Deus e o Universo.

Ao que Moura responde:

– Eu prefiro Espinosa, que vê Deus e o Universo como a mesma coisa. Afinal, quem ou que seria Onipotente, Onisciente e Onipresente, atributos de Deus, senão o próprio Universo que possui todas as energias, contém todas as consciências e está em toda parte?

– Entre filósofos e religiosos... – Arrematou Maurício. – Eu prefiro os físicos contemporâneos explicando o Universo. A Natureza é o que é. É o que mostram nossos experimentos: bela, misteriosa e inconsciente.

– Esta nossa ciência... – Respondo. – Ela está tão perdida quanto a Astronomia Medieval. As nossas duas Físicas totalmente incompatíveis entre si, a Relatividade e a Quântica, nos fazem voltar a crises similares entre os epiclos de Ptolomeu e as leis de Kepler como modelos para tentar explicar os movimentos dos planetas no céu. Cada uma baseada em um modelo matematicamente perfeito, mas diferentes. Em certo grau de precisão igualmente adequadas para prever e explicar o que se via nos céus, até que telescópios mais precisos mostraram Copérnico, Kepler e Newton mais adequados.

Hoje, a Relatividade explica os objetos maciços, mas falha em nível subatômico. Já a quântica se sustenta sem considerar massa nenhuma nas partículas. Se os experimentos não encontrarem o bóson de Higgs que incluiria a massa, a materialidade necessária no modelo, a Física Quântica estará perdida. E o pior é que a crise científica de hoje não se resolverá com melhoria de precisão. Pior ainda é que esta indeterminação, similar à Idade Média, abre espaço para todo tipo de especulações e charlatanices místicas.

– É verdade, Franzé. – Reforça Maurício. – Tomara que saíamos desta indeterminação quântica e voltamos à capacidade em prever precisamente os fenômenos. Mas como conseguiremos entender o microcosmo se nós mesmos todos os instrumentos utilizados para perscrutá-los são macrocósmicos?

– Bem amigos, levei esta pergunta na cabeça até nossa próxima conversa. – Diz Moura. – Vou agora tomar um belo banho e trocar de roupa. Afinal, aquela entrevista para as duas vagas de professor de Física ainda está de pé, né, Maurício?

– Está sim. O professor Omar nos aguarda no Colégio Independência daqui a uma hora. Você irá também, Franzé?

– Sim. Sempre sonhei ensinar Física. Além disto, estou curioso para conhecer este professor de quem você fala tão bem.

Com isto os amigos se despedem e cada um toma seu rumo. Maurício resolve ir na frente e nos encontrar no colégio. Eu, com fome, só pensava em

atravessar a rua e, na padaria em frente, comer umas esfirras com guaraná. Eu nem imaginava o que estava para acontecer comigo.

Caminho, saindo da Escola. Quando atravesso a portaria do aluno, tenho uma súbita lembrança de minha nova paquera cruzando comigo no pátio logo à frente e me dando um beijo. Mas lembrança de quê, se eu nunca a beijei? Também não seria um “déjà vu”, posto que eu não a via em nenhum lugar naquele momento. Prossigo caminhando. Para minha surpresa, vejo Cristina subindo as escadarias e me olhando nos olhos enquanto caminhamos um em direção ao outro. Sem que eu lhe insinuasse nenhuma ação de beijá-la, ela me abraça forte, me dá um profundo beijo de língua, larga-me e se afasta com olhos melancólicos para dentro da Escola.

Meio atordoado, sigo em frente com minha fome. Começo a descer as escadarias e outro cintilo de memória me sobrevém com um susto de um ônibus freando gritantemente e me jogando longe com seu paracheque violento. Quando volto a real, meus pés já estão no meio-fio enquanto o mesmo ônibus já voa em minha direção.

Precognição

Paro de súbito ao meio-fio da calçada na ponta dos pés e o mesmo ônibus da lembrança me tira um fino. Trêmulo, suspiro de alívio.

Meio sem fome, devoro enfim as esfirras. Penso em como seria fisicamente possível que imagens futuras me chegassem à mente. Impossível! Imagens precisamente iguais? Isto contraria todo o princípio da causalidade científica e desafia a razão. Isto seria precognição? Espécie de dom profético? Só em pensar em palavras místicas, meu ceticismo me reprova horrorizado. Contudo aconteceu. Mas foi mera experiência pessoal. Somente tem valor para mim mesmo. Nem pensar compartilhar isto. Não é possível demonstrar para terceiros e muito menos reproduzir cientificamente.

Enquanto apanho um ônibus, agora menos ameaçador, fico remoendo uma explicação racional. Após vagar quase todo o percurso, finalmente uma ideia me surge: segundo a Teoria da Relatividade, somente para algo que se mova acima da velocidade da luz é possível viajar ao passado. Ora, mas está prevista teoricamente a existência de ao menos um tipo de partícula que se comportaria assim: o táquion. Será que nosso cérebro emite e capta ondas taquônicas e por isto minha mente de agora, em ressonância com minha mente futura, consegue captar os táquions que ela emitiu no futuro para o passado? Seria por isto que me lembro do futuro?

Desço do ônibus, caminho até o colégio Independência e no laboratório de Física encontro meus amigos. Maurício me apresenta o professor Omar. A proposta é interessante, mas não aceito, por enquanto. Moura e Maurício acertam lecionar a partir da próxima semana.

– Tudo certo então. – Diz o professor. – Maurício me contou que vocês gostam de Astronomia.

– Sim. – Respondo. – Tenho um telescópio em casa e observo solitariamente o céu há alguns anos.

– Eu também. – Diz Moura. – Costumo ir de vez em quando ao Observatório onde meu primo trabalha.

– Que tal todos nós fazermos juntos as observações e fotografias da conjunção de Vênus, Saturno e Lua no próximo sábado final da tarde?

– Excelente convite. – Diz Moura. – Estarei lá.

– Então vou dizer o endereço. Fica na...

– Espere, professor! – Interrompo-o após um novo lampejo de memória. – Fica na rua do trilho do trem que cruza a Avenida José Bastos, em frente a um grande pé de castanholas, numa casa amarela de grades de ferro vermelhas, onde dentro há um Opala azul sendo consertado?

– Exatamente! – Responde pasmo o professor. – O encontro será na casa dos meus pais. Mas não me lembro de ter dito a ninguém onde meus pais moram.

– Como você sabe, Franzé? Nem eu que conheço o Omar há tempos e nunca havia ido à casa dos pais dele não posso saber onde fica, ainda mais você que o conheceu apenas agora.

– Não sei como, mas lembro que já estive lá. Há uma escada de ferro preta em espiral do lado esquerdo do Opala, onde subiremos com os equipamentos até a laje da casa. Lá faremos as observações. O professor Omar nos deixará sozinhos boa parte do tempo.

– Realmente, confesso que terei dificuldades em passar o tempo todo com vocês. Farei as astrofotografias lá, porque será no dia do aniversário de casamento de meus pais e quero estar próximo deles. Mas não há nenhuma festa programada, assim, penso que ficarei com vocês a maior parte do tempo.

– Nos encontraremos lá então. – Diz Moura. – Eu tenho que ir agora.

– Aproveito e vou com você. Pegamos o mesmo ônibus.

Os quatro apertam as mãos. Eu e Moura caminhamos em direção ao ponto de ônibus.

– Teve uma coisa que lembrei, mas achei tão absurdo e constrangedor que não falei na frente do professor. – Recomeço. – Lembro que ao fim da

tarde ele não consegue mais nem subir as escadinhas. Deverá ter bebido muito e nos pedirá para descer os equipamentos.

– Cara, que fenômeno é esse que aconteceu com você?

– Não sei, Moura. Hoje é a terceira vez que me acontece. Hoje escapei de morrer graças a isto. Há tempos que ando tendo sonhos esquisitos. Outro dia, por exemplo, sonhei que em 2002 o rejeitado metalúrgico será presidente do Brasil!

Já dentro do ônibus, após contar alguns casos anteriores e falar sobre minha hipótese dos táquions, concluo:

– É um tipo de fenômeno muito pessoal. Se eu não encontrar alguma forma de controlar e reproduzir isto, prefiro não falar mais sobre o assunto.

O Moura respeitou meu ceticismo e mudou imediatamente de assunto até que ele desceu no seu ponto. Logo depois eu também desci do ônibus.

Bem mais tarde, deito-me na cama. O despertador vermelho marca 23:57. Ao relaxar para dormir, sinto meu corpo vibrar. De olhos fechados, sei que as palmas das minhas mãos tocam o colchão, mas ao mesmo tempo sinto que minhas mãos estão abertas para cima. Minhas costas sentem a firmeza da cama, porém tento equilibrar meu corpo que cai lentamente para um lado e outro como se o colchão não o barrasse. Depois a escuridão profunda, o silêncio absoluto.

Quando abro os olhos, acordo dentro de uma tenda semiesférica transparente. Ainda deitado, vago os olhos entre os grandes parafusos esverdeados de oxidação ou sujos e as placas transparentes que eles mantêm unidos para formar aquele meu iglu. Levanto-me, acoplo meu capacete, ligo o gerador de oxigênio e saio da pequena redoma. Sento-me ao lado de fora, no velho bloco de concreto e cobre.

A madrugada está quente e o céu nublado. Observo o entorno cercado de ruínas. Antes de procurar com os visores infravermelhos qual seria o rumo a tomar hoje, leio no bloco as enigmáticas palavras de cabeça para baixo no cobre: “PATATISARÉ”. Às vezes, antes de dormir, gosto de viajar na imaginação do porquê e quem escreveu aquilo. Por pensar nisto, estranho o

sonho que tive: o ar era transparente, eu e as pessoas não andávamos dentro de escafandros, as construções eram de alvenaria e não estavam destruídas. Devia ser um sonho bom. Hora de voltar à realidade. Terei sorte se encontrar alguma coisa para comer hoje. Se ao menos eu encontrasse o lendário abrigo subterrâneo das corporações Rockefeller...

De repente, vejo o embaçado céu clarear estranhamente bem à frente. Um círculo de luminosidade cresce de forma acelerada. Será que depois de todos estes anos, as pessoas de Gliese resolveram visitar seu abandonado planeta de origem?

Vejo um descomunal bojo esférico aterrisar a alguns quilômetros de mim. Corro ansioso em sua direção.

Sobreviventes e viajantes

Com péssima visibilidade, aciono com dificuldade o dispositivo de visão noturna do meu surrado capacete. Vejo os contornos acidentados: vales de rios e canais secos além de montes de ruínas urbanas a serem ainda transpostos para chegar ao misterioso objeto. Pelo sensor infravermelho, vejo que não sou o único a correr naquela direção. Mas não muitos, somos poucos os que sobrevivem na região. Com meu binóculo sensor, vejo distante muitos destroços ardentes abaixo do bojo ileso. O ar cheira a lixo, aço e concreto queimados.

Ofegante de tanto correr, vejo a parte da esfera que toca o solo ainda muito distante, mas acima de mim a sua curva metálica se perde num horizonte vertical. Se eu fosse um primitivo, acharia que a própria Lua havia caído na Terra.

Espaçadas centenas de metros um do outro, meus amigos param ante a esfera a distâncias similares um do outro, formando um grande círculo e observam.

Saem de dentro da esfera, como se as suas paredes não fossem sólidas, vários humanoides planando sobre discos metálicos. Um deles voa em minha direção. Fico estático, entre o medo e a curiosidade.

Tem a aparência humana, roupas brancas coladas ao atlético corpo, mas pelo rosto vejo que possui a pele acinzentada. É um pouco maior que eu. Tenho a impressão de já tê-lo visto alguma vez. Talvez num sonho. Ele para a três metros de mim, mostra a palma da mão e me fala numa língua que desconheço, mas que de alguma forma a ideia me chega à mente:

– Olá, Humano. Sou Atenísia. Estejamos em paz.

– Olá! – Respondo, trêmulo e ofegante. – Paz também. Chamo-me John Calderas. Mas quem são vocês e o que fazem aqui na Terra?

– John, somos cientistas. Temos observado como seus planetas estão sendo devastados e apenas uma minoria de humanos vivem num meio adequado à evolução. A vossa autoextinção será inevitável. Ajude-nos a ajudá-los.

– Por que vocês se interessam por nós?

– Conheça-nos e você entenderá. Sei que você lembrará.

Fico estático, olhando nos cinzentos olhos daquele ser.

– Venha conosco. Não tenha medo. O medo é o filho do desconhecido. Conheça-nos.

Sobreviver abandonado na velha Terra após seu completo exaurimento tem sido muito árduo. – Medito. – Mas entre o medo e uma possibilidade melhor... Esta alternativa se soma à minha curiosidade. Minha intuição é impelida por cintilos de memória e eu, finalmente, aceito.

Com um aperto de mãos ela me leva até o disco prateado. Mergulhamos velozes na parede da imensa Lua metálica.

Atenísia pousa no centro de uma vasta sala iluminada. No vazio daquele lugar, sou deixado sozinho. Confiro a qualidade do ar e retiro o capacete. Meu corpo começa a flutuar e gira até parar na horizontal. Deitado no ar, minhas pálpebras pesam, meu corpo vibra como nunca e eu sinto crescer e entrar numa escuridão total. Quando abro os olhos, flutuo sem conseguir ver meu próprio corpo. Observo, logo abaixo de mim, no topo de um edifício, um humanoide com olhar vagando na escuridão do céu. Suas feições são familiares. O nome Smelson vem à minha mente. Posso ouvir seus pensamentos.

Experimento novamente

Nem mesmo a eternização havia nos afastado o medo da morte. – Pensa Vox Smelson, enquanto fitava no céu o único ponto luminoso já tocando o horizonte. A ínfima nebulosa estrelar acaba de se pôr com suas três supernovas a serem engolidas por um buraco negro. Elas me parecem familiares. Ele observa agora somente o límpido e negro céu nu de estrelas. – De que nos adianta viver bilhões de anos se ninguém sabe se sobreviveremos ao colapso do Universo?

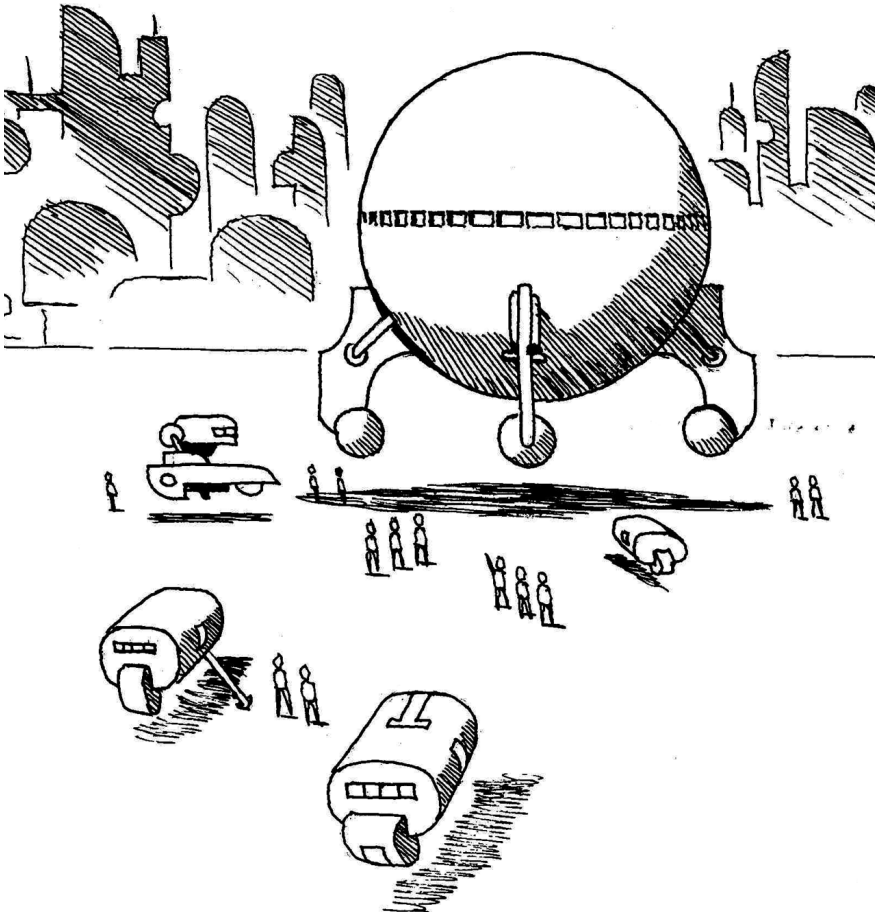
Smelson acionamentalmente suas lentescaptadoras de radiação, fazendo uma membrana escura cobrir completamente seus olhos cinzentos.

– Esta é a fronteira final... – Diz. – Além destas paredes de fogo da radiação cósmica de fundo, haveria outros universos para onde pudéssemos escapar? Ninguém sabe. Nossos cálculos indicam precisarmos de energias inacumuláveis para enviar uma única consciência em frequência hiperluz para além das bordas tetradimensionais do nosso universo.

A membrana negra se recolhe. Os olhos cinzentos agora apreciam o alvorecer.

Uma estrela binária desponta no rubro horizonte do planeta Icestar, prenunciando mais um ensolarado dia em meio às nuvens esparsas. Mas aquele não seria um dia qualquer. Inúmeros carros voadores cruzam os céus de Cosmópolis, pondo em agitação a cidade há pouco adormecida. Ao redor da capital do sistema estrelar Starfire se desfraldam verdes florestas, rios e montanhas que abrigam, artificialmente, a mais diversificada fauna e flora da Galáxia Kelps.

No extremo norte da cidade, em uma enorme planície cercada de exóticas construções, uma cena se delineia: no centro do grande campo, a maior espaçonave já construída naquele planeta, até então. É uma gigantesca esfera, talvez a mesma de Atenísia. Na enevoad Terra meus precários visores não haviam permitido apreciar a beleza daquele artefato. Mas naquela límpida paisagem, observava em detalhes a imensa Lua metálica.



Sketch

Em minha mente, as palavras-ideias de Smelson chegavam claras. A missão era bem objetiva: reduzir espaço-temporalmente a Cosmos III, de modo a permitir experimentar a teoria da existência de minúsculos Universos na composição das menores partículas de matéria conhecida. Uma vez confirmado o fenômeno, a tripulação deveria localizar consciências, eternizá-las e verificar se as mesmas sobreviveriam ou não ao colapso de seus pequenos Cosmos. Esta seria a chave para a eternização definitiva da civilização kelpiana. Fico espantado com isto.

A Cosmos III paira a alguns metros da superfície metálica daquele espaçoporto. Centenas de veículos, equipamentos, andróides, robôs e cientistas a cercavam num ritual de inspeção. O cheiro de mato fresco mistura-se aos indefinidos odores das máquinas. Uma multidão assiste ao grande evento.

Há vários anos, os kelpianos deram início a um projeto desta envergadura, mas a Cosmos I explodira nos testes não tripulados e destruíra muitos sistemas planetários da nebulosa limítrofe, gerando-lhe um buraco negro lateral e três supernovas (quando assimilo estas palavras-ideias, lembro do pesadelo que tive. Um pesadelo dentro de um sonho bom).

Apesar dos danos da falha tecnológica terem sido apenas materiais, o projeto cosmológico foi interrompido por centenas de séculos até que a Cosmos II fosse construída. Porém, nesta segunda experiência, a espaçonave não tripulada simplesmente encolheu subitamente e perdeu-se entre as partículas subatômicas. Agora, séculos depois, com a Cosmos III já havendo demonstrado sucesso em seus testes não tripulados, chegou o momento da expedição.

Na sala de controle do campo experimental, a equipe científica de comando faz os acertos finais para dar início à missão tripulada. Um icarstacianozinho de cabelos esbranquiçados aproxima-se da porta automática e uma luz verdeada percorre seu corpo. Uma voz robótica lhe anuncia permissão de acesso ao coração do projeto. Ele dirige-se placidamente ao atlético comandante da missão cosmológica.

– Smelson, você tem certeza que deseja levar adiante mais esta tentativa de nos manter presos à eterna existência?

– Grande Dabu! Você bem sabe que esta decisão não cabe a nós. Os coletivos conscienciais da maioria dos kelpianos mantiveram sua decisão democrática.

– Mas você ainda tem a escolha de manter o curso normal da aniquilação de nosso Universo e de todas as suas consciências, libertando-as. Basta apenas apresentar aos coletivos uma impossibilidade técnica.

– Não, Dabu. É impossível enganar os coletivos por muito tempo. Além disto, se nós não o fizermos, outros o farão. Não adiemos o inevitável.

Uma voz robótica ecoa na sala, interrompendo o diálogo:

– ESTRUTURAÇÃO PARA TESTES CONCLUÍDA. AGUARDANDO O INÍCIO DO EXPERIMENTO GÊN-773.

Smelson dá as costas ao desolado Dabu e parte em direção aos hangares de saída. Em segundos, seu carro planador cruza os céus e penetra minúsculo na imensa nave cosmológica.

Enquanto transporta-se à ponte de comando, luta contra as angústias de seus pensamentos. – Será que sobreviveremos? Nesta missão? Após enfrentarmos a aniquilação? O que nos aguarda além? – Pensa em desistir. O medo é o fruto do desconhecido... Mas o mistério é a semente das descobertas, que gera o conhecimento e a coragem! Avança resolutamente, assume seu lugar na ponte e brada:

– Iniciemos já o maior experimento da nossa civilização!

Olhares sorridentes e sérios agitam-se.

– Capitão Klin, inicie a contagem regressiva. O processo de virtualização deve iniciar em trinta segundos. Setores V73 e V77 iniciem a alimentação energética do virtualizador. Doutor Jamix! Acione o sistema geral de isolamento modular². Em vinte segundos esta nave não será mais a mesma.

² Isolamento energético que limitava a ação do virtualizador a toda a nave e a alguns centímetros fora dela.

A tripulação da Cosmos III movimenta-se em meio a zumbidos e bipseletrônicos. A expectativa é geral por todos que acompanham o evento por transmissão hiperluz ou presencialmente na plataforma panorâmica. Ouvem-se ruídos crescentes enquanto a regressiva contagem chega ao fim.

– Cinco... Quatro... Três... Dois... Um... Zero!!!

A voz robótica cessa antes de ser substituída por um apavorante barulho, até que se ouve a surpresa voz do doutor Klin em meio ao estranho som.

– Estamos diminuindo de tamanho!!! Toda a Cosmos III está reduzindo suas dimensões!!! Vejo tudo no exterior da nave aumentando vertiginosamente.

– Tenente Clanes – Ordena Vox em meio a uma leve tontura. – Contate-nos com o centro de Cosmópolis.

– Estão um tanto difíceis as transmissões, senhor. Os comprimentos de onda de suas frequências aumentam inversamente proporcionais ao nosso tamanho relativo em grau acima do esperado. – Informa o engenheiro de comunicações, enquanto dedilha nervosamente os controles (certas situações o faziam esquecer os comandos psíquicos aos dispositivos). – Preciso de alguns segundos para concluir os ajustes. Pronto!

Em instantes, um grande cubo holográfico surge no centro da sala de comando da cosmos III, mostrando um cosmopolitano ruivo e esbelto.

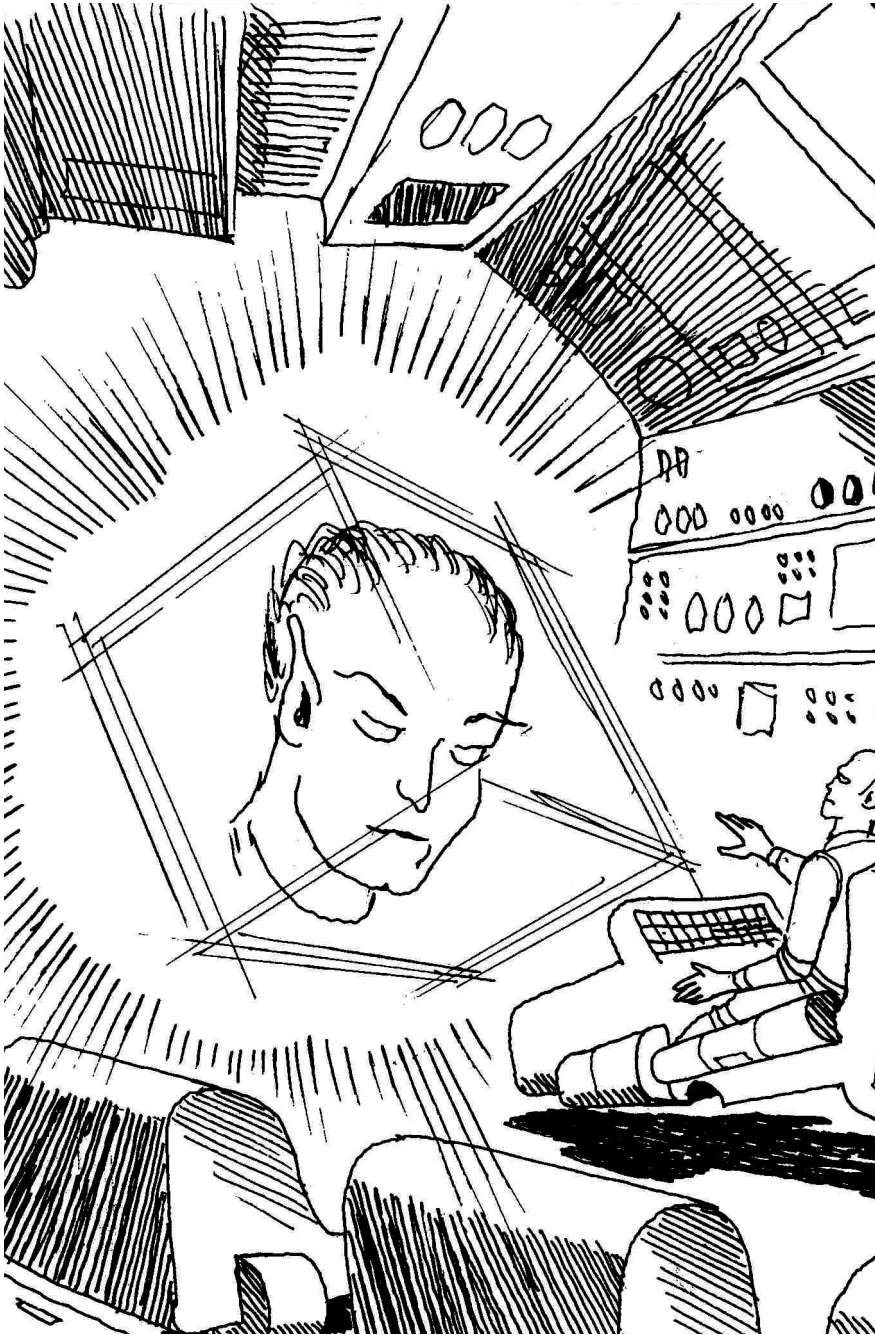
– Doutor Périples. – Diz Vox. – como vê este fenômeno?

– Comandante, estamos surpreendidos com a rápida redução desta nave experimental. Os dados que recebemos indicam um leve desvio entre o teórico e o realizado. Apesar disto, recomendamos prosseguir.

– Nossa equipe de bordo já está formulando as hipóteses. Contudo, continuaremos com a espaço-redução. – Decide Smelson.

– Agora nem percebemos mais a presença física da Cosmos III e...

De repente, o holograma se dilui até desaparecer em meio à mensagem incompleta de Périples.



– As transmissões estão impossíveis. Não teremos comunicação com Icestar enquanto não retornamos ao nosso tamanho padrão. – Informa apressadamente o tenente Clanes.

Os visores da nave mostram o agigantar das moléculas de ar.

– É incrível a situação em que estamos. – Toda a Cosmos III está com dimensões atômicas e ainda continuamos a nos reduzir exponencialmente. Céus! Somos meros integrantes de partículas subatômicas! – Comenta Smax enquanto observa os painéis de controle com gráficos e imagens tridimensionais a mostrarem constante e instantaneamente os dados obtidos da experiência. – É fantástica a imagem que podemos ver nos visores panorâmicos. Sinto-me dentro de um átomo.

– Você está certo, Clanes. Segundo a análise feita pelo neuroprocessador, estamos dentro de um átomo de hidrogênio que estava na atmosfera local do campo experimental. Aquela espécie de planeta branco e semitransparente que aumenta gradativamente trata-se de um mero elétron que circunda o núcleo atômico a bombordo. O fato de podermos ver estas estruturas talvez seja a prova de que existem partículas luminosas nos mais variados tamanhos, sendo captáveis de acordo com as relações “espaçodimensionais”

– Interessante observação, doutor Galik. Por que não experimentamos os propulsores da nave em plena redução? Senhor Klin, propulsione esta nave para o aglomerado de esferas “distantes” a nossa frente. Ordena Smelson a sentar-se confortavelmente na poltrona central de controles gerais.

– Atenção setores P33, P37, e P39, acionem o sistema de propulsão em direção ao núcleo atômico. Ordena Klin aos seus auxiliares.

A nave parte veloz em direção ao seu objetivo. Pelos visores veem-se aquelas astronômicas esferas a crescerem em progressão geométrica tanto pela aproximação quanto pela diminuição da Cosmos III.

– Orgulhosamente, somos os primeiros em nossa história a sobrepor-mos o princípio de incerteza de Plorts. – Comenta Galik. Conseguimos determinar a posição e a velocidade dessas partículas atômicas.

– Provavelmente porque estamos agora tão indeterminados para o nosso mundo quanto estas partículas. – Teoriza Clanes.

– Doutor Smax, verifique as características do corpo mais próximo de nós.

– Ok, Comandante! Ele é diferente dos outros corpos, não possui cargas elétricas e tem dimensões comparáveis ao do corpo positivo mais além. Deve tratar-se de um nêutron!

– Senhor Smelson, os propulsores continuam funcionando perfeitamente bem durante a espaçorredução. Em vinte segundos penetraremos no interior do gigantesco nêutron. – Informa Klin. – Não haverá problemas de colisão, pois a estrutura do objeto a ser penetrado demonstra ter uma densidade muito inferior ao da nave.

Ao que parece, esse imenso nêutron é formado por uma espécie de agregado energético.

– Estamos entrando no interior da superpartícula. Ainda estamos nos reduzindo em PG (Progressão Geométrica). É incrível sermos os pioneiros em conhecertão intimamente as porções minúsculas do átomo, mas preocupo-me com nosso futuro. Será possível neutralizar o processo de espaçorredução?

– Mas é claro, senhor Smax. O virtualizador está fazendo uma espécie de absorção e armazenamento de uma forma energética que existe em toda a matéria da nave. Suponho que se o desligarmos, ele deixará de nos reduzir, já que não armazenará mais energia. – Responde o doutor Galik. – Matéria e energia são movimentos do espaço-tempo.

Estes movimentos podem ser infinitamente confinados em espaços menores. – Prossegue Galik. – Qualquer objeto material possui mais vazio que solidez. Alias, a solidez é sempre aparente. É mera interação de espaços vazios que se movem. Os espaços em movimento dos átomos de nossas mãos se chocam com os espaços em movimento dos objetos que tocamos. Usamos estes vazios para que o virtualizador os encolha fractalmente. Por isto, podemos encolher, enquanto armazenamos energia.

– Setores de propulsão, desativem os propulsores e façam a nave parar no centro geométrico do nêutron. – Ordena Smelson.

O fenomenal espetáculo prossegue em meio as conjecturas dos tripulantes da Cosmos III. Dos visores, vê-se a incrível paisagem externa de aglo-

merados materiais esféricos que surgem como minúsculos pontos e, depois de algum tempo, mostram-se gigantescos, aparentam outros aglomerados e assim por diante.

– Estamos penetrando cada vez mais na estrutura da matéria. É incrível mesmo como existem tantos espaços vazios no interior das estruturas materiais. – Comenta Caliby. – Estamos cercados de minúsculos cintilos. Cada um brilha como um ponto de luz. Se expandem como microesferas, escurecem e somem. Seriam “big bangs” microcósmicos?

– Agora que tudo cresceu mais ao nosso redor, vejam aquele ponto de luz que surgiu e se expande como uma espécie de esfera energética próxima do visor seis. É fantástico, agora tem a aparência completa de um pequeno Universo.

Big Bang microcósmico

Todos os olhares voltam-se para o visor 6. A excepcional imagem de um grande aglomerado de galáxias tão próximas da Cosmos III a aumentar rapidamente causava êxtase aos tripulantes da “grande” nave exploradora. O doutor Smax, antes boquiaberto com a cena, comenta:

– Acabamos de presenciar o Big Bang de um microcosmo. O doutor Zalem tinha razão quando ridiculamente afirmava que existiam outros Universos no microcosmos!

– Atenção a todos os postos de controle do virtualizador! Anule a virtualização assim que as dimensões da Cosmos III estiverem proporcionais a este Universo. Enquanto isso, rumem em direção a Galáxia mais próxima. Vamos investigar a natureza desse microuniverso.

– Sistemas propulsores acionados. Estamos seguindo em direção ao centro da galáxia espiral localizada a $y73d4x47a7$ de coordenadas w neste Universo.

– Continue a aproximação, Capitão Klin. Os setores de processamento de dados já estão em plena atividade. Em instantes, saberemos de detalhes técnicos desta região sideral. – Diz Smelson.

– Comandante Vox, o sistema virtualizador está sendo desligado. Já estamos proporcionais dimensionalmente a este microscópico Universo. – Informa Smax, engenheiro espacial.

A Cosmos III vaga pelo espaço quase a velocidade da luz, dentro da esplêndida paisagem sideral povoada de estrelas, aglomerados estrelados multicores, nuvens de poeira cósmica de vários formatos e outros objetos galácticos variados.

Os cientistas do projeto cosmológico reúnem-se pouco a pouco na ampla sala-auditório da nave para reavaliar todo o desenrolar daquela experiência. Eu acompanho tudo, invisível a todos.

– Até agora a missão tem sido um sucesso. – Resume Smelson. – A espaço-redução foi bem-sucedida e os relatórios indicam que a nave reteve

energia suficiente para a reversão. Nosso retorno está garantido. Passaremos agora à próxima fase: iniciemos o mapeamento de planetas habitáveis nestas duas galáxias espiraladas ao nosso redor. Busquemos padrões de consciências nas emissões de táquions. Deveremos escolher uma raça que tenha maior probabilidade para atingir nosso domínio de memória eterna. Devem ser tão capazes como nós de sobreviverem ao colapso de seu Universo.

– Comandante, acabamos de iniciar a sondagem. – Diz Clanes.

– Devemos nos manter em estado bariônico (mesma estrutura material dos planetas e estrelas deste Universo) até que os mapeamentos estejam concluídos. – Continua Smelson. – Quando precisarmos viajar acima da velocidade da luz em direção ao Sistema estelar escolhido, faremos a virtualização neutra que nos tornará taquiônicos em relação a este Universo (imponderáveis em relação à matéria bariônica). Assim poderemos viajar a qualquer tempo e espaço.

Já temos o mapa das regiões com maior densidade de ondas taquiônicas padrão. – Informa Clanes. – Está ao lado esquerdo da galáxia maior, a dois terços do seu centro, coordenadas $y73d5x23a9$.

– Então iniciemos imediatamente a virtualização e viajemos até as referidas coordenadas.

Após todos se posicionarem seguramente, percebem um zumbido e a visão da galáxia crescendo nos visores até estarem dentro dela. Todos observam, com um leve enjoo, as estrelas e nebulosas locais se moverem lentamente, até que tudo parece estacionar, apesar de os registros indicarem que a nave está próxima à velocidade da luz. Tranquilidade plena ao redor. Smelson quebra o silêncio.

– São 8 horas da manhã cosmopolitana. Toda a tripulação tem o seu receso de meia hora para a refeição matinal. Às nove, quero todos aqui novamente.

Em instantes, os teletransportes cintilam fazendo pouco a pouco a lotada sala-auditório se desertificar. O inverso ocorre com os teletransportes móveis do refeitório central da Cosmos III. Toda a grande nave vaga no automático, concentrando sua vida naquele imenso hangar discoide onde, entre mesas flutuantes e andróides serviçais, os passageiros da kelpiana “esfera” refazem

suas energias físicas e emocionais. Melodias misturam-se aos rumores de vozes alegres e variadas que trocam entre si as mais inimagináveis impressões como se alheios aos infintos lazes que sua tecnologia poderia proporcionar para aquele momento. Talvez já descobriam que nunca poderá haver artificialismo que substitua o prazer do convívio social.

Os minutos passam despreocupados e lentamente os rumores vocais exaurem-se, os teletransportes voltam a cintilar e a música cessa até que o refeitório silencia completamente.

Algum tempo depois, a sala auditório está povoada novamente e recomeçam as análises sobre o projeto Gênesis.

– Temos que considerar um certo êxito em nossa missão – Retoma Galik, depois de revisar os relatórios técnicos do fenômeno de espaço-redução. – De certa forma, o virtualizador cumpriu seu papel de modificar as propriedades físicas da matéria de forma a torná-la indiferente às leis espaços-temporais da matéria comum. Isso porque ao encolhermos, nossas relações de velocidade, tempo e espaço não mais estão ligadas às relações normais de nosso Universo e as podemos modificar para qualquer padrão que imaginarmos.

– Você tem razão. Isso nos traz algo interessante a ser pensado: se diminuirmos, nosso padrão de medição também diminuiu. – Comenta Smelson. – Vimos que em estado normal jamais ultrapassamos a velocidade da luz relativa ao nosso tamanho. Sabemos que a atual velocidade que desenvolvemos é insignificamente inferior até a uma simples caminhada curta de lesma em Icestar. Será que, mesmo em estado bariônico, se conseguirmos reverter o processo de redução atual e aumentarmos de tamanho milhões de vezes, conseguiremos viajar acima da velocidade da luz de nosso universo normal, simplesmente saltando de uma borda de nosso Universo a outra? – A curiosa pergunta do comandante Vox Smelson deixou por alguns instantes a cúpula científica em silêncio. O confortável auditório que tinha ao centro uma grande mesa elíptica suspensa no ar com belas e aconchegantes poltronas ao redor, parecia acusticamente desabitado.

– TZZIILBROOW!!! – O silêncio é quebrado por um ensurdecidor estrondo que faz tremeluzir toda a Cosmos III, derrubando alguns sicristacianos que andavam pelos corredores da grande nave. O alerta geral é acionado.

Barulhos de sirenes ecoam pelas alas e todos entram em pânico. Dos visores panorâmicos avistam centenas de objetos esféricos surgidos instantaneamente do nada, que lançam constantemente ofuscantes raios luminosos coloridos contra grandes estruturas discoides que respondem ao ataque com idênticos artefatos bélicos.

– Estamos em meio a uma batalha espacial!!! – gritou Clanes entre a confusão de vozes.

– Acionem os escudos energéticos e desviem-nos da trajetória desses enxames desconhecidos.

– Impossível, Doutor Smelson! Estamos cercados por todos os lados! – Diz o capitão Klin.

De repente, o silêncio paira novamente no ar, mas agora um gélido silêncio de horror tomou conta de todos. Os passageiros da Cosmos III olham atônitos para os visores. Uma espécie de capa metálica começa a cobrir a nave icestarciana como se esta estivesse sendo tragada por uma enorme boca cibernética.

Quem estivesse a alguns parsecs da nave kelpiana se impressionaria com o movimento treloucado de dois enxames luminosos que se aproximavam mutuamente. Enquanto isto, raios bélicos multicores faziam espalhar fragmentos vários de artefatos pertencentes a ambos os grupos atacantes.

A poucos quilômetros do centro daquele dantesco digladiar espacial, via-se claramente a grande estrutura esférica dezenas de vezes maior que a Cosmos III em pesada aproximação. Estava sobre a mesma de forma a fazer a nave experimental kelpiana entrar em uma abertura circular existente na superfície em forma de calota e que parecia a entrada para um hangar.

– Podemos escapar deste perigo eminente se acionarmos o virtualizador.

– Não faz parte dos princípios éticos dos exploradores científicos, doutor Smax. É nosso dever priorizar a investigação a tudo o que se mostrar desconhecido a nós. Além do mais, se nos reduzirmos, poderemos simplesmente trocar de ambiente perigoso. – Sentencia o comandante sem dar mostras de sua real vontade de desvendar aquele recente mistério.

Capturados

– BREAAANKT!!! – O solo treme após uma seca pancada, anunciando que a Cosmos III depositou-se em alguma superfície sólida e revelando a inutilidade dos escudos energéticos que nem ao menos amorteceram as ondas de choque relativamente insignificantes daquele tipo de impacto.

– Procure uma maneira de entrar em comunicação com esses seres que nos aprisionou, tenente Clanes. Temos que lhes descobrir os objetivos para conosco, além de conhecer-lhes a forma de vida.

– Parece impossível, comandante Vox. Eles não respondem a mensagens telepáticas – Informa o esbelto kelpsiano. Após alguns segundos, prossegue tentando, agora operando mentalmente o sistema de comunicação. – Capto ondas de seus equipamentos mas não consigo traduzir os sinais.

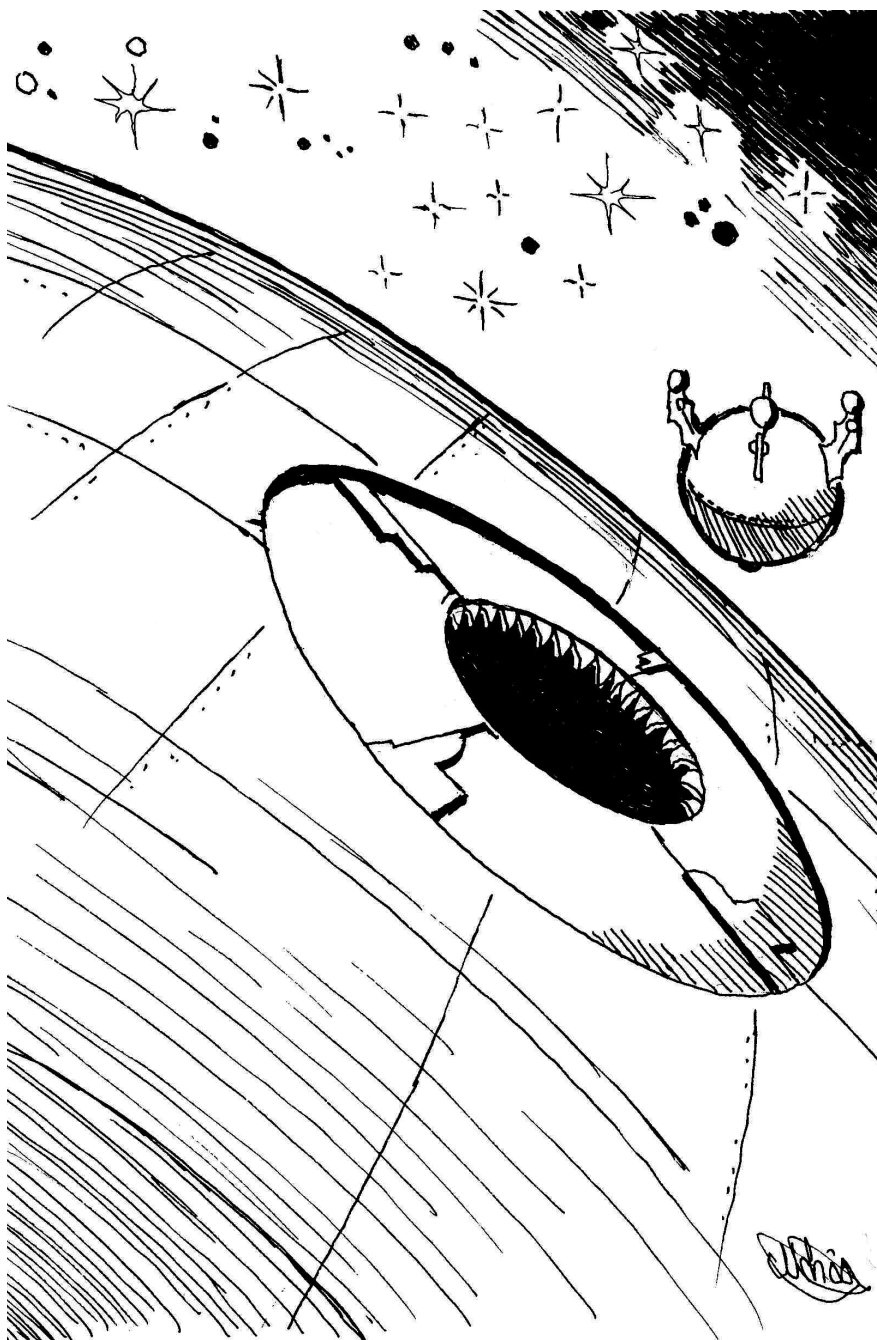
– Mas não devemos ficar parados “degustando” o terror do desconhecido. – Diz o doutor Galik após silenciosa e paciente análise da situação. – Sugiro que busquemos um método de descobrirmos o quanto antes o que nos aguarda lá fora antes que possa ser bastante tarde.

– Só nos resta explorar essa suposta civilização técnica que nos aprisionou no bojo de seu artefato. – Resolve o comandante. – Vamos fazer uma expedição ao exterior da Cosmos III.

– Quero que Smax, o doutor Galik, Klin, a enfermeira Rônit e o capitão Caliby vistam os trajes espaciais e me acompanhem nesta exploração. Os demais prossigam em suas atividades e mantenham a segurança desta espaçonave. O major Estauro assumirá o comando em meu lugar, durante minha ausência.

Minutos após as ordens de Smelson, a equipe expedicionária estava reunida no hangar de desembarque da Cosmos III. Este parecia gigantesco em relação a meia dúzia de icerstacianos entre dezenas de caças espaciais e equipamentos de locomoção auxiliar. Cada um se posiciona sobre um disco planador metálico.

– Doutor Galik, quais os resultados das análises externas? Pergunta Vox.



– Temperatura em torno de trinta graus, pressão atmosférica idêntica a de Icestar, com alto teor de oxigênio e nitrogênio. Nenhum indício de substâncias tóxicas. Temos um ambiente ideal para explorar!

– Mesmo assim, continuemos com nossos trajes espaciais. Não sabemos que perigos nos aguardam. – Decide Smelson antes de um longo suspiro, como se estivesse criando coragem para iniciar o desconhecido trabalho de exploração. Instantes após, aciona telepaticamente o sistema de desmoleculização da parede externa da nave.

O grupo levanta voo sobre os seus discos metálicos e mergulha na parede tremeluzente, atravessando-a em direção ao exterior como se a mesma não existisse. Todos veem delinear-se a paisagem de uma imensidão vazia de um presumido hangar que deixa perplexa a equipe icerstariana.

O grupo aterrissa lentamente próximo ao exterior da Cosmos. Os equipamentos do traje espacial funcionam plenamente, mostrando todos os dados relativos ao novo ambiente a que foram submetidos. Aos poucos, todos caminham afastando-se progressivamente da Cosmos.

Olhando-se ao redor do grupo, tem-se a impressão de estar dentro de uma abóbada metálicamente acinzentada, que não apresenta nenhuns sinais de aberturas ou objetos. O único som que se ouve é dos leves passos de Smax e seus companheiros sobre o duro, liso e metálico piso. Repentinamente, os seis icerstarianos param diante de uma conhecida cena. A parede a frente deles parece tremeluzir como gelo em fusão fazendo emergir de sua superfície um tipo androide quadrúpede que apresenta exóticas formas. O dantesco artefato pareceteratravessado facilmenteaquele obstáculo metálico deixando atrás de si a parede tal qual ela era.

– Parece que eles dominam uma similar tecnologia de recombinação molecular que utilizamos para atravessar corpos sólidos quando estamos em estado bariônico.

O insignificante grupo de icerstarianos permanecia estático de pavor diante daquela estranha maquinaria cheia de segredos. Era cem vezes maior que um icerstariano. Possuía luminárias coloridas que piscavam compassada-

mente, emitia um zumbido tétrico e possuía umas espécies de caixas, cilindros, rodas e esferas que compunham a carapaça daquele horrendo ser.

Naregião superior do androide, existia uma espécie de minúscula cúpula semitransparente que translucidava três silhuetas de seres vivos. Seis discoides de três palmos de diâmetro saem de uma abertura do artefato em direção ao ignóbil grupo.

O doutor Smelson deu uma ordem psíquica para que seus companheiros acionassem os escudos energéticos individuais, no que foi atendido prontamente, visto que ao redor de cada icerstaciano surgiu uma cápsula radiante e semitransparente que os protegeriam de um eventual ataque bélico (ao menos das armas conhecidas pelos kelpsianos). Estes campos de forças individuais não impediam que os discoides perscrutassem ao redor de seus corpos como se os estudassem detalhadamente. Pareciam emitir informações para os três seres que os comandava.

Subitamente, a cúpula do androide abre-se como um olho e os três seres saltam de seu interior, levitam no ar e aterrizam a poucos metros em frente ao icerstacianos.

Humanos

Eram seres humanos. Usavam como roupa uma espécie de prateada segunda pele, mas eram pessoas como eu. Pareciam estar desprovidos de qualquer objeto, o que intrigava os cientistas do projeto Gênesis, já que não concebiam estruturas biológicas com aquela anatomia que pudessem desafiar daquela forma as leis da Gravidade, pois, mesmo sendo seres bariônicos, pairavam no ar aparentemente desprovidos de qualquer recurso tecnológico.

– Como o contato telepático tem falhado com eles, acionem os decriptadores³³. – Ordenou mentalmente o doutor Vox Smelson. Qualquer mensagem emitida a partir da mente desses seres deverá ser traduzida para a nossa linguagem, esse parece ser o único meio de nos comunicarmos com eles.

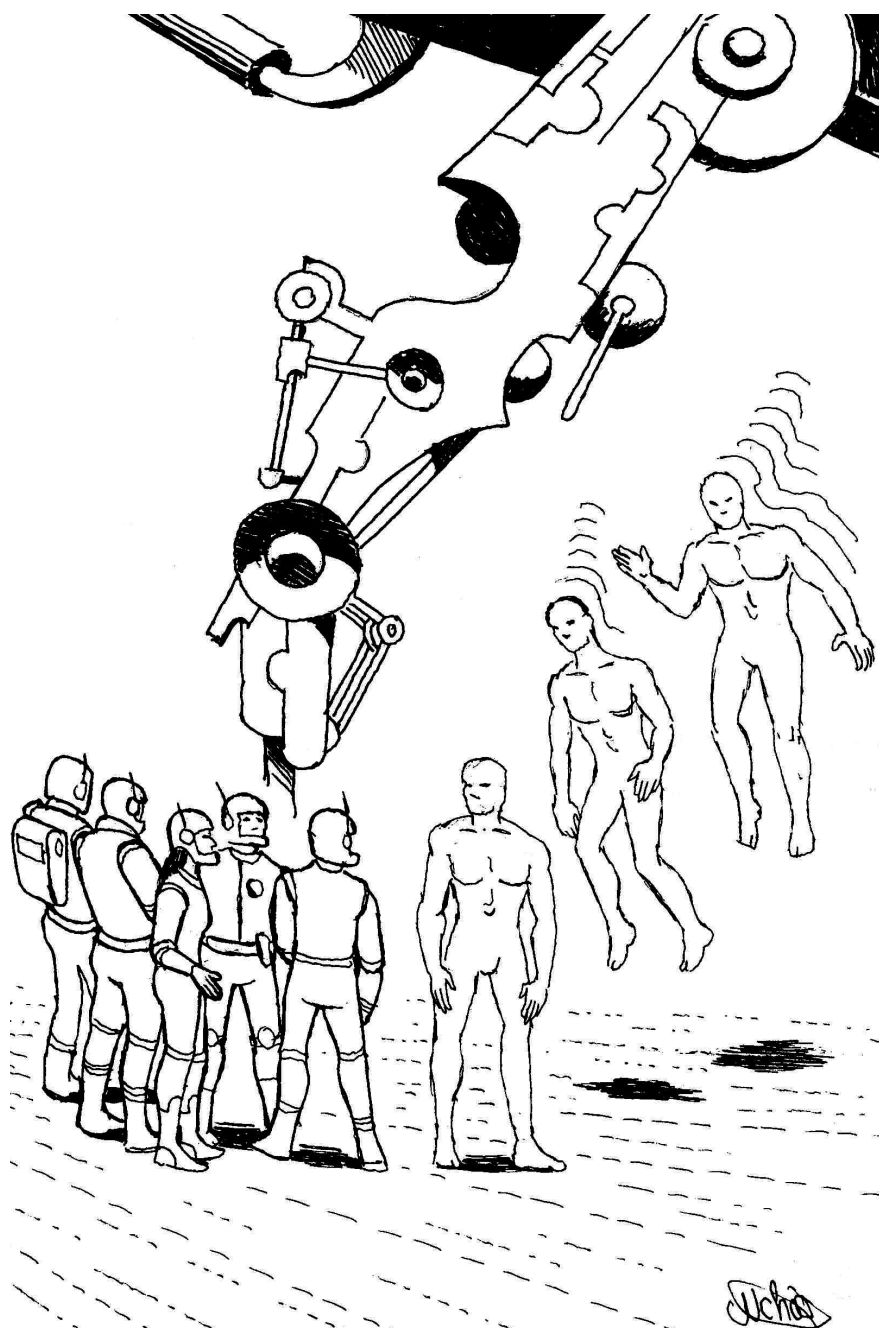
Antes que algum icestaciano acionasse o decriptador, uma voz máscula e clara parte da boca de um dos desconhecidos em forma de interrogação.

– Quem são vocês e o que fazem nesta região da Via-Láctea?

– Somos habitantes do planeta Icestar, da galáxia Kelps. – Responde Smelson confiante. Uma civilização que, apesar de já utilizar táquion em suas comunicações, não evoluiu formas telepáticas de comunicação, não pode oferecer ameaças sérias. Decide contar a verdade, mesmo desconfiando daqueles humanos. – Chegamos até essa região do espaço quando nossa nave reduziu seu tamanho após uma experiência com nosso virtualizador, o que nos tornou menores que as mais insignificantes partículas subatômicas de nosso mundo, uma das quais contém o universo do qual faz parte esta vossa galáxia. Responde firmemente o doutor Vox, tentando disfarçar a surpresa diante da comunicação daquele estranho.

– Meu nome é Andrélio, sou líder do império terrestre que se encontra ameaçado pelos vergulianos. Eles querem sujeitar esta região da galáxia do-

33 Decriptadores – Decodificadores de pulsos psíquicos que recebiam as ideias nesta forma de ondas e as decodificavam para a língua icestarciana. Foi idealizado pelo princípio de que as mentes baseadas em carbono estruturadas por reações eletroquímicas geram pulsos de campo idênticos para idênticos pensamentos. Foi nesta base que foram construídas todas as maravilhas tecnológicas no desenvolvimento da biotônica neural icestarciana.



minando os mundos que ela contém, já que os planetas habitáveis estão cada vez mais escassos. Tivemos que aprisionar vocês porque pensávamos que sua nave era alguma nova arma verguliana, mas já que são cientistas, não há por que não lhes dar as boas vindas.

Seguem-se alguns instantes em que os demais se apresentam e depois Andrélio formula uma nova pergunta para Smelson:

– Quais eram seus objetivos quando iniciou a experiência que os trouxe aqui?

– Planejamos com sucesso a virtualização da matéria e fazer nossa nave reduzir-se até dimensões microcósmicas para que estudássemos as origens e colapsos de outros universos.

– Vocês conseguem se deslocar em velocidades superiores à da luz?

– Em estado material bariônico, pesado como todos nós, conseguimos viajar muito próximos à velocidade da luz. Mas nossa tecnologia de virtualização permite modificar nossa composição para a forma taquiônica sem desestruturá-la. Neste estado leve, nossas naves atingiram até a velocidade de um milhão de vezes a da luz.

– Muito interessante. Nós, humanos, só alcançamos a tecnologia de viagens subluminais. Isto limita nosso raio de colonização economicamente viável a um raio de 30 anos luz.

– E quanto àquela batalha espacial lá fora, ainda corremos algum perigo?
– Pergunta o capitão Caliby.

– Não há com o que se preocupar, os vergulianos foram expulsos das proximidades do planeta Astrat, onde o haviam invadido há pouco tempo. Nós estamos em direção ao Sistema Gliese, nosso novo lar, a Nova Terra. – Responde Clávius, assistente de Andrélio.

– Já que não apresentam nenhum perigo pra nós, vocês estão livres para saírem desta nave no instante em que quiserem, mas os aconselho a ficarem sob nossa guarda até concluírem seus experimentos. Querem conhecer a ponte de comando desta Paris X?

– Seria um grande prazer nosso, senhor Andrélio. Responde Smelson enquanto liga o comunicador holográfico, fazendo surgir a sua frente a imagem tridimensional do major icestarciano das comunicações. – Clanes, nossa expedição foi bem-sucedida. Encontramos amigáveis seres integrantes da civilização técnica que aprisionou a Cosmos III. Iremos acompanhá-los em outros setores desta imensa nave que eles chamam de Paris X.

– Fico feliz em saber desta confortante novidade.

– Então, descansem enquanto as coisas estão calmas.

Subitamente, Vox tem uma sensação de perda de peso e o grupo começa a elevar-se do solo em direção ao androide terrestre.

– Como conseguem dominar a gravidade tão facilmente? Pergunta a enfermeira Rônit.

– Nossas roupas possuem dispositivos que acionam os ejetores de partículas de antigrávions que existem no piso de todos os setores da Paris X.

– Responde Roberfíl. – Contudo, se há alguma coisa que não descobrimos, com certeza, é a essência do funcionamento da gravidade.

– Intriga-me muito o fato de vocês também conseguirem atravessar paredes tão sólidas sem o uso de aberturas. Em nosso planeta utilizamos desmolecularizadores e recombinadores quânticos. – Comenta o doutor Smax, enquanto o grupo se instala confortavelmente no interior da cúpula do androide.

– Também temos o domínio molecular e quântico. Podemos dissociar os átomos de qualquer substância, tornando-a rarefeita por alguns instantes. Diz Andrélio antes do androide imergir na parede metálica daquele hangar e emergir numa sala menor repleta de estranhos equipamentos, dentre eles, algumas espécies de veículos que Andrélio explicou serem alguns modelos de naves pequenas de locomoção espacial, caças de combate atmosféricos e outros.

O androide planou até aproximar-se de uma das paredes da sala. O grupo saiu do interior da cúpula e pousou diante de uma espécie de porta que se abriu como um diafragma. Com os pés a poucos centímetros do solo, todos

planaram rapidamente sobre um tapete de luz antigravitacional no percurso dos corredores que lhes levaram até a sala do comando geral do Paris X. Entraram neste fascinante lugar através de uma porta de mesma estrutura da primeira. A sala era circular e parecia ser uma calota esférica com visores para todos os lados. Um deles mostrava um grande planeta azul que crescia gradativamente, indicando o sentido em que a Paris X se deslocava.

– Aquele é o planeta Nova Terra do sistema estelar Gliese. Antes conhecido como Gliese 581 d, por ser tão parecido com a Terra ancestral, transformado em centro administrativo do império terrestre desde sua terrificação concluída em 2237. Em 2079 colonizamos o planeta Marte, e logo depois começamos o projeto de terrificação do planeta Vênus e da jupiteriana lua Titã, vizinhos da moribunda Terra. Em 2139, chegamos a Gliese 581 e colonizamos seus telúricos planetas Gliese 581 c e d. Agora, no final deste século 23, o nosso império já abrange mais de mil estrelas deste braço espiralado da Via-Láctea. Temos planos de expandi-lo para a galáxia M 31 de Andrômeda e além, assim que dominarmos as viagens hiperluz. – Informa Andrélio enquanto se aproximam do centro da sala de comandos.

– Por que os vergulianos não fazem o mesmo para resolverem seus problemas de habitação? – Interroga Klin.

– Os vergulianos são espécies de piratas espaciais que persistem em subverter as demais raças contra nós e conseguir tudo pelo método da força. – Diz Andrélio. – Além disto, há o limite da velocidade da luz que os faz disputarem conosco numa idêntica progressão as mesmas regiões a serem conquistadas.

A meia dúzia de icerstacianos contempla pelos visores da Paris X a superfície planetária. A nave terrestre passeia tranquilamente ao redor da Nova Terra antes da aterrissagem.

– Como vocês falam conosco tão claramente em nossa língua? – Pergunta o cientista kelpiano. – Ou coincidentemente o desenvolvimento linguístico terrestre foi idêntico ao nosso ou dominam uma técnica que desconhecemos.

– Nossa técnica não é tão difícil assim. – Inicia Clávius – Todo ser pensante utiliza uma forma de cérebro que funciona através de dispositivos ener-

géticos. No caso de vocês e do nosso, o sistema nervoso é composto por dispositivos eletroquímicos. Estes, quando ativos, emitem campos eletromagnéticos que podem ser facilmente captados, copiados e processados. Nossas sondas discoides que lhes recepcionou fez cópias rápidas do cérebro de vocês e como cada estrutura de pulsos eletromagnéticos correspondem a uma ideia quando relacionada com o meio que a contém, nossos processadores puderam montar um mapa de ideias e palavras vocais e adicioná-las a nossas memórias de forma que em minutos conseguimos o domínio do seu idioma.

– Como são sempre dependentes de equipamentos, e como apenas alcançam nossos cérebros biológicos... Nossas vastas mentes de energia sutis nem foram tocadas por eles. – Comenta telepaticamente Smelson, sendo captado apenas por seus companheiros.

– Contem-nos mais sobre a experiência que realizam. – Diz Andrélio, após convidar os icestarcianos a sentarem-se nas poltronas confortáveis que formam um círculo.

– Todos se acomodam no centro daquela sala de comando sobre o brilho das estrelas vistas sob o abobadado e cristalino teto. O doutor Vox Smelson começa o relato:

– Nossa civilização surgiu há muito tempo, no hoje conhecido sistema Icestar. Esse nome foi dado após a morte da estrela que sustentava nosso planeta de origem. Atualmente, nosso ancestral sistema planetário não passa de matéria gelida e escura. Antes de Icestar tornar-se uma agonizante gigante vermelha, nós passamos a migrar de mundo após mundo a cada morte natural de seus sóis e de nossos corpos bariônicos. A cada sistema que estabelecemos, gostamos de chamá-lo de Icestar, em memória a nossas origens e eterna fuga do resfriamento e morte do nosso Universo. O nosso atual sistema é um dos milhares que existem na galáxia Kelps. Dista da Via Láctea cerca de... Hei! Espere... Nós ainda estamos em Kelps! Ou melhor, ainda... Estamos em Icestar!!!

– Como pode isso ser possível? Pergunta Roberfil que, como os demais terráqueos, pareciam não haver dado suficiente atenção às explicações anteriores dos cosmopolitanos sobre essa questão. – Vocês por acaso vivem em alguma dimensão paralela a nossa?

– Naverdade, pertencemos à mesma dimensão. – Continua Smelson. – Mas desde que conquistamos o espaço, traçamos como objetivo principal a descoberta da essência da existência da matéria, suas origens e seu possível fim. No século XXX de nossa era, visitamos pela primeira vez nossas três luas, no século XXXI, todo o sistema Starfire original já havia sido visitado e por volta do século XXXII, havíamos colonizado os Sistemas Estelares num raio de 70 anos-luz. Foi quando fizemos amizade com os draneckianos, que são seres pacíficos que dominam a virtualização e vivem a estudar as civilizações da galáxia. Eles nos trouxeram as notícias sobre a existência de outras civilizações galáticas, mas não nos transmitiram a tecnologia das velocidades superiores à luz. Desde então, evoluímos sozinhos em busca de maiores avanços. Desenvolvemos a biorrecomposição, que nos tornou eternos de corpos, pois passamos a recompor todas as células do organismo. Nossa medicina tem encontrado soluções para todos os tipos de doenças que ameaçam nossa raça.

– Criamos também a nossa biotônica neural similar à vossa. – Prossegue. – Automatizamos toda a nossa produção alimentar através de equipamentos agricultores e processadores que fazem todo o trabalho pesado, além de andróides que fazem toda a manutenção necessária, e o autodesenvolvimento de novos equipamentos fazendo com que proclamássemos o início da era de ouro para os habitantes de Icestar.

– Mas ainda temos um universo inteiro para perscrutar e milhões de perguntas a serem respondidas. – Continua Smelson. – Estamos agora em pleno projeto Gênese, que tem por objetivo estudar as origens e os aniquilamentos dos universos através de uma nave que se desloque acima da velocidade da luz, se reduza espacialmente e seja capaz até de viajar ao passado. Poderemos visitar a época em que se imagina que todas as galáxias estiveram juntas e nosso universo era do tamanho de um grão de areia e daí desvendarmos os segredos da matéria no momento do Big Bang.

A Paris X continua a rondar a Nova Terra. O Longínquo Sol não sobrecarrega a sala de comandos de luz porque o sistema de filtro regula automaticamente a passagem de radiação. O grupo de cientistas continua reunido e o doutor Smelson prossegue as suas elocuições em meio dos espantados olhares do trio de terráqueos imóveis e atentos.

– Durante a virtualização, nossa nave simplesmente começou a reduzir-se. Do interior dela, vimos tudo se agigantar, em poucos instantes estávamos dentro de um átomo de hidrogênio, depois em um nêutron. Fomos diminuindo em progressão geométrica penetrando em subpartículas cada vez mais elementares até que nos vimos em uma partícula que se revelou depois ser outro universo. Estávamos em uma outra galáxia e havíamos cessado de nos reduzir até que fomos surpreendidos por uma batalha espacial e vocês nos capturaram.

– Houve alguns instantes de perplexidade e silêncio, como se os humanos demorassem a acreditar no que ouviam, até que Andrélio resolveu falar:

– É incrível saber que o nosso grande universo não passa de um insignificante pedaço de um macro-átomo de outro universo maior. Estamos sempre perdendo valor desde que Copérnico demonstrou que não éramos o centro do Universo, quando descobrimos que o sistema solar não era o núcleo da galáxia e nem a Via-Láctea estava no coração do nosso Universo. Agora nem nosso Universo é o único.

– Realmente, esse processo de redução é inédito. – Pondera Clávius. – Poderíamos fazer expedições no microcosmos e rebuscar-lhes muitos segredos. Mas qual será a explicação lógica para esse tipo de fenômeno?

– Podemos analisar vários fatores interessantes que compõem nossa concepção da matéria e dos seres dentro dos parâmetros quânticos e metafísicos. – Diz Smelson. – Todos sabemos que uma característica marcante na estrutura material está relacionada a grande quantidade de espaços vazios em toda substância, e quando se pensa encontramos algo que ocupe espaço, nos deparamos com algo que apresenta mais espaços vazios ainda, como a experiência pela qual passamos.

Aquele átomo de hidrogênio parecia ter no seu nêutron uma estrutura densa, mas quando nos reduzimos ainda mais, encontramos uma infinidade de partículas subatômicas que compunham aquela partícula neutra e que aquelas partículas estavam vastamente espaçadas umas das outras. Cada partícula, por sua vez, inicialmente parecia maciça, mas era formada por inúmeras subpartículas consideravelmente espaçadas, até que nos deparamos com subpartículas ainda cada vez menores. Em uma delas localizamos este mi-

crouniverso. A virtualização controla esses espaços vazios de forma fractal, assim nós conseguimos alterá-los e nos reduzir até o tamanho atual.

– Saber explicar como isso ocorre implica em descobrirmos os mais íntimos segredos da natureza, como a essência da existência da gravidade, pois apenas conhecemos seus efeitos, mas não a real causa. Teremos o verdadeiro domínio da matéria nunca dantes conquistado de forma a possuímos disponíveis outros universos a conhecer, experiências a realizar, o infinito ao nosso alcance. Não haverá mais barreiras para o nosso conhecimento, seremos os seres mais avançados do cosmos! – Brada triunfante o comandante Andrélio.

– O que existe de mais fabuloso em nosso virtualizador é que com ele, quem sabe, nos livraremos do aparentemente inevitável fantasma da aniquilação, implosão ou esfriamento total do Universo. – Diz Smelson. – Como foi comprovado em nossas observações que todo Universo surge de uma grande explosão e expande-se até atingir os limites impostos pela densidade crítica, retornando então à forma original implodindo ou então se expande até o esfriamento mortal e destrói de qualquer forma tudo o que existia nele. Isso é apavorante, já que nos faz pensar que toda tecnologia médica que nos eterniza é inútil por não nos resguardar do colapso cósmico. – Comenta sem dar pistas aos humanos que são eternos independentes de seus corpos bariônicos.

– Podemos construir também uma nave similar para uma expedição virtualizada em conjunto? – Propõe Andrélio. – Poderemos ir à Nova Terra e em poucos meses deveremos estar também prontos para uma expedição de retorno ao nosso Big Bang. O que vocês acham?

– Acho interessante a sua proposta, doutor Andrélio. Começemos por enquanto com uma espécie de intercâmbio científico extrauniversal. Creio que todos ganharemos com isso.

– Alguém não concorda com a ideia?

Ninguém se manifestou diante da pergunta de Smelson e a Paris X iniciou rapidamente a operação de aterrissagem no planeta azul.

Nova Terra Gliese 581d

A Paris X cruza os céus gliesianos, traspassando velozmente a turva atmosfera planetária. Aos visores, os icerstacianos vislumbram pela primeira vez a aparência íntima da Nova Terra. Veem delineados os terrosos continentes e ilhas com indícios de escassa vegetação. Admiram a grandeza dos belos e azulados oceanos e revivem as lembranças do planeta natal.

– Essa grande massa de água já foi bem maior há um século. Cerca de dez por cento de nosso potencial hídrico foi transformado em energia, através de hidrólises, em que o hidrogênio é retirado e fundido controladamente, sendo transformado em hélio, com liberação de grandes volumes energéticos. – Informa Roberfil.

– Então, seus equipamentos são movidos por energia de fusão nuclear do hidrogênio? – Pergunta Smelson, transmitindo aos seus sentimentos telepáticos de reprovação aquele tipo de degradação ambiental.

– Até meio século atrás era assim. Só não perdemos totalmente nossa água, porque descobrimos outras fontes de hidrogênio e de energia em outras partes desses sistemas estelares vizinhos. – Prossegue Roberfil. – Agora com o advento do controle molecular, podemos fundir qualquer elemento químico.

A Paris X paira lentamente a poucos quilômetros da superfície em meio ao intenso tráfego da aeroveículos⁴ ao redor.

– Iremos agora para o centro de pesquisas de Tocantinia, onde poderemos planejar nosso projeto científico. Informa Andrélio, enquanto a nave parte veloz em direção ao centro do continente e o doutor Smelson liga o hologramo comunicador.

– Major Estauro, estamos na Nova Terra, planeta dos nossos amigos humanos. Prepare a Cosmos III para sair da Paris X e deixe livre a toda tripulação que desejar sair. Agendaremos depois uma reunião geral. Nós iremos ficar algum tempo por aqui.

⁴ Aeroveículos ou aerocarros são espécies de carros que através de sistemas propulsores antigravitacionais, podem planar e se locomoverem sobre a superfície a algumas dezenas de metros acima dela.

– Entendido, comandante. Executando.

Enquanto o holograma desaparece nas mãos de Smelson, surge nos visores da Paris X uma vasta planície seguida de uma bela cidade com seus edifícios esféricos, cilíndricos, cônicos e das mais variadas formas e cores. Ao centro desta, uma enorme área com construções horizontais e muitos aerocarros a trafegarem a vários metros da superfície.

A grande Paris X plana até aquele centro urbano e uma grande abertura surge numa das construções, acolhendo a nave em sua descendência vertical. Antes da abertura se fechar, os tripulantes do veículo espacial recém-chegado veem-se no interior de um sofisticado hangar. Uma abertura surge na Paris X, dando passagem a um aerocarro que sai, levando nove passageiros. Outra maior surge e a grande Cosmos III emerge planando fora da Paris X até tocar o solo do imenso edifício. Meia dúzia de outros aerocarros aparecem no hangar e recolhem alguns outros tripulantes da Cosmos III. Os sete aerocarros se encontram numa extensa sala onde os terráqueos saúdam os visitantes.

– Sejam bem-vindos à Nova Terra. Sintam-se bem nas instalações do Centro de Pesquisas Gliese. – Diz o diretor do hangar, doutor Nelson ao aproximar-se dos viajantes. – Meus parabéns pelo êxito na missão contra os vergulianos, comandante Andrélio.

– Obrigado, doutor Nelson. Estes são amigos que conheci no setor WK77. Pensávamos que fossem vergulianos, mas descobrimos sua procedência pacífica. São cientistas que chegaram até aqui através do processo que chamam de espaçorredução. Eles realizaram a façanha de se reduzirem milhares de vezes até o tamanho atual. Pertencem a um universo, do qual o nosso não lhes passam de uma mera subpartícula de subpartícula atômica.

– Mas isso é fantástico, Andrélio. Jamais foi conseguido algo semelhante pela nossa civilização. Com essa nova tecnologia, traríamos um enorme progresso científico. Descobriríamos os mais íntimos segredos da matéria. Quem sabe, até sua origem!

– É por isso que estamos aqui, Dr. Nelson. Se nos unirmos, poderemos fazer uma expedição às minúsculas partes da matéria e responder a perguntas nunca dantes solucionadas.

– Isso mesmo, Dr. Vox, iremos iniciar os planejamentos o mais rápido possível. Mas antes gostaria de levá-los a seus aposentos. Queiram me seguir, por favor.

Os nove icerstacianos seguem as palavras e os passos de Andrélio até uma espécie de sala.

– Vocês ficarão instalados nesse prédio. Diz Andrélio.

– BEM-VINDOS À ÁREA CPG736. – Ecoa uma robótica voz.

– Nós não dominamos a telepatia direta entre nós. – Retoma Andrélio.

– Mas adaptamos todos os nossos equipamentos para serem acionados pela mente humana.

– Nossos equipamentos também são comandados por impulsos psíquicos. Talvez com certo esforço de engenharia possamos nos adaptar aos seus.
– Sugere Smelson enquanto todos observam o ambiente.

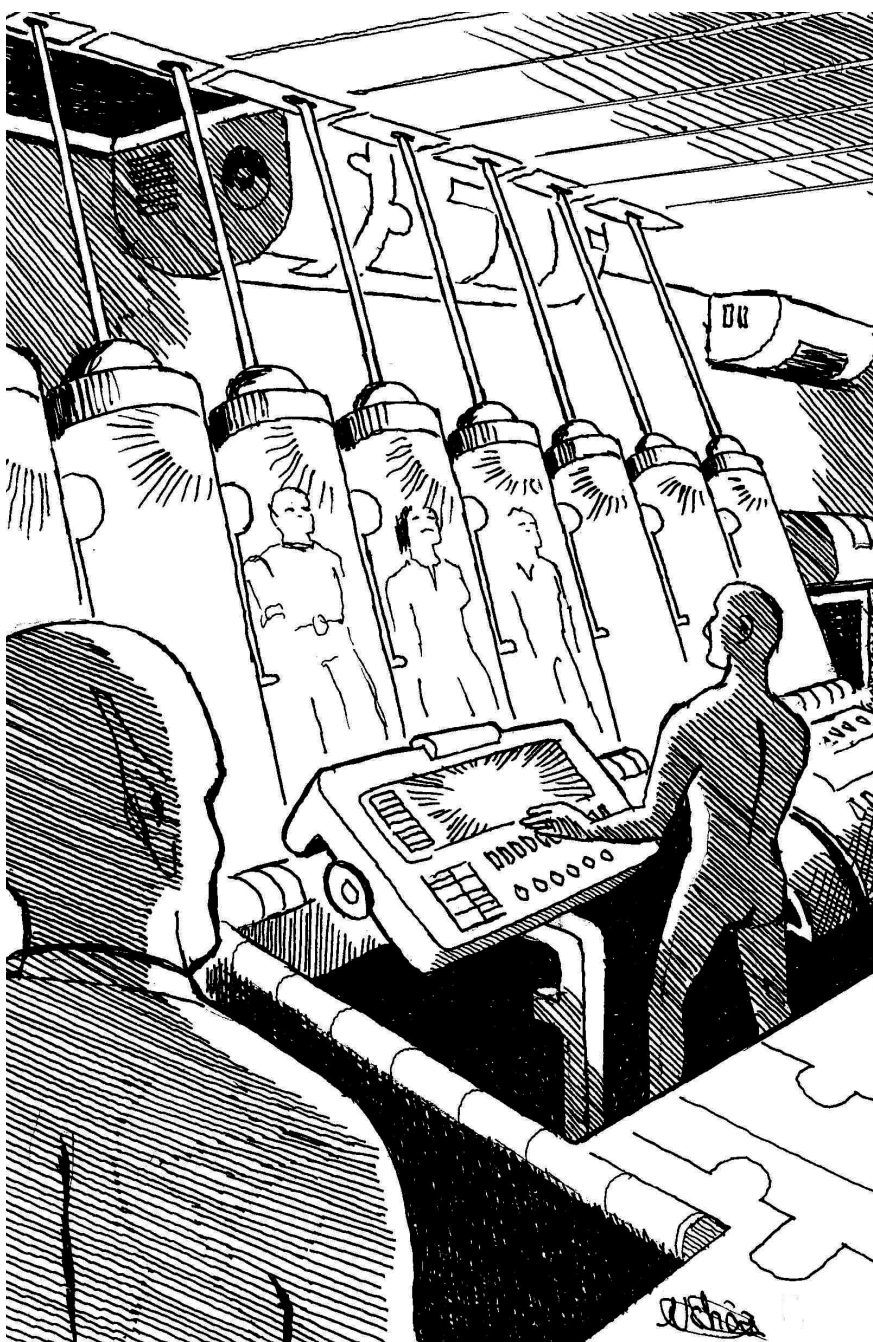
– Se suas psicofrequências forem similares às humanas, teremos êxito com sua ideia. Mas antes disso, gostaria de compartilhar todos os nossos principais conhecimentos humanos. Para isto, devemos verificar se suas mentes conseguem captar nossos conhecimentos através dos nossos neuro-indutores.

– Dr. Andrélio, imagino que haja muito conteúdo. Creio que levaremos dias para aprender tanta coisa.

– Engana-se, doutor Smelson. Com o neuroindutor de conhecimento, em poucas horas a cultura de vocês estará ampliada significativamente.

– Admiro seu sistema educacional, Dr. Andrélio. Adotamos um similar há três séculos em nosso planeta e fico surpreso em saber que a ciência é tão uniforme em todas as partes do Cosmos. Não temos por que não aceitar o conhecimento que nos oferece.

Enquanto o Dr. Smelson conclui sua elocução, Andrélio coloca as mãos nas frentes, como se concentrasse energias psíquicas e em segundos o ar da sala parecia tremeluzir e objetos começaram a surgir de uma névoa que se formava. Em instantes, havia nove cilindros no centro da sala. Eram semi-hexagonais em suas bases laterais nas quais apontariam os pés e a cabeça de



seu ocupante. A aparência externa era de um prateado intensamente luminoso com a parte superior que devia servir de tampa com características de uma grande e transparente esmeralda. Ao redor, espécies de painéis luminosos com botões coloridos e hologramas que mostravam esquemas de equipamentos em suas projeções.

Podem entrar nos cilindros. Em alguns instantes dominarão os conhecimentos humanos, tanto quanto eu.

Os seis icerstacianos seguem as instruções de Andrélio e em segundos os neuroindutores são acionadas e seus ocupantes recebem ininterruptamente enxurradas de informações.

Os hologramas em suas mentes apresentam inúmeras variações de imagens de projetos tecnológicos e mapas planetários.

Os painéis coloridos do neuroindutor piscavam intensamente. Em toda sala podia-se ouvir uns sons cibernéticos e ruídos eletrônicos. Algumas horas se passaram até que os cosmopolitanos pudessem se ver livres daquele artefato humano, quando as tampas esverdeadas levitavam a poucos metros acima dos cilindros, tornando possível a saída de seus ocupantes. O capitão Caliby põe a confusa cabeça para fora e vê seus companheiros sentados no interior dos artefatos.

– Sinto-me como se acordasse de um sonho de quarenta noites ininterruptas.

– O neuroindutor nos faz ter a impressão que o tempo demora a passar. Já que o tempo é uma mera contagem neural de acontecimentos e a atividade mental de vocês foi multiplicada devido ao excessivo acúmulo de informações que receberam. Até informações a respeito de dados geográficos do império terrestre vocês conheceram. É bom que descansem algumas horas para fixar o processo. – Diz Andrélio enquanto todos se põem em pé fora do cilindro.

O doutor Smelson vê Andrélio desaparecer na trêmula parede e dirige-se a seus companheiros.

– Muito bem, vamos descansar um pouco neste novo universo. Teremos muito trabalho a fazer.

Em instantes, aberturas surgem nas paredes daquela enorme sala, e como se fossem velhos conhecidos daqueles compartimentos, os icerstacianos adentram em seus quartos em busca do merecido descanso.

O doutor Smelson entra no compartimento que lhe foi destinado. É um belíssimo lugar, afora as paredes metálicas prateadas que não lhe agradam muito. Existem sofisticados equipamentos portados pelas partes, embora invisíveis a mentes despreparadas. Na verdade, o que existe de apreciável naquela aparentemente vazia sala era a vista panorâmica que esta proporcionava através da cristalina transparente janela. Smelson tinha certeza. Estava a cerca de mil metros da superfície.

A vista era incrível. Tinha diante de si metade de uma cidade fantástica cheia de mistérios. Havia inúmeros planocarro a passarem entre os globos, cilindros, cones e pirâmides gigantes e os mais esdrúxulos tipos de construções. Via coisas fantásticas até a linha do horizonte. O céu era de um azul acinzentado, havia algumas alvas nuvens que não atrapalhavam a visão de um objeto discoide próximo ao zênite e que parecia estar tão distante quanto a lua que se punha no horizonte. Sabia agora que aquilo era uma estação espacial humana, uma espécie de cidade sideral.

Os olhos do icerstaciano começam a pesar. Ele os dirige para o centro da sala e com um gesto de indução mental, emerge do solo um cilindro cheio de luzes a um palmo do solo. Uma luz rubiácea emana de todo o artefato. Está pronta a cama de luz antigravitacional. Outro gesto e a janela panorâmica se fecha, isolando-o da vida externa, e o doutor Smelson adormece imerso na fadiga e nas memórias do dia.

Algumas horas depois, ele desperta e alerta telepaticamente seus companheiros:

– Há algo de errado com estes humanos. Eles tentaram mapear nossa mente sem nosso consentimento. Precisamos visitar seus mundos para conhecê-los de verdade. Como uma civilização deixa seu planeta de origem morrer antes do esgotamento natural de sua estrela? Por que são tão poucos humanos vivendo em meio ao conforto tecnológico?

– Rônite Galik, me acompanhem na forma corporal desdobrada. Aproveitemos que os humanos desconhecem esta tecnologia natural de abando-

narmostaquionicamente nossos corpos pesados. Smax e Klin, garantam que eles não percebam nossa ausência. Façam pensar que todos dormem. Aos demais icestarcianos, investiguem discretamente tudo que puderem sobre estas civilizações no raio de até 70 anos-luz daqui.

Em segundos, os três icestarcianos planam semitransparentes sobre o edifício onde seus corpos densos permanecem letárgicos. Agora começo a entender a forma em que meu ser está agora. O meu corpo ainda deve estar sob os cuidados de Atenísia dentro daquela lua metálica na velha Terra. Às vezes ouço longinquamente sua voz me dizer: – John... relaxe, John...

Continuo seguindo Smelson e seus companheiros. O dia está nascendo. Eles se afastam da estreita faixa urbana, atravessam uma média floresta bem cuidada, percorrem uma extensa mata decadente e chegam às grandes construções toscas. São incontáveis. Estão cercadas de grandes ruínas e montes de lixo. Estão conjugadas às paredes das grandes construções, de onde entram e saem pequenas naves cargueiras, inúmeros cubículos.

Smelson entra despercebidamente em um deles e observa uma bela humana com uma pequena cicatriz meia-lua na testa. Ela levanta-se da sua esteira onde dormia, troca uma roupa encardida por outra similar, come uma ração simples e, ainda sonolenta, caminha em direção ao imenso prédio decrepito.

Os três passam o dia a observá-la em meio às centenas de humanos e outros humanoides de outras espécies. Os demais a chamam de Alênia. Estão numa espécie de indústria. Apesar de toda a maquinaria disponível, cada produto deve receber acabamentos que só a criatividade proveniente de uma consciência humana pode realizar.

Os icestarcianos descobrem agora o que eu sofro na pele diariamente. Houve um tempo em que na antiga Terra eu trabalhava em uma indústria dessas. Quando o exaurimento do planeta tornou inviável a produção, simplesmente fomos abandonados à própria sorte.

Eles passam o dia observando aquela fábrica. Ao anoitecer, observam Alênia voltar solitária ao seu cubículo. Está exausta. Come a mesma ração e dorme.

– Basta! – Exclama Smelson. – Já vimos o suficiente. Com todos os dados que coletamos, podemos concluir que esta é uma péssima civilização para o nosso experimento. Como seu consumo de planetas é superior à velocidade de colonização de novos planetas, aniquilarão a si mesmos antes da eternização de suas consciências. A civilização verguliana é igualmente desastrosa.

– Estes humanos, similar aos vergulianos, depois que descobriram um planeta terrícola a alguns anos-luz da Terra, os mais ricos abandonaram-na de vez depois de exaurirem-na até o limite da capacidade. Agora começam a repetir a mesma depredação na Nova Terra e nos outros mundos colonizados.

– Isto se processa quando em alguns poucos planetas ocorre a exploração escrava de alienígenas por uns ricos de segundo escalão, mas na maioria ocorre mesmo é a apropriação de pequenas áreas de exploração de recursos dos planetas e seu exaurimento sutil atribuível facilmente aos nativos como desarranjos normais da Natureza. Os corporativistas planetários, sob a defesa da propriedade privada, sugam os recursos coletivos, sem que os nativos percebam, e quando estes ficam sem recursos próprios de auto-sustento, se assalario-escravizam aos exploradores. – Conclui Smelson.

– Então voltemos à Cosmos III e busquemos noutras galáxias outras consciências a serem experimentadas. – Sugere Galik.

– Seria o caminho mais fácil. – Responde Smelson. – Mas pensando bem, seria gratificante se conseguíssemos ajudar estas espécies a superarem esta cegueira do consumismo e do egoísmo. Deliberemos, então. Nosso pequeno coletivo democrático de icestarcianos decidirá se ficaremos para ajudar ou não.

O plano

As kepsianas ondas telepáticas são todas ressonantes. Decidiu-se pela permanência, até que as civilizações humanas e vergulianas estivessem fora de perigo.

– O plano é convenceremos o maior número de consciências para que se unam num grande coletivo democrático, similar ao que temos em nosso Universo. – Diz Smelson. – Apenas o agir coletivo os livrará da extinção e os fará evoluir. Para isto, devemos visitá-los em qualquer época do passado e através de todas as formas de que hoje dispomos. Com os coletivos agindo articuladamente, os artefatos que sustentam as civilizações deixarão de ser produzidos e mantidos. Assim, estes dominadores cessarão seu poder e a era da igualdade e justiça será estabelecida.

– Despertemos então agora. – Sugere telepaticamente Smelson.

Em instantes, estavam todos reunidos na grande sala, acomodados confortavelmente nas poltronas ali existentes. O doutor Smelson e seus companheiros haviam dormido bem e acordaram dispostos. Alimentaram-se, antes de sair de seus aposentos, e estavam aguardando o doutor Andrélio. É quando este chega junto com seu assistente Helênio.

– Descansaram bem durante as 13 horas?

– Nós passamos um dia neoterrestre dormindo?! – Exclama Galik, fingindo-se espantado.

– Exatamente. Conforme previmos, foi o tempo necessário para que recuperassem as energias gastas durante a neuroindução.

– Como se saíram com os novos conhecimentos?

– Deutudo certo, Andrélio. Podemos psicoutilizar qualquer equipamento. – Responde Clanes.

– Gostaríamos de conhecer melhor este planeta. O que acham de explorarmos um pouco as redondezas? – Diz o comandante kepsiano, enquanto confia aos seus as suas intenções.

– Ótimo, Smelson. Seria um educativo passeio, além de indispensável atividade para compor nossos relatórios de pesquisa. – Concorde o administrador humano.

– Seria interessante vocês conhecerem as reservas naturais da Zônia. É a réplica de um dos mais belos lugares que existiram da velha Terra. Sugere Andrélio – Podemos embarcar numa nave atmosférica. Estaremos na Zônia em poucos minutos.

– Podemos estar iniciando a primeira viagem turística extrauniversal. – Comenta solenemente Galik.

Em instantes, a nave plana e pouso sua rampa de acesso na larga sacada do prédio. Depois se vê um disco prateado cruzar o céu gliésiano, em alta velocidade.

Em alguns minutos, após sobrevoarem imensas regiões de cidades e aglomerados urbanos variados, chegam numa planície diferente. Parecia um imenso tapete verde a perder-se no horizonte. Aquela paisagem lembrava aos kelsianos um pouco de alguns raros lugares de Icestar.

– Podemos pousar na estação de Turzônia e fazermos uma caminhada no interior da floresta.

– Excelente ideia, Andrélio. Assim, poderemos expandir nossos conhecimentos de botânica empírica universal. – Diz Smelson, antes de todos concordarem o disco prateado pousar lentamente no centro de uma esplêndida construção horizontal com formato de uma espécie de rosca cilíndrica bastante envidraçada e que contrastava amplamente com a redondeza arbórea e assimétrica de uma vegetação irregular e heterogênea.

Uma abertura elipsoidal surge na parede desmolecularizada da nave e dez silhuetas se delineiam no seu interior.

Um humano aproxima-se da abertura do disco e cumprimenta seus passageiros:

– Sejam bem-vindos a Turzônia, sou David Gauss, guia turístico da Zônia, vou acompanhá-los nesta excursão.

– Muito obrigado. – Agradece Smelson.

– Bem, então vocês podem escolher a trilha por onde começarem. – Diz David, enquanto um holograma fiel da floresta ao redor da base surge no centro do grupo.

– Seria bom que fôssemos próximos ao rio. Deve haver diversidade vegetal mais acentuada nessa região. – Sugere Rônit.

– Primeiro vamos para as redomas de equipamentação. Vocês devem entrar na floresta com todo o equipamento necessário.

Todos obedecem ao David. Seguem-no até a borda da construção rosqueada e avistam uma fileira de cristalinas redomas. David aproxima-se de uma delas e esta se abre automaticamente no sentido horizontal. Ele entra naquela estranha câmara e esta se fecha. Em instantes David sai vestido com uma roupa verde. Uma espécie de macacão repleto de bolsos que pareciam roscas a ladearem as pernas e a cintura de Gauss. Os dez visitantes fazem o mesmo e em instantes os onze estão na saída da estação Turzônia e adentram na grande floresta.

– Isso me faz lembrar as caçadas na floresta Arbônia de Icestar. Recordo-me que derrubava trapaéreos⁵, com pistolas sem mira a laser.

– Não sabia que você era um grande caçador, major Estauro. A segurança ambiental de Cosmópolis precisava saber disto.

– Hora, Clanes. Eu nunca ia a Arbônia com a fiscalização em alerta. – Titubeia o major depois de perceber a “escorregadela”.

– É incrível o grau de oxigenação dessas paragens. Supera em 5% a da atmosfera urbana.

– É verdade, doutor Galik. Sinto uma intensa desobstrução refrigerante em meus brônquios. – Comenta Klin. – Detectei um melhor nível de componentes microbiológicos e minerais nessa região atmosférica. Deve ser indubitavelmente saudável aos humanos e nem um pouco danoso a nós.

⁵ Trapaério – espécie de passaro que compõe a fauna icestarciana.

Oshumanoidescaminhamplácidoseapreciativosentreárvorescolossais epequenosarbustos, analisam desde musgos diversos até as muitas formas de vida que aquele lugar acolhe. Adentram clareiras e surpreendem-se de como uma civilização tão depredadora tenha poupado aquele recanto de paz.

– Senhores, estou com vontade de sobrevoar sozinho estas paragens. – Diz Smelson abrindo a palma da mão onde um disco cresce quase um metro de diâmetro. Diante da indiferença de Andrélio, de Helênio de Gauss e do silêncio cúmplice dos demais, Smelson parte.

Sobrevoa rapidamente as vastidões que percorrera durante o desdobramento corporal. Diante do cubículo, chama.

– Alênia, lembra-se de mim.

– Ela olha da janelinha, desconfiada e espantada.

– Lembra-se do sonho de ontem?

– Sim... Smelson, você existe!!

– Venha comigo.

– Alênia abraça-o e ambos partem em direção a Zônia.

– Senhor Gauss, a grande planície de relva está próxima?

– Quando cruzarmos cem metros de mata fechada chegaremos lá, senhor Klin.

– Deve ser um belo lugar...

– Com certeza, doutor Galik. Gostarão de ver uma vastidão de gramado cercado por paredes de árvores.

O grupo anda calmo e alegremente entre gramíneas, cipós, troncos e arbustos até se depararem com a prevista planície. O grupo põe-se a admirá-la.

Uma das particularidades deste capricho da natureza é que esta planície é perfeitamente circular e em seu interior nenhum vegetal se desenvolve a não ser esta grama. – Comenta Helânio.

O grupo fica na borda da floresta.

– Mas isso é fantástico e nunca antes visto por um icerstaciano.

– Se na Nova Terra, como lugar comum, existem coisas que seres nunca viram, imagine-se o que há na vastidão do cosmos. Diz Gauss caminhando sozinho em direção ao centro.

De repente, Smelson pousa no centro da planície. O rosto de Andrélio cora ao ver em seus braços a esfarrapada humana. Gauss, também espantado, comprimenta-os.

– Hei! Grita Smelson. O que é aquilo que surgiu no céu!

– É um artefato verguliano que invadiu nossa atmosfera!!! Diz Gauss enquanto retira da cintura uma pistola de “faser”. É revidado pela nave inimiga com um feixe do raio mortal que atinge o abdômen e a mão que segurava a pistola. Gauss foi ao chão. Vox e Alênia correm para socorrê-lo. Um cone de luz sólida parte da grande nave esférica e envolve os três pasmos seres da gramínea superfície. O cone luminoso translada o trio ao bojo da grande esfera, e os deixa numa sala hexagonal. O grupo atônito que ficara na floresta apenas vê a grande nave inimiga desaparecer na atmosfera, provocando uma leve corrente ascendente de ar.

Assustado, desejo sair dali imediatamente. Minha visão escurece, meu corpo vibra em leves estremecimentos. Quando abro os olhos, estou levitando na vasta sala da lua metálica. Atenísia está ao meu lado.

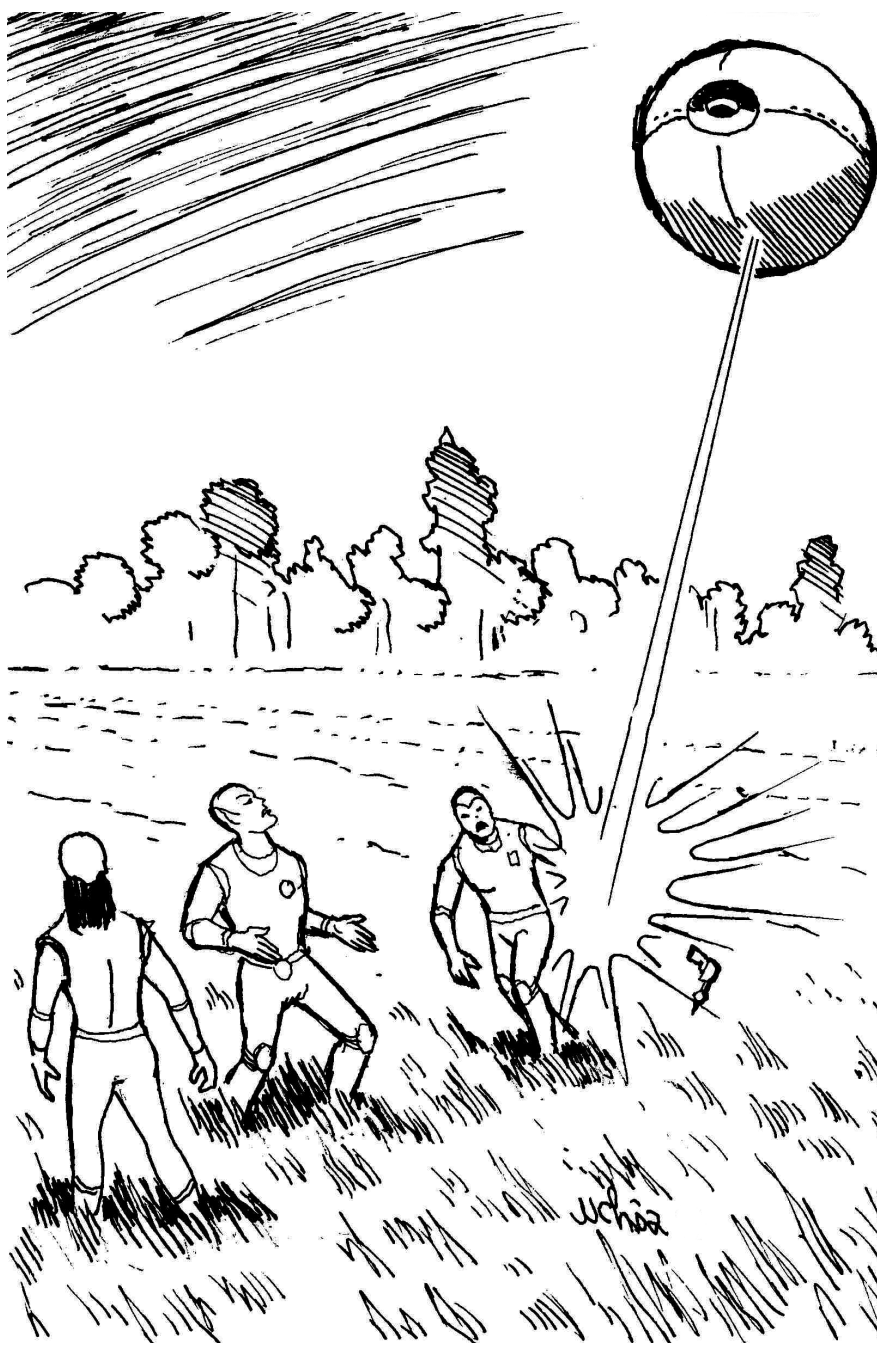
– Você está bem?

– Quero sair daqui. Aquilo será uma guerra e eu não quero morrer nela.

– A morte é uma ilusão. Nossas consciências são eternas.

– Mas os sofrimentos a cada morte são reais. Deixe-me sair! – Grito enquanto visto meu capacete.

Atenísia me entrega uma espécie de bolsa. Olho seu conteúdo e vejo mantimentos produzidos em Gliese. Fixo-a no meu peito. A alienígena volta o olhar em direção à parede. A superfície tremula e uma abertura oval se abre.



Eu corro até lá. Revejo com alegria a infecção do meu planeta. Atravesso uma membrana transparente que separa a minha escura atmosfera do limpo ar da nave. Uma longa rampa se estende da abertura até o chão. Corro até me distanciar da grande esfera.

Ofegante, chego até minha tenda. Ainda é dia. Percorro a vista nos visores ao redor, mas não vejo nenhum dos meus amigos. Ninguém responde aos meus sinais. Ainda devem estar dentro da nave. Tranco-me dentro de minha redoma, devoro um pouco dos mantimentos e me deito. Desejo apenas ter um sonho bom.

Escola e escrita

Da escuridão ao baque surdo, abro os olhos. O despertador vermelho marca 9:30 da manhã. Enquanto me banho e tomo um café, meu pensamento gira tentando entender os mundos que minha consciência visitou e as lembranças futuras que se tornam presente constantemente.

No computador, começo a escrever aquilo tudo até cansar os dedos. Almoço e tomo um ônibus para a Escola.

A euforia era contagiante. A chapa 2 havia ganhado as eleições para o grêmio estudantil.

– Ganhamos largamente, Franzé. – Diz Moura, enquanto organiza os papéis e envelopes do Grêmio.

– Parabéns, Moura. Vocês mereceram.

– Epa! Vejam isto. Uma carta da União Nacional dos Estudantes Técnicos, semanas atrás, convocando todos os Grêmios a repudiarem o PROEP, um projeto de lei que acaba o ensino federal de segundo grau.

– Caramba! Isto quer dizer que nossa Escola Técnica não mais oferecerá cursos de ensino secundarista?

– Isto mesmo. Será um mero ensino profissionalizante. Sem o ensino médio público, gratuito e de qualidade, os ensinostécnicos e as universidades públicas agora seriam acessíveis apenas para quem puder pagar escolas particulares que os preparem para entrar aqui.

– Rapaz, assim ficará mais distante do jovem pobre.

– Vejam a caixa de e-mail do Grêmio. Há inúmeras mensagens não respondidas convocando-nos à luta. Que canalhas aqueles diretores da gestão passada!

– Fomos vítimas tanto dos estudantes partidaristas que nostráiram quanto dos deputados que se venderam aos “lobbies” das escolas particulares. – Diz Helenice, corada de raiva.

– Temos que levar isto aos professores e aos alunos.

Instantes depois, toda a nova diretoria do Grêmio se reúne com os professores e os mesmos ficam indignados com a notícia. Muitos deles seriam transferidos e até demitidos por causa disto.

Mais indignados ainda todos ficam quando pesquisam sobre o PROEP, na Internet, e verificam que o atual diretor da Escola acatou as mudanças sem comunicar nada a ninguém.

O que se seguiu foi uma fúria geral. As aulas foram interrompidas. Todos os alunos e professores encheram os corredores. O que havia acontecido era grave.

O legislativo estava para realizar a última votação daquela lei e, se ninguém fizesse nada, a última plenária também aprovaria aquele absurdo.

Sob empurrões, vaias e arremessos de lixos, o careca diretor foi arrastado até o grande auditório. Naquele dia, ele foi destituído e a comunidade elegeu na mesma hora um diretor temporário. A massa tomou as ruas. O fenômeno se repetiu em todas as Escolas Federais do Brasil naquele ano de 1998. Audiências parlamentares foram feitas, cartas e e-mails mobilizavam a sociedade, a imprensa era cutucada constantemente para que denunciasse o infame projeto.

Naquela semana, revivi todos aqueles momentos que confirmavam as lembranças futuras daquele presente. Quando não estava nas ruas, estava em casa escrevendo sobre as mesmas. Num desses dias, me veio à lembrança de que no dia 22 de março de 1999 quando, no Grêmio, comemorávamos o decreto que transformaria a Escola Técnica Federal do Ceará no Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará com ensino completo, público, gratuito e de qualidade. Embevecido, adormeço.

Apagão

Retiro-me desesperado daquele Hotel no Pacífico. Retorno ao meu corpo que me aguarda em Brasília. Levanto-me e ligo o meu multicomputador. Em uma área holográfica dele, zapeio todos os canais de TV, nas demais, navego pela Internet.

Os noticiários mostram os eufóricos ativistas finalmente atravessando a ponte Queensboro em direção à Manhattan. Na Europa e na China, ativistas finalmente ocupam as sedes dos poderes.

Suando frio, preparo mensagens de alerta e as envio celeremente aos revolucionários ao redor do mundo.

A televisão mostra a sede da ONU sendo ocupada. Em todas as suas poltronas e cadeiras, os discos pretos projetam hologramas de representantes eleitos virtualmente para representar cada país. As paredes são cobertas com painéis que revezam rostos de milhões de pessoas no mundo que participam diretamente das decisões democráticas.

A maioria dos ativistas que me respondem não acreditam que em poucas horas as redes eletrônicas deixarão de funcionar. Esforço-me em tentar convencê-los. Tarefa difícil. Como explicar a forma como obtive as informações? Alguns me respondem que começaram a investigar a seriedade das minhas informações. Continuo a espalhar alertas, mas por falta de indícios fortes do que digo, alguns ativistas começam a espalhar a hipótese de que eu estava querendo atrapalhar o clímax da revolução humana.

De repente, os noticiários começam a divulgar supostas mensagens de grupos terroristas que seriam integrantes da revolução democrática. Afirmam que eles acabaram de hackear vários satélites, e pretendem realizar atentados, destruindo os computadores de todas as corporações no mundo.

Os coletivos humanos reagem, repudiando que terroristas façam parte de seus revolucionários. Votam as perdas de concessões das TVs que veicularam mentira. Quando começam a votar propostas de unificação mundial das moedas, bem como o código civil do cidadão da Terra, todos os hologramas e

painéis se apagam. Meu multicomputador pára de funcionar quase ao mesmo tempo. Nenhum equipamento eletrônico funciona mais.

Segue-se o caos mundial. As pessoas saem às ruas para protestarem, mas como a forma é desordenada, são dispersas facilmente pelos batalhões aéreos e terrestres do dito governo mundial provisório que se instalou.

As lojas de todo o mundo distribuem os novos multicomputadores fotônicos. A rede é restabelecida e o povo tem a impressão de que tudo voltou ao normal, que prossegue democraticamente o governo de toda a humanidade para todas as pessoas. Quando percebem o agravamento da exploração de homens e natureza, é tarde demais para se organizarem livremente. Velho e cansado de ver o mundo assim, abandono o corpo em coma e retorno a outros tempos, piores porém esperançosos.

O fim

Agora nada me faria desistir da busca de minha vida inteira.

Com olhos de excitação, eu dedilhava meu mapa holográfico. Aqueles sete lugares realçados da Cordilheira Pacaraimã eram os últimos do mundo onde ainda poderia encontrar o bendito abrigo subterrâneo que protegia o que eu buscava. Os registros indicavam que ele fora construído no começo do século XXIII, e já fazia quase trezentos anos que estava oculto.

Enquanto o resto da tripulação embarcava ruidosamente na gigantesca espaçonave, eu arrancava com meu encorajado anfíbio para longe dela. Três veículos similares interrompem a subida ao imenso esferoide e partem disparados na minha direção.

– Jonh Calderas! Aonde você vai? Temos que partir agora!

– Delian, esta é nossa última chance! A maioria decidiu decolar, mas você sabe que tentar partir é tão perigoso quanto ficar. Eu escolhi esta esperança!

– Não deixarei que fique sozinho! – Brada nos receptores uma embargada voz feminina, enquanto seu blindado acelera abruptamente.

– Lucy, não faça besteira! – Grita Delian Oberon mais preocupado ainda.

– Poupe sua voz conosco, Oberon – Diz Luiz Medonça, tranquilamente, seguindo o mesmo caminho que Lucy. – Onde meu amigo estiver, contará com minha cabeça gorda ao seu lado.

– Amigos, deixem-me ir sozinho. Ouçam Oberon. Voltem todos e decolam imediatamente! – Aconselho-os. – Se eu conseguir, encontrarei vocês em órbita daqui a algumas horas. As câmaras de hibernação e os propulsores subglaz que eu devo obter garantirão nos levar à Gliese 581d em segurança. Senão, mesmo assim vocês ainda terão chance de resgate no espaço, antes dos suprimentos acabarem e, quem sabe, apenas a minha vida será desperdiçada.

– Bah! Isto são duzentos anos? – Parece a mesma piscadela que senti quando hibernei a última vez durante 50 anos no século XXIII – Pensa o grisalho senhor, enquanto, ainda deitado, abre os olhos dentro do cilindro metálico hermeticamente fechado.

– Hora de voltar aos negócios! Se a degeneração biológica do corpo ativo fosse totalmente neutralizada, eu não teria que me afastar da diversão para ter que usar este artificioso adiador da morte. – Diz para si mesmo na hora em que o cilindro se parte em dois e o deixa boiando no vazio da imensa estrutura piramidal subterrânea.

– Vejamos agora se depois destes dois séculos, aqueles infelizes fizeram bom uso dos quatrocentos bilhões de cifras que investi. – O idoso pousa suavemente numa confortável cama lilás, sua cor preferida.

– Bom dia, Senhor Walton! – Saúda a voz feminina do holograma. – Bem-vindo ao ano terrestre de 2493 d.C. No momento de sua hibernação, as colônias Gliese 581c, Gliese 581d, HD 187123c, 55CNCe e 51 Pegasi d já estavam plenamente terraformadas.

– De novo esta repetição!... É o jeito ouvir. Nunca se sabe se o processo de hibernação ou meu envelhecimento natural me fariam esquecer algo importante...

A voz prossegue:

– Décadas depois, estas colônias receberam a maioria das populações financeirizadas da Terra, garantindo a hegemonia das fundações Rockefeller nas três primeiras, restando às fundações Ambani apenas, a colônia de Pegasus.

– Tranquilidade... Dois séculos são tempo suficiente para que os Ambanis também possam ser devidamente incorporados.

– Walton sente um leve tremor do chão, mas pensa ser alguma indisposição pós-hibernação.

– Diana, contate-me com a fundação em Gliese d.

– Lamento, senhor. Estamos sem recepção taquiônica nesta base.

– Mas que droga de engenharia eu contratei!

– Em 2327 d.C., seu tataraneto Bernard estabeleceu a 5ª colônia no planeta terrestre extrassolar GJ 436 b.

– Muito bom... Sempre acredite no garoto. Mas agora tente contato com a sucursal terrestre mesmo, mas em todas as frequências e sinais disponíveis.

– Testes de transmissões em curso. – E continua. – Em 2341 d.C., nosso império já abrange um raio de 70 anos-luz da Terra. Mais de mil planetas estão sob nosso domínio. A maioria com ambientes inóspitos e muitos deles com mão-de-obra inteligente capaz de trabalhar para nossas corporações. Foi quando uma avançada civilização do sistema Vega se rebela contra nós. Seu governo mantém um regime comunista em várias colônias num raio de 30 anos-luz de seu planeta Vêrgulos.

– Interessante...

– Travamos vários conflitos com os vergulianos, mas sempre encontramos alguma forma diplomática para manter certa paz. Afinal, como seus líderes também não são democráticos e nossos interesses são similares, sempre é possível negociar tudo com seus individualistas e ambiciosos líderes. Até mesmo o seu próprio povo.

– Sempre ensinei isto aos meus filhos e executivos: negocie sempre com o menor número possível de pessoas e o lucro será garantido.

– Em 2413 d.C. todas as fundações interromperam as novas colonizações para debelar um surto de democracia direta baseada em comunicação taquiônica que ameaçava o decisório poder das corporações em todas as colônias.

Penso que meu neto Andrélio deu conta disto mais uma vez. Eu mesmo resolvi um caso deste em 2068 antes da primeira colonização. Uma simples detonação mundial de pulsos ZHAARP fez todos os circuitos da Internet eletrônica queimarem e os revoltosos ainda levaram a culpa. Vendemos a maioria dos novos computadores ópticos, centralizamos o controle da nova Internet e beiramos a hegemonia financeira global.

A feminina voz prossegue:

– Aos líderes da insurreição, foram oferecidos excelentes cargos na hierarquia das corporações e a maioria aceitou. – Conclui a voz feminina antes de informar o insucesso nas transmissões eletromagnéticas.

– Iniciando agora testes de comunicação com neutrinos.

Rockfeller retoma suas ponderações sobre as insurreições.

– A última vez que este atrevimento havia acontecido foi em 2149 d.C durante minha penúltima hibernação. Meu filho George resolveu facilmente o caso financiando a maioria dos intelectuais do mundo a promoverem uma nova crise do conhecimento. Informação sem entendimento dos significados garante sempre a preferência por nossa democracia representativa... Hehehe!!!

– Comunicação via neutrinos sem respostas.

– Mas que droga! – Walton começa a se preocupar mesmo.

Diana prossegue.

– Mas a quantidade de líderes remanescentes triplicava a cada ano e uma nova crise de conhecimento não foi possível ser implantada porque os colonos passaram a representar os conceitos não mais por palavras, mas através da própria indução taquiónica de pensamentos, numa tecnologia que eles chamam de taquideologia.

BRAAAHUMMM! – Toda a estrutura treme. Walton, pela primeira vez na vida, igualmente treme por dentro.

Em 2487 d.C., os chamados Coletivos Planetários assumem todo o controle do Grupo local de planetas, inclusive a Terra e a Nova Terra Gliese 581 d.

– NÃÃÃÃÃO!!! – Grita Walton, estrondosa e agudamente. – O trabalho de séculos jogado fora!!!

O nervoso homem vaga desorientado de um lado para outro.

– Diana, mostre-me imagens da superfície.

– Desculpe-me, Sr. Walton. Os captadores atmosféricos estão inativos.

Walton corre languidamente para o veículo-toupeira, estacionado dentro do elevador de acesso à superfície, enquanto segue ouvindo desolado a voz onipresente do holograma. Outro estrondo derruba-o na porta do transporte.

– Segundo os registros das últimas transmissões taquionicas recebidas por esta base, os Coletivos Planetários tentaram reverter o estado de degradação dos planetas explorados, mas como suas decisões demoravam dez vezes mais que as dos executivos das corporações, as populações inteiras das colônias começaram a morrer junto com seus ecossistemas que já estavam em colapso terminal.

– Teimosos! – Resmungo ao ver no radar holográfico os outros dois veículos a seguirem-me. A densa e turbulenta atmosfera impedia qualquer visão direta.

– Mas vejam só! Estou captando sinais de todas as espécies vindas do Monte Roraima! – Comemoro, enquanto dedilho o holograma, deixando acesa apenas a imagem tridimensional daquela mesa geológica. – Agora temos um único alvo para as buscas.

– É melhor que cheguemos logo a este presumido abrigo, John. O furacão principal está se acelerando. Se ontem, a cada 23 horas, ele concluía a sua varredura por todo o equador terrestre, agora os dados mostram que o faz em 13 horas e continua acelerando. Temos no máximo meia hora para chegarmos.

– Dê-me uma notícia melhor, Luiz. Sea Savy Noe 667 já partiu, por exemplo!

– Estou vendo o bojo dela agora nos radares. – Diz Lucy, ansiosa.

Eu era o único que sabia da importância adicional do abrigo. Não era apenas a ainda intacta e maior fonte de recursos e proteção para a sobrevivência daquele último grupo humano na Terra. Eu descobrira nos arquivos confiscados das corporações que aquele seria o reduto de hibernação do famigerado Walton Lee Rockefeller. Meu objetivo maior era vingança e a eliminação de toda a raça humana.

Por mais que a minha consciência me dissesse que eu também era culpado pela degradação dos planetas habitáveis, era Walton quem havia comandado os erros. Quando eu era um jovem engenheiro na Terra do século XXI, investia nas ações das corporações e pensava apenas nos lucros, sem me preocupar com as consequências. Tenho raiva de mim mesmo por isto. Mas eram as fundações de Walton que dominavam as consciências antes dos coletivos retomarem o poder. Minha nova consciência agora era inútil. Os caminhos não tinham mais volta. Iria matá-lo.

A grande mesa geológica surge no horizonte dos visores holográficos dos blindados. Em poucos instantes, já estão no sopé do monte, iniciando as manobras de subida entre grandes tremores sucessivos.

– John, não estamos conseguindo atravessar a atmosfera! – Grita Oberon a bordo da Savy Noe667. – Parece que os cinturões de Van Alen estão com as forças multiplicadas e as suas barreiras eletromagnéticas empurram a nave para baixo.

– Use toda a potência e procure uma forma de descarregar o magnetismo da nave. Vocês precisam partir agora. O furacão está a 10 minutos. Acabamos de chegar em cima do planalto e já sabemos onde está o abrigo.

Walton entra no veículo e começa a subir.

– Diana, acione a redoma biosférica externa do abrigo.

– BRRRAAAHUUUUMMM! – A explosão geológica despedaça o poço do elevador, deixando Walton soterrado. Rockefeller aciona as brocas da toupeira, arromba as armaduras do elevador e rasga a terra em direção à superfície.

– O último estrondo levantou os blindados a alguns metros do chão, abriu uma imensa fenda que engoliu, na descida, um dos veículos.

– LUCYYYYYYY!!!! – Gritei, mas não houve resposta.

A terra se abre num gigantesco círculo de luz e uma redoma eleva-se lentamente, separando-me de meu amigo Luiz. A Savy Noe667 consegue subir mais alto numa nova investida, mas o furacão atinge-a em cheio, derrubando-

a estrondosamente no solo. O veículo de Luiz é arrastado como um brinquedo nas mãos esmagadoras do ciclone. Sem respostas de Luiz, eu saio desolado de meu veículo. Queria morrer, mas a biosfera artificial por sobre o abrigo garantia um ar calmo e respirável.

Nos receptores taquionicos de meu capacete, ouço a mensagem da última nave humana ainda detectada. Ela informa que vaga sem combustível e sem mantimentos na órbita da exaurida Nova Terra. Gliese e todas as demais colônias colapsaram. As naves que escaparam da última batalha contra as corporações, partiram inutilmente, tentando ultrapassar, hibernados, os 90 anos-luz que as separam de um possível planeta terraformável que salvasse nossa espécie.

Retiro o meu capacete e sinto a terra tremendo incessantemente sob seus pés. Atônito, observo ao longe um imenso fuso rasgar a terra, até que um veículo topeira emerge totalmente do solo. Dele desce um velho de olhar espantado para o céu e depois perdido no vazio.

Eu avanço raivosamente em direção a Rockefeller. Aos meus olhos, o velho não passa de um inseto lânguido na imensidão daquela desolação. A abóbada biosférica oscila em sinais de fraqueza, como se fosse martelada por centenas de punhos de fumaça e raios. Eu queria ter estes punhos dos céus para esmagar Rockefeller. Estou a dez passos dele. O velho ajoelha-se cabisbaixo, lágrimas volumosas descem pelas ranhuras do seu rosto. Nada adianta agora, nós sabemos disto. É o fim da humanidade. Eu caio de joelhos abraçando fortemente Walton. – Somos todos culpados! – Grito. E antes que as nossas lágrimas se misturem, o furacão rompe a redoma e devasta o planalto misturando ambos a todo o resto.

– John!

Ouçoo uma voz em meio à escuridão. Meu corpo vibra e eu abro os olhos. Eles discernem cada vez mais os grandes parafusos esverdeados do teto daquela minha redoma-tenda. Acoplo meu capacete e recebo, sorridente, os meus amigos Oberon, Luiz e Lucy. Que bom apertar novamente as mãos do gorduchinho Luiz, e rever aquela familiar cicatriz circundando o seu pulso direito.

– Você participará conosco do plano proposto pelos kepsianos?

– O de atuarmos democraticamente numa grande rede taquiônica que articulará as ações conjuntas dos coletivos de consciências com o objetivo de fazer cessar as explorações corporativas?

– Exatamente, amigo Calderas.

– Puxa! Que bom ainda estarmos em 2413 d.C. – Penso comigo mesmo. Digo aos companheiros: – Teremos êxito se começarmos o quanto antes e garantirmos o fim dos exaurimentos até 2427 d.C.

Os demais me olham perplexos.

– Eu vivi o que acontecerá se não nos empenharmos para antecipar e garantir pelo menos meio século sem as corporações humanas e vergulianas para que os planetas se recuperem e nossas espécies não sejam extintas.

Raptados por vergulianos

Ainda atônitos, Smelson e Alênia permanecem algum tempo agarrados um ao outro, até que se lembram do inerte corpo de Gauss ali próximo e apressam-se em tentar ajudá-lo.

– Parece bastante machucado. – Avalia Smelson

– Vamos tentar medicá-lo... – Diz Alênia – Oh! Ele morreu.

Asala hexagonal da esférica nave verguliana aprisionava Smelson, Alênia e o inerte Gauss. A situação era tensa. Ambos cogitavam sobre as intenções dos raptadores, até que são interrompidos por um dantesco ser que surge ao abrir de uma porta deslizando numa das seis paredes. A criatura era horrível. Tinha uma cabeça oval. No lugar dos olhos tinha uma faixa gelatinosa e esverdeada. Não tinha nariz e a boca mais parecia uma abertura circular de meio palmo de diâmetro vedada com uma película e com orifício na borda superior. Era bípede, tinha a pele lisa e azulada, possuía dois braços com quatro dedos cada e vestia uma roupa cinza metálica com alguns equipamentos na cintura. Segurava algo que parecia perigoso, pois apontava ameaçadoramente para a indefesa dupla.

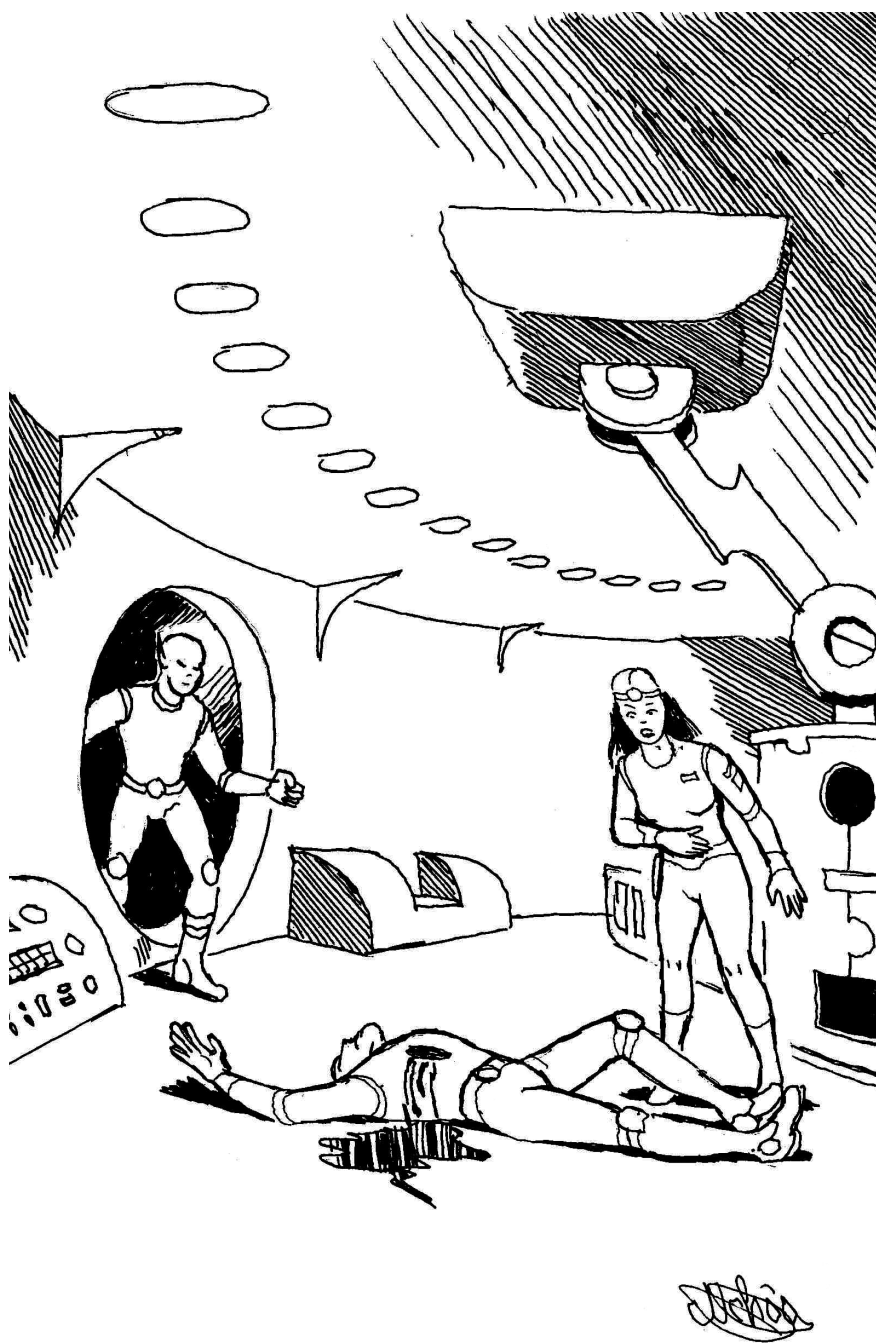
– Sou Zorárgulo, comandante desta nave espacial. Gostaria que me acompanhassem. – Diz estridentemente e com ar de sarcasmo fazendo vibrar sua película bucal.

– O que você quer de nós, Zorárgulo? – Interroga enfaticamente o Doutor Smelson.

– Saberão em breve.

A dupla humanoide atravessa a porta e caminha por um extenso corredor seguido pelo verguliano sempre com a arma em riste. Acessam uma espécie de elevador gravitacional e o trio levita e ascende até o pavimento superior da nave. Entram em uma ampla sala de comando cheia de estranhos equipamentos que sibilam, piscam, zumbem e se movimentam.

Pelo teto transparente e abobadado, que se estendia a até 5 metros do piso, podia-se ver um planeta azulado com extenso anel cinzento em volta



e três grandes satélites ao redor. A nave parecia orbitar em alta velocidade e não era atrapalhada por nenhuma das inúmeras naves esféricas, piramidais ou cilíndricas que transitavam por aquela região sideral. Quatro vergulianos trabalhavam nos controles indiferentes à presença dos prisioneiros.

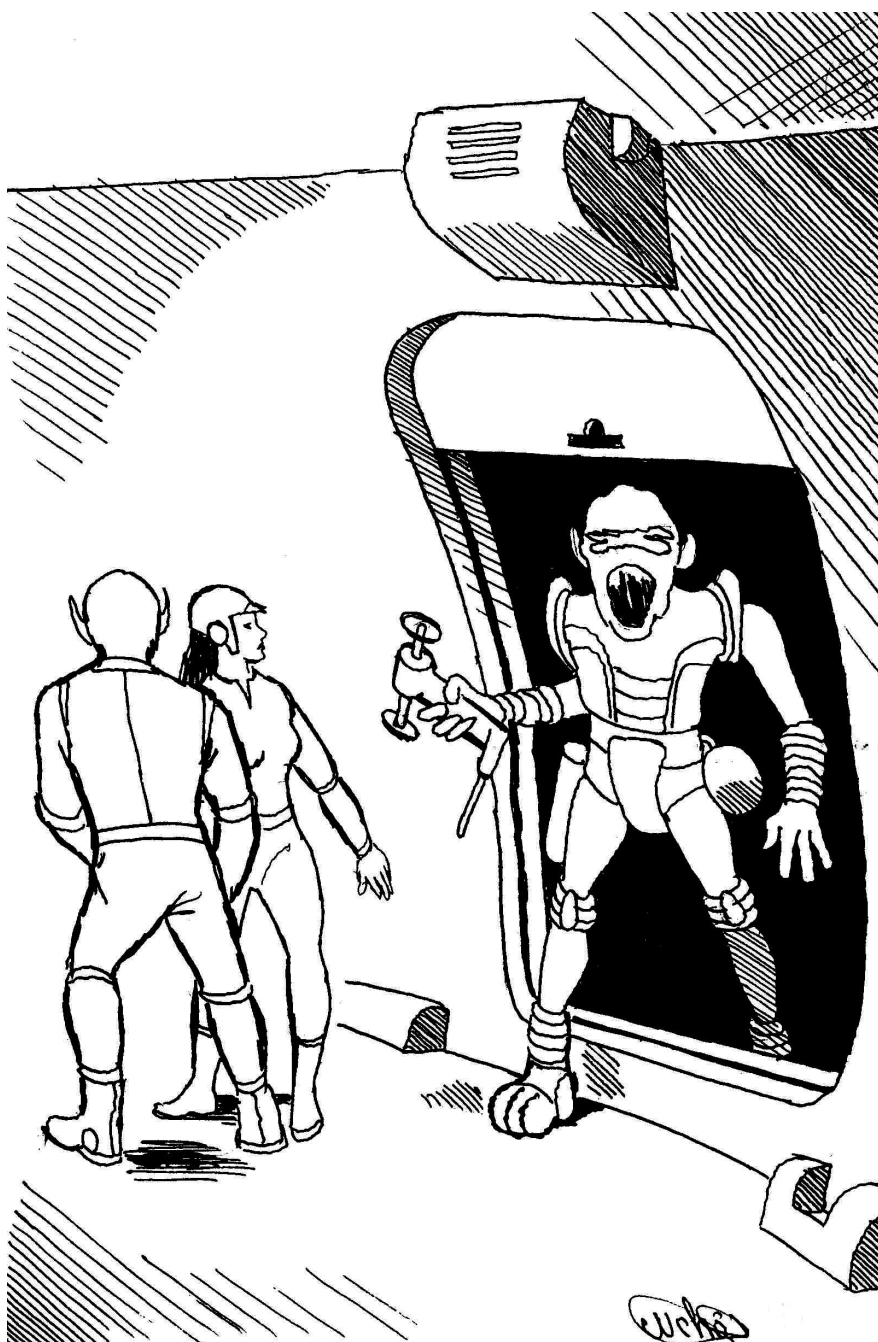
– Este é o planeta Vérgulus do sistema Vega, como é conhecido pelos humanos. Devido a grande massa de nossa estrela, os humanos demoraram a detectar nosso planeta através de variações na órbita de Vega. Há milênios, colonizamos este sistema estelar e temos mantido uma convivência um tanto hostil com o império terrestre. Temos receio de sermos dominados por eles como outras civilizações o foram. Isso nos mantém em atrito e alerta constante sobre qualquer tipo de arma que signifique ameaça ao nosso povo. E agora essa aparente união humana com vocês nos faz temer algum perigo. O modo estranho como surgiram no espaço naquele dia de batalha na zona W 757 nos faz pensar que vocês possam nos ameaçar de alguma forma. Parece que iniciaram um projeto em cooperação com o império terrestre e quero saber do que se trata.

– Senhor Zorárgulo, não há nenhum projeto conjunto. Garanto que nosso povo não trará nenhuma hostilidade para qualquer civilização deste Universo. Mas sei que existe uma versão sobre a relação de vocês com os humanos que é um pouco diferente da sua. Os terráqueos alegam que os vergulianos vivem em invadidas colônias planetárias humanas e se matam por depredação e vandalismo. – Diz Smelson.

– Nós apenas recuperamos o que é nosso por direito! Há milênios havíamos explorado essa região da galáxia e demarcado nossos limites políticos até que os humanos chegaram depois e colonizaram nossas propriedades. Mas, afinal de contas, que tecnologia vocês possuem e que os humanos querem dominar?

Smelson faz passear os olhos ao redor como se buscasse as melhores palavras para aquela situação. Está seguro. Não teme dizer a verdade para aquele ser menos desenvolvido e, lembrando-se do plano maior, prossegue:

– Trata-se de um projeto científico de cosmologia. Desenvolvemos um equipamento capaz de espaçar e reduzir qualquer objeto e dessa forma poderemos estudar o macro e microcosmo, seus segredos, origens e estruturas. Com



esse invento, partimos de nosso planeta Icestar do sistema Starfire. Nós nos reduzimos a tamanhos microscópicos até penetrarmos num átomo de hidrogênio. Depois, nos reduzimos cada vez mais e penetramos em subpartículas cada vez menores até que nos deparamos com um microuniverso que é este onde estamos agora. Nós navegamos nesta Via-Láctea até que fomos descobertos por vocês e pelos humanos. Nosso objetivo é viajar por este microcosmo e pesquisarmos questões científicas fundamentais para a compreensão da estrutura material.

– Mas esse equipamento pode ser transformado em arma. – Raciocina rapidamente o verguliano. – Já pensou se os humanos em vez de bombardearem nossas naves eles a espaçorreduzirem cem vezes. Com isso poderiam destruir enormes frotas de naves vergulianas e nosso povo morreria por não possuir um habitat de sua dimensão.

– Concorde que há essa possibilidade, mas farei o possível para que ela não se realize.

– Suas promessas não resolvem o nosso problema, senhor Smelson. Queremos conhecer o segredo dessa tecnologia e termos o domínio sobre ela.

– Sinto muito, mais não há possibilidade que eu lhe revele.

– Então haverei de tirar-lhe essas informações por outros métodos. Capitão Drágulos! Enclausure a terráquea numa cápsula prisão e leve esse alienígena para o setor de psicodecriptação⁶. Haveremos de descobrir os segredos da espaçorredução.

Um dos quatro seres que estavam nos controles aproxima-se da dupla humanoide com uma espécie de arma empunhada. Esta é disparada e um raio anil atinge Alênia, deixando-a com uma espécie de aura azulada. Depois outro raio atinge Smelson, deixando-o também imobilizado e coma estranha redoma. Em seguida, Drágulos caminha conduzindo Smelson e Alênia que levitame atravessam algumas portas deslizantes. Em instantes, o trio encontra-se numa sala cheia de cilindros semitransparentes.

⁶ Psicodecriptação – método de leitura dos dados eletroquímicos armazenados pelo encéfalo.

Drágulos aproxima-se de um deles. Parecem ser acionados mentalmente e em sua base piscam algumas luzes coloridas. Uma luz sólida esverdeada percorre todo o cilindro. Este abre-se verticalmente e suga o imobilizado corpo de Alênia. Depois se fecha e a dupla em seu exterior some como da primeira vez e ressurgem em outra sala bem ampla e cheia de estranhos equipamentos. No centro dela, Smelson é deixado em postura ereta. Drágulos caminha até uma confortável poltrona onde se acomoda tranquilamente.

No canto esquerdo da sala, dois discos se desacoplam de um equipamento e levitam até o centro do recinto. Um pousa a poucos centímetros sobre a cabeça do imobilizado kelpsiano e encaixa-se sobre ela através de um autoajuste de sua estrutura flexível. O outro levita até a cabeça de Drágulos e ajusta-se de forma similar. Smelson e o verguliano permanecem frente a frente.

– Muito bem, senhor Smelson. Que tal começar a me contar qual o princípio de funcionamento do espaçorredutor?

Em Nova Terra

Instantes depois que a verguliana espaçonave sumiu no espaço diante dos icerstacianos e humanos, estes fizeram contato imediato com o sistema de defesa terrestre para que tentassem reaver os sequestrados. Momentos após, o desolado grupo de ex-turistas científicos estavam reunidos na sala de conferência do Centro de Pesquisas Gliesiano.

– Não tenho dúvida que os vergulianos buscam um meio para nos chantagear! Indigna-se Andrélio.

Roberfil aproxima-se da mesa redonda de madeira confortável e ispoltronas enquanto tira os olhos do holograma produzido por um minúsculo objeto em seu dedo.

– Já foi feito o mapeamento de todo o espaço-território gliesiano e não foi encontrado nenhum indício de nave verguliana. A espaçonave raptora certamente foi hipertransportada para outro espaço-território através de um “Wormhole” (buraco de verme espacial), cujos traços detectamos. Estes buracos são muito raros. Os vergulianos devem ter aproveitado a ocorrência natural de um deles próximo à Nova Terra para conseguirem escapar acima da velocidade da luz.

– Então não há nada que possamos fazer para resgatarmos Smelson, Gauss e Alênia?

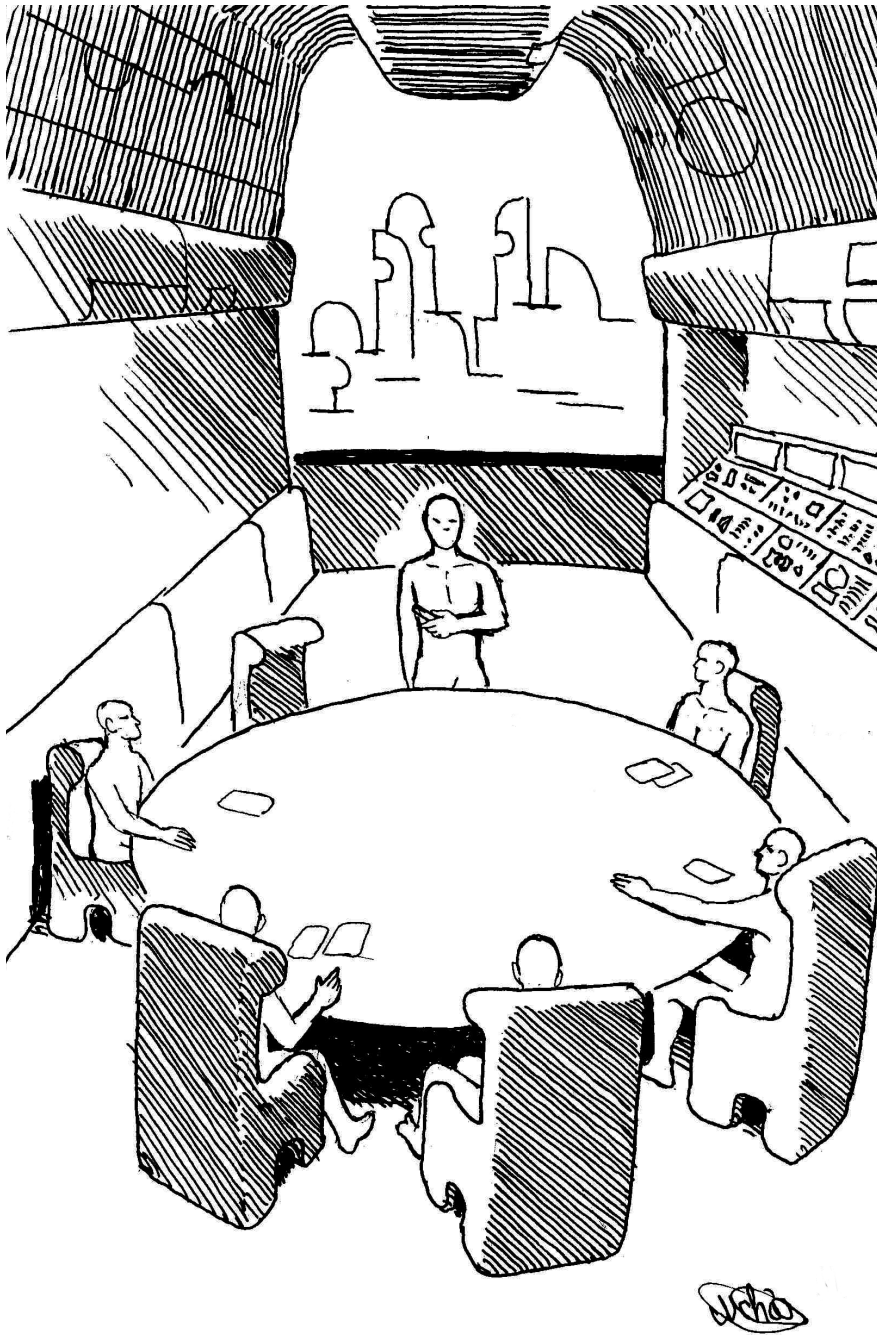
– Infelizmente, nada, senhor Caliby. O máximo que podemos fazer é esperar a proposta ordinária dos vergulianos para nos entregarem os nossos.

– Responde Clávius.

Andrélio olha absorto para o grupo.

– Ficaremos alerta treze horas por dia. Qualquer mensagem enviada pelos vergulianos nos deverá ser imediatamente informada.

– Senhor Clanes, até que encontremos o doutor Smelson, Alênia e Gauss, a única tarefa que faremos será, de todas as formas, procurar os raptados. Só não sei como os vergulianos romperam nossas barreiras atmosféricas que estavam acionadas antes da fuga.



– Acho que tenho a resposta para sua pergunta, senhor Andrélio.

Todos olham surpresos para o holograma que é ativado no centro da mesa por Roberfil.

– Nenhum humano pode se transformar em um horrendo ser de faixa gelatinosa no lugar de olhos, pele azulada e um disco no lugar da boca.

– Por que o tenente Glauss se transformou em um verguliano?

– Na verdade, senhor Andrélio, o autêntico tenente Glauss foi morto horas atrás por esse verguliano metamorfo, que é capaz de dar ao seu corpo a forma que quiser.

– Então, senhor Roberfil, você quer dizer que um alienígena disfarçado de Glauss desligou por alguns instantes uma barreira atmosférica.

– Exatamente, senhor Andrélio. Ele está sendo preso numa câmara anti-desmolecularizadora e será submetido a interrogatório.

– Vejamos se descobrimos algo. Mas com certeza, só nos resta esperar contato com os vergulianos.

Duelo mental

Smelson permanecia defronte de Drágulos, impávido e plácido como uma rocha. Sabia que o verguliano planejava ler sua mente e até fazê-lo contar os segredos do projeto inconscientemente. Teve uma ideia. Poderia bloquear sua mente, mas resolveu se divertir. Pensaria num velho projeto qualquer que criasse ilusões de que tudo crescia e forjaria sua mente bem fraca para ser penetrada com maior facilidade. Assim, quem sabe, o horrendo Drágulos deixasse sua mente um pouco vulnerável... E assim o fez.

– Vamos, doutor Smelson. Como funciona seu equipamento que encolhe coisas? – Perguntava agora mentalmente o verguliano. Em instantes, a máquina que desprendera os discos faz surgir um holograma onde surge tudo que o icestarciano pensa.

– Isso, doutor Smelson. Continue a revelar o que sabe sobre a tecnologia espaço redutora. Em breve nós... Harggh!!!

– Agora, Drágulos, me responda tudo o que eu lhe perguntar.

– Sim.

– Onde Alênia está aprisionada.

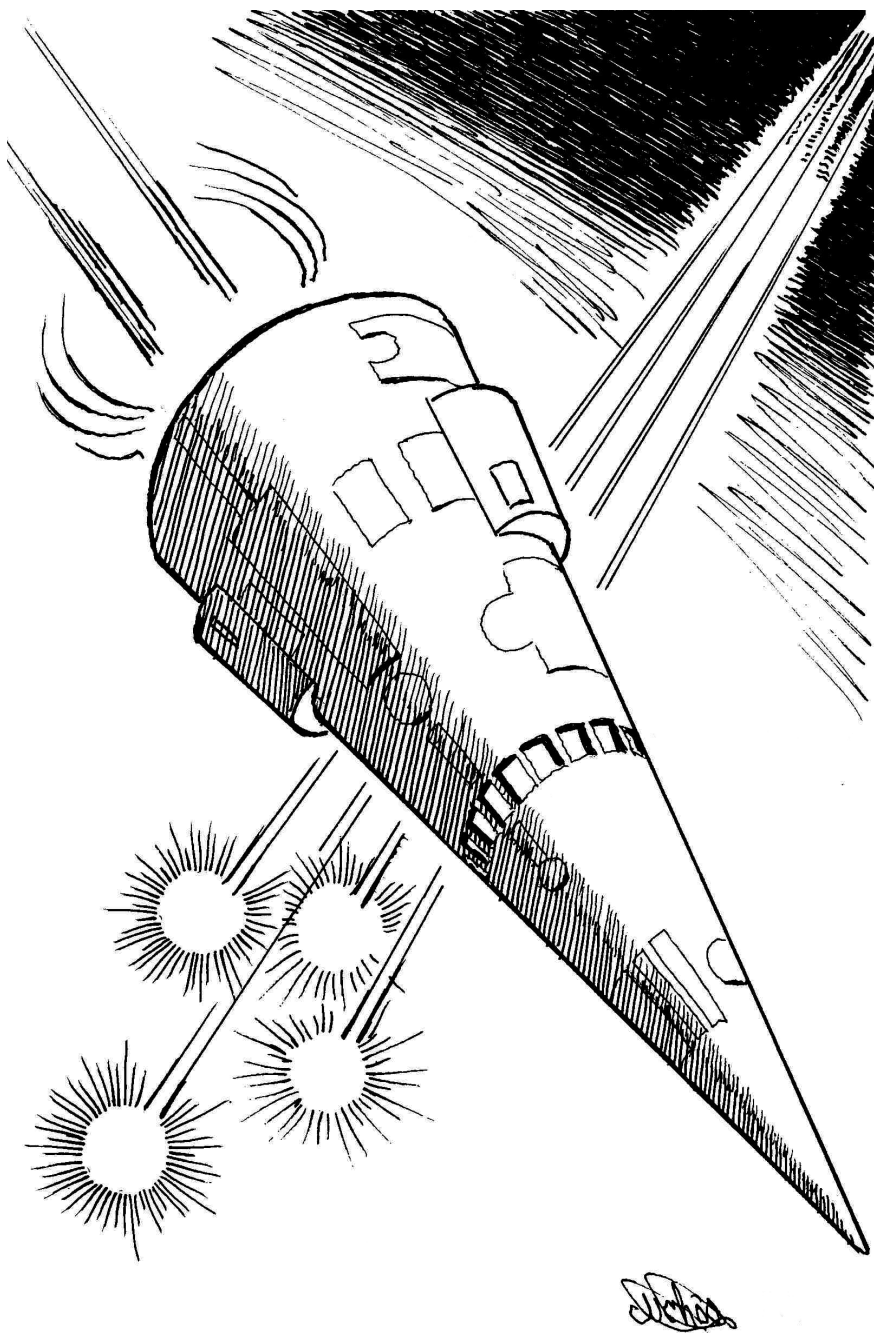
– Ela está no setor WK 735, na redoma de introspecção. – Responde Drágulos enquanto surge num holograma o esquema tridimensional da nave verguliana e o local onde Alênia fora deixada.

– Leve-nos até ela.

– Sim, senhor Smelson. Responde Drágulos novamente com voz de zumbi. Os dois percorrem alguns corredores. Outros vergulianos os veem, mas pensam que Drágulo está escutando o prisioneiro. Adentram na sala de inspeção. Ali estava Alênia, tal qual fora deixada. Estática e cercada por uma aura cor de anil e as paredes transparentes de um cilindro circular.

– Retire-a da redoma.

Com um gesto de Drágulos, a parede de cápsula desliza sobre a base e cria uma abertura com as dimensões de uma porta.



– Acorde-a.

O verguliano move o indicador da mão direita e a aura azulada de Alênia desaparece. Esta volta a si e joga-se nos braços de Smelson.

– Smelson, vamos fugir daqui. Livremo-nos deste verguliano!!!

– Calma, Alênia! Eu o tenho sob o controle. Não moverá um dedo contra nós.

– Agora, Drágulos, leve-nos até o hangar das naves reservas.

Drágulos faz um gesto, e agora os três planam até uma vasta sala repleta de objetos que pareciam veículos espaciais.

– Só espero que saibamos usar uma destas naves vergulianas. – Comenta Smelson.

– Basta aplicar o sistema de lógica octal, que é o sistema numérico verguliano. – Diz Alênia.

O trio aproxima-se de uma espécie de nave cilíndrica. Era de certa forma grande. Talvez sete metros de diâmetro e tinha uma base hexagonal apoiada no piso. Sua aparência externa era de um negro fosco que se não fosse o contraste ao redor, podia-se dizer que aquele objeto não existia.

Smelson dá a ordem a Drágulos para que ele os faça entrar na opaca nave. Em segundos, surgem linhas luminosas ao redor do veículo espacial que torna possível a visualização de seus contornos e uma abertura pentagonal surge da base até alguns metros do piso deixando a mostra o interior do objeto.

De repente, surgem três silhuetas vergulianas atrás de uma parede próxima que se desmoleculariza até ficar transparente.

– O que pensa que está fazendo, Drágulos? – Pergunta Zorágulo enquanto empunha uma pistola.

– Obedeço às ordens do senhor Smelson.

– TTZZIIIWFF!!! Um feixe de “faser” destrói o disco de Drágulos junto com sua cabeça, espalhando seus miolos ao redor enquanto o corpo tomba no piso.

– Vamos, Alênia, entre na nave!

O casal pula para o bojo da nave antes que um raio mortal passasse próximo à dupla.

– T'TZILLWILF!

–TZZIWF!

A porta da nave se fecha enquanto ela é bombardeada por raios destruidores que nem chegam a arranhar a carcaça daquele imenso cilindro tecnológico. Smelson e Alênia imediatamente sentam-se diante dos controles da nave. Smelson pensa e age rápido. Lembra-se das aulas de neuroindução sobre como operar máquinas vergulianas. Em segundos, a estrutura externa da nave se altera. Surge um bico alongado de mesma inclinação do visor, prolongando-o.

A nave agora mais parece um cone. Ela eleva-se a poucos metros do solo e dispara um potente raio que destrói a entrada do hangar. O vácuo sideral faz com que tudo ao redor seja arrastado para fora junto com o ar.

Um dos vergulianos desaparece atrás da parede que se moleculariza rapidamente antes que ele fosse sugado para o espaço, junto com pequenos objetos do hangar e os outros dois desesperados metamorfos.

A nave de Smelson e Alênia aciona os propulsores e eles escapam para os confins do espaço. Naves vergulianas perseguem os fugitivos sob fogo cerrado, até que Zorárgulo envia quatro bombas perseguidoras teleguiadas em direção aos fugitivos.

As quatro esferas cercam a nave evadida e são detonadas automaticamente. Em milésimos de segundos, após uma luminosa e radiante explosão, nada mais resta naquele lugar no espaço a não ser poeira e radiação.

Chantagem Alienígena

– Estou captando sinais de origem verguliana. Elas procedem do setor YC 885.

– Ampliei os sinais, senhor Roberfil. Veremos que mensagem eles querem nos transmitir.

Ao término das palavras de Andrélio, um holograma surge no centro da sala de comando daquele Centro de Pesquisas.

– Estamos com Gauss, Smelson e Alênia. – Diz o holograma transmitido taquionicamente. – Nós o strocaremos por seu equipamento de espaço-redução. Se ele não for entregue neste setor até as treze horas neoterrestres, os prisioneiros serão transformados em poeira cósmica. E lembrem-se, quaisquer ataques da parte de vocês implica na destruição dos prisioneiros.

O rosto holográfico de Zorárgulo desaparece.

– Eis a ordinária proposta que lhes vaticinei... – Comenta Andrélio.

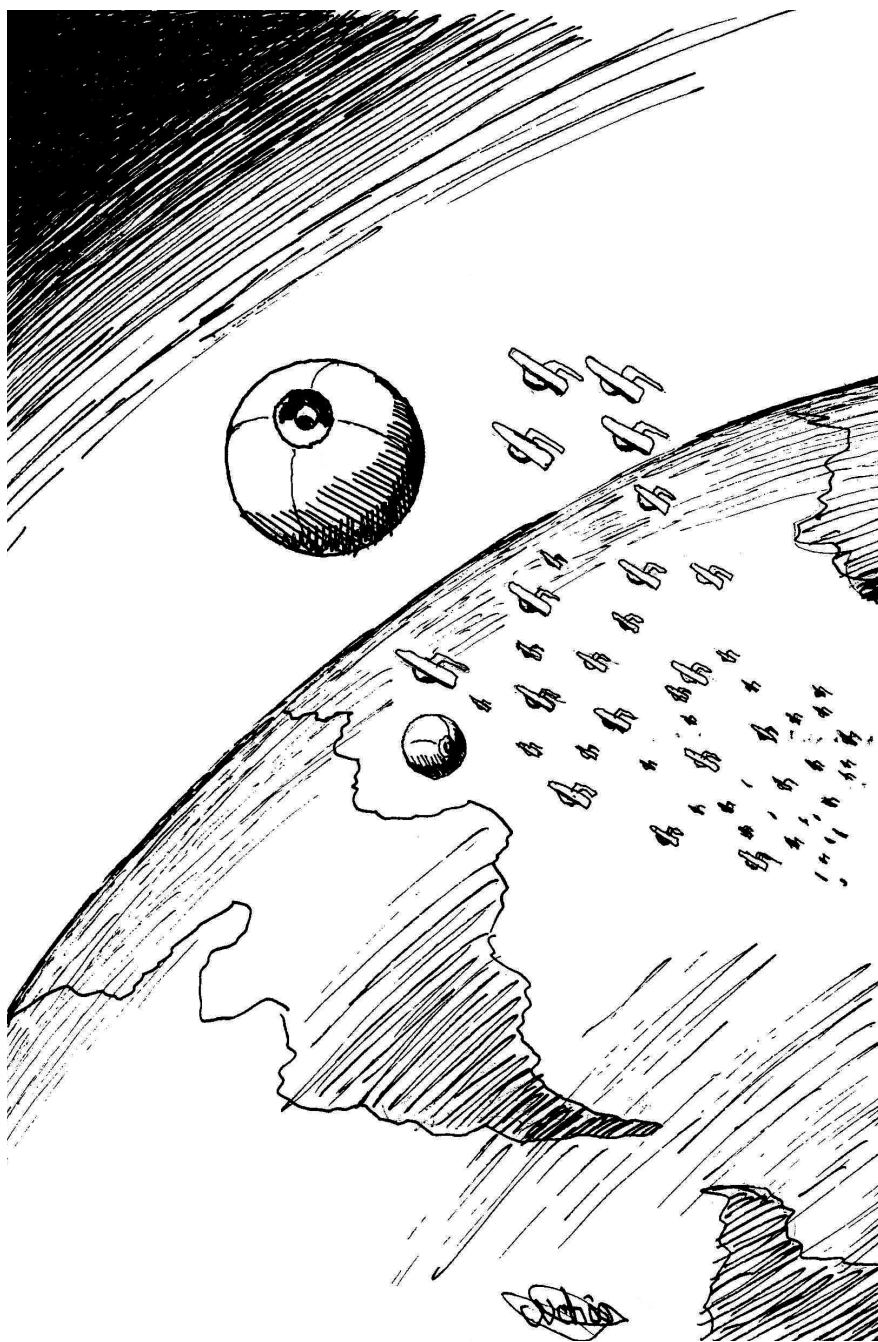
– Vocês já pensaram no que aconteceria se a tecnologia da espaço-redução estiver nas mãos de vergulianos? – Pergunta Clávius.

– No mínimo eles penetrariam com mais facilidade em nosso território de forma espaço-reduzida e poderiam nos espaço-reduzir milhares de vezes. Perderíamos nossas defesas.

– Você tem razão, Clávius. Com isso eles dominariam até a galáxia.

– Não só a galáxia, senhor Roberfil. Todo o universo poderá ser dominado por aquele que detém a tecnologia espaço-reduzidora. – Complementa Andrélio. – Contudo, não vemos outra saída senão simularmos a entrega da Cosmos III. Acredito que nenhum de nós quer a morte de nossos amigos.

– Senhor Andrélio, suponho que não temos outra alternativa a não ser entregar a Cosmos III sob vossos cuidados. Como subcomandante desta nave icestarciana, eu autorizo sua utilização para fins de resgate de nossos amigos. – Diz Estauro, confiante no plano kepsiano em curso.



– Sugiro que levemos naves reservas e muitos armamentos. É bom nos prevenirmos contra algum eventual ataque inimigo.

– Boa sugestão, Roberfil. Levaremos uma frota espacial de batalha e algumas novas reservas. Providencietudo, doutor Roberfil. Em vinte minutos deveremos estar a caminho do setor YC 885.

No tempo previsto, a Cosmos III foi colocada no interior da Paris X e esta cruzava a atmosfera neoterrestre seguida por frotas de naves espaciais de combate. Em alguns minutos, os tripulantes da Paris X avistavam as naves vergulianas que circundavam uma grande nave esférica.

Os dois grupos pareciam um par de gigantescos enxames de abelhas separados por dois segundos-luz. No espaço ao redor via-se uma dupla de estrelas binárias e ao redor três grandes planetas e um cinturão de asteroides.

O setor YC 885 ficava nos limites do império terrestre com o espaço verguliano. Era considerada zona neutra, onde nenhum de ambos os povos deveria trafegar. A desobediência desta convenção para um povo implicava no ataque direto e rechaçante do outro povo. Mas agora a situação era diferente. Os vergulianos e terráqueos tinham um aparente negócio a realizar, e aquele era o lugar ideal para fazê-lo.

– A transmissão está iniciada, senhor Andrélio. Os vergulianos aguardam nossas mensagens. – Diz Clóvis após acionar o hologramo comunicador e surgir a imagem holográfica de três vergulianos em uma espécie de sala de comando de uma nave esférica.

– Aqui é Andrélio, chefe do Império terrestre. Trouxemos o equipamento espaço redutor. Como nos entregarão nossos três amigos?

– Vocês devem primeiro nos enviar o equipamento, quando conferirmos a carga, nós devolveremos seus amigos. – Diz Zorágulo diante da imagem heliográfica de Andrélio.

– Você acha que seremos idiotas o suficiente para entregar-lhes algo sem antes receber nada em troca?

– Terão até as 13 horas para decidirem. Quando enviarem o espaçorre-
dutor em nossa direção, nós lhes enviaremos um caça estelar com seus três
reféns. – Concluiu Zorárgulo, deixando pensativos os terráqueos.

Perdidos no espaço

– Você está bem, Alênia? Pergunta Smelson, enquanto tenta levantar a desacordada moça que estava deitada sobre o piso daquele pequeno veículo espacial que vaga na escuridão do espaço.

A garota limita-se a abrir lentamente os olhos e depois a fechá-los. Smelson a toma nos braços e deita-a sobre uma cama antigravitacional que faz surgir próximo a ela. Toca a palma de suas mãos e percebe que estas estão gélidas, ao contrário da testa que arde como fogo. Retira da cintura um pequeno disco ladeado de alguns botões repleto de minúsculas luzes coloridas.

Smelson deposita-o na testa de Alênia, de modo que o disco abranja da altura dos olhos a raiz dos cabelos. Smelson pressiona um pequeno botão vermelho e instantaneamente emana do objeto discoide uma luz verde que percorre todo o corpo da desacordada moça de forma a envolvê-lo como uma aura. Segundos depois o disco emite o som de uma voz eletrônica um tanto metalizada:

– UNIDADE BIOLÓGICA DE CARBONO TIPO CH-1 EM ESTADO DE CHOQUE ENERGÉTICO. ATIVIDADE NEURAL ABAIXO DOS LIMITES NORMAIS. QUADRO CLÍNICO NORMALIZANDO-SE LENTAMENTE. BIIP!!!

Smelson solta um suspiro de tranquilidade, enquanto relaxa os ombros. Depois volta a ficar tenso quando se lembra das naves vergulianas que os perseguiram. Volta rapidamente os olhos em direção aos visores do módulo espacial e não vê sinal de nenhum outro objeto que tivesse aparência de um artefato tecnológico. Põe as mãos nos controles e faz a nave dar um giro de 180°. Nada de vergulianos no espaço ao redor.

Olha para os radares e estes não indicam a presença de qualquer objeto eletromecânico. Nos visores somente vê um enorme planeta verde circundado por um grande anel de poeira cósmica sobre seu equador e com três consideráveis satélites naturais orbitando a gigantesca esfera esverdeada. Ao longe, dois sóis brilham iluminando o espaço ao redor. Volta à placidez ao saber da ausência do perigo.

Dirige o olhar para Alênia e avê ainda imóvel deitada levitando no ar. De repente, o disco volta a emitir uma mensagem sonora:

–BIIP!!!QUADROCLÍNICO TOTALMENTE NORMALIZADO!
BIIP!!!

– Oooh....! O que aconteceu...? Pergunta Alênia meia desacordada. – Sinto-me como se houvesse sobrevivido a uma explosão nuclear. – Alênia põe os pés no piso da nave e entrega o disco a Smelson.

– No momento estamos seguros, mas não sei como vimos parar aqui.

– Estávamos cercados por módulos bombas vergulianas e antes que eles fossem detonados, consegui direcionar a nave para a entrada de um Wormhole de matéria escura que tive a sorte de detectar passando próximo a nós.

– E para onde nos transportou?

– Não sei.

– Nem imagina onde?

– Não. Estava em estado de choque. Não consegui prever onde chegaríamos.

– E agora?

– Vamos verificar o mapeador automático da nave. Quem sabe teremos alguma informação. – Diz Smelson enquanto mexe com os dedos em alguns botões fazendo surgir imagens holográficas de busca espacial até que uma voz metalizada emite uma mensagem:

–ZONA ESPACIAL NÃO MAPEADA. SISTEMA ESTELAR NÃO CONSTA NOS REGISTROS COSMOGRÁFICOS.

– Então, nós estamos...

– Sim, Alênia. Perdidos no espaço.

– Que faremos agora, Smelson?

– Creio que não podemos ficar muito tempo longe da civilização. Suponho que aterrissemos em algum planeta que não seja hostil.

– Aquele planeta verde a nossa frente parece ideal. O que dizem as análises de composição?

– Tem grande abundância de nitrogênio, 20% de oxigênio, muita água, dióxido de carbono e argônio. Composição semelhante a Gliese 581 d. Gravidade igual a 1,1 em relação a Terra e parece ter solo firme.

– Então acho que devemos pousar nele até que encontremos um meio de chegar à Nova Terra.

– Concordo plenamente. – Diz Smelson enquanto aciona os controles da nave fazendo-a partir em direção ao mundo cor de esmeralda.

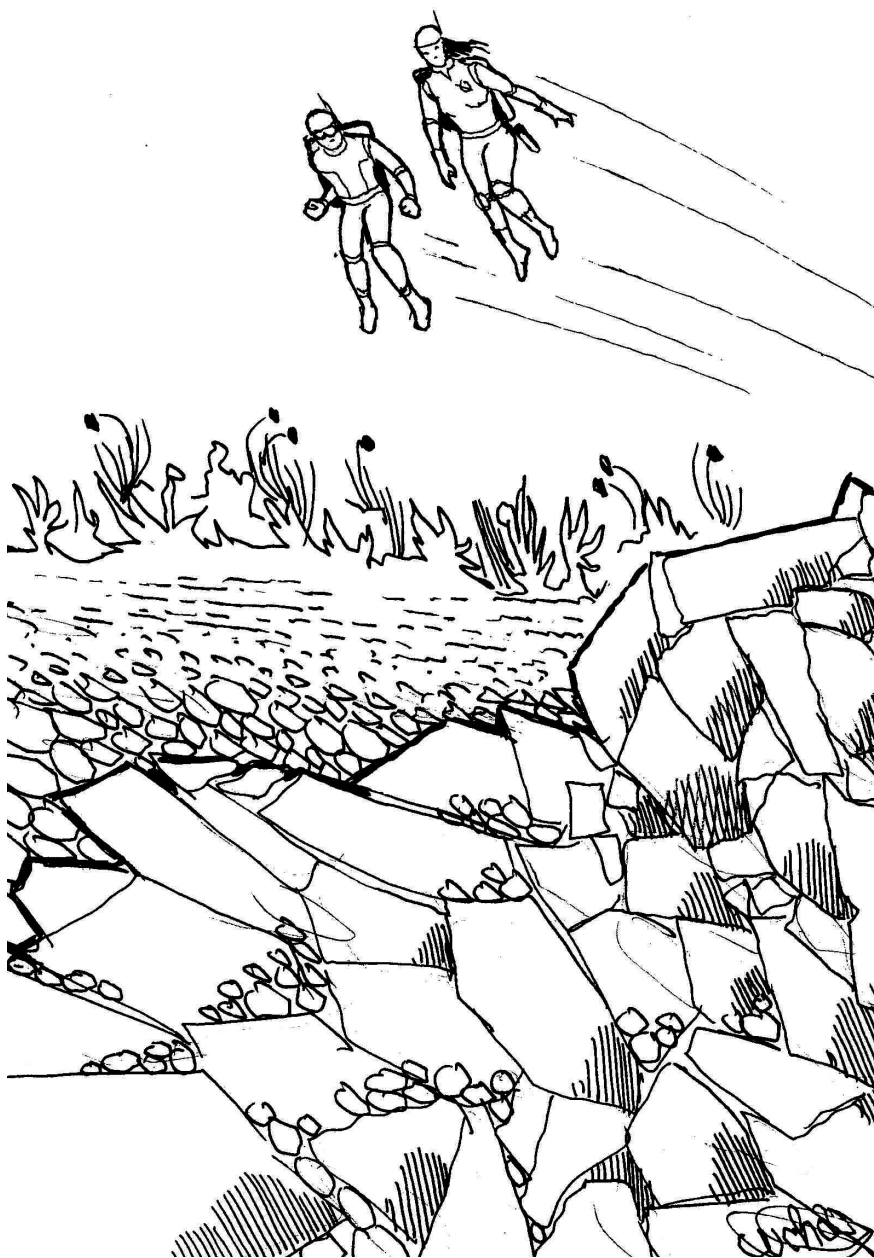
O pequeno veículo cônico aproxima-se do equador planetário enquanto desvia-se do imenso anel de poeira cósmica que circunda aquele mundo. O globo esverdeado cresce enquanto a nave perfura sua atmosfera.

Em instantes, podia-se notar uma fascinante imagem na superfície do planeta: oceanos, continentes e ilhas se delineavam sobre a superfície daquele mundo. À medida que os visitantes se aproximavam, notavam a rica flora existente além da límpida atmosfera e dos esmeráldicos mares.

A nave aproximava-se do desconhecido solo, enquanto Smelson faz manobras com aquele veículo para um pouso perfeito. Seleciona um lugar que parece bem firme e nele aterrissa verticalmente até fixar-se num extenso gramado. A nave retorna ao formato cilíndrico. Ele analisa a qualidade do ar e verifica a inexistência de microorganismos danosos.

Ela abre a escotilha. Um ar fresco invade o interior da nave e as narinas do casal, inundando seus pulmões com o arbóreo perfume. O vento faz revoar os loiros cabelos de Alênia. Ao pisarem o solo do novo planeta, vislumbaram sua fantástica paisagem. Havia descido em cima de um penhasco. A frente, depois do despenhadeiro, um imenso tapete verde ladeado por estranhas árvores e montanhas ao longe. Não havia sinal de civilização em parte alguma, por mais que Smelson procurasse com os seus sensores. Pareciam ser os únicos seres de cultura técnica naquela imensa esfera verde.

De surpresa, por entre as verdes e arbustivas árvores sai uma revoada de estranhos pássaros de quatro asas. Cortinas deles que se dirigiam a um



extenso rio que percorria toda a região florestal pelo meio do descampado. Podia-se dizer que era uma visão paradisíaca do céu. Era o lugar mais belo que um icerstaciano ou humano havia visto.

– Mas isto é incrivelmente lindo!

– É realmente belo este lugar. Ficaremos aqui algum tempo até conseguirmos voltar.

– Vamos ver se existem alguns equipamentos de sobrevivência nos depósitos da nave. – Sugere Alênia enquanto adentra no veículo espacial, seguida por Smelson.

– Temos que pegar algumas armas, roupas de proteção, barracas, qualquer coisa comestível. – Enumera Smelson, à medida em que aciona a abertura dos depósitos da nave e averigua o que existe em seu interior.

– Não espere gostar da comida verguliana. – Avisa risonha.

Smelson ri, jogando fora o fedorento conteúdo de um cilindro.

Em instantes os dois estão saindo da nave com o corpo equipado e uma espécie de mochila às costas. Após trancarem cuidadosamente a nave, o casal aciona os propulsores anti-G e sobrevoam sobre o penhasco até descerem próximo ao rio de cristalinas águas. Ali descarregam suas bagagens, montam uma barraca para se abrigarem e guardarem seus pertences.

– Smelson, o que faremos para retornar à civilização?

– Suponho que devemos descobrir onde estamos e então conseguirmos energia para nossa nave de forma que possamos retornar a Gliese. Mas acho melhor nós explorarmos as redondezas para nos certificarmos da ausência de perigo, já que deveremos passar a noite aqui.

– Que horas você acha que são nesta parte do planeta?

– São exatamente uma hora da tarde de acordo com o orbitômetro. A rotação desse planeta é completada a cada 25 horas, mas como a translação é feita em torno de dois sóis, nós teremos somente 6 horas e 15 minutos de escuridão noturna que terá início às 10 horas, 52 minutos e 30 segundos.

Antes disto, teremos mais de 9 horas para averiguar a região ao redor. O dia amanhecerá às 3 horas, 7 minutos e 30 segundos.

– Então, vamos sair agora. – Fala a humana, à medida em que a dupla termina os preparativos da expedição e sai da barraca. Em instantes. Fecham a barraca e seguem caminho em direção a desconhecida floresta.

– Bem esdrúxula essa estrutura botânica deste planeta. Onde já se viu uma árvore com dois troncos? – Observa Smelson enquanto passam sob o arco vegetal.

– Olhe essa árvore que tem folhas até nas raízes.

– Com certeza não é tão exótica quanto aquela planta ambulante.

Alênia abriu a boca diante do que Smelson lhe mostrava: Era uma fantástica criatura biobotânica. Uma espécie de animal e vegetal juntos num só ser. Parecia um tronco de árvore coberta de folhas de onde saíam inúmeros galhos em direção ao solo e suas extremidades, como raízes, penetravam a terra fofa enquanto se articulava e movia-se lentamente.

– Nunca vi um vegetal tão desenvolvido em toda minha vida. – Comenta Smelson, antes de Alênia exclamar.

– Esse é o animal mais dantesco e mais primitivo que já vi!

O par de visitantes espaciais caminha dentro da incrível floresta, observando todas as inusitadas coisas que lhes surgem aos olhos. Aquele bosque estava muito bem iluminado pelos dois sóis que lançavam seus raios por entre as frestas das árvores inundando de luz e cores aquela imensidão arbórea.

O casal percorre todo o contorno do acampamento num raio de cinco quilômetros, até deparar-se com uma encosta de uma montanha. Eles a escalam com levitação antigravitacional. Em alguns minutos, encontram-se no seu topo, que mais parecia a superfície de uma grande semiesfera coberta de um tapetado gramado verde com algumas flores de todas as cores ao redor. O casal senta-se no centro do cume e observa mais completamente a paisagem que as ladeia.

– Este é um lugar perfeito para um descanso.

– É verdade, Alênia. São seis horas da tarde. O sol amarelo iniciou seu ocaso agora. O vermelho irá se pôr às dez e cinquenta e dois. Temos muito tempo antes do completo anoitecer.

– A vantagem deste mundo é que podemos ver dois pores-dos-sóis por dia. Este planeta me lembra Anitélia. Era o único onde eu havia assistido a um espetáculo destes.

– Já o assisti antes no planeta Asmut, da galáxia Kelps, mas não tão belo e magnífico como este.

– O Universo tem muitos mistérios aguardando serem desvendados.

– Certamente, Alênia, assim como o Universo é infinito, inúmeros também são os mistérios que ele retém.

– Você crê que nada é impossível para uma espécie inteligente, Smelson?

– Somos apenas um pouco limitados no tempo e espaço. Mas nada é impossível. Todo impossível hoje pode se tornar possível amanhã, desde que não contrarie as leis da Natureza.

– Veja esta paisagem. Mais um mundo descoberto. – Diz Alênia enquanto põe-se de pé. – Existe o infinito cosmo, macrocosmo e microcosmo a desvendar. Não é fantástico? E temos toda a eternidade para perscrutar o Universo.

Smelson observa a bela moça de cabelos longos e dourados a gesticular tão filosóficas elocuições e tão angelicais gestos como a dança de borboletas na primavera. Admira as belas formas corporais desde o lindo busto, seu rosto de ninfa, cintura e pernas bem torneadas, tão precisas quanto suas inteligentes ideias.

De repente sente algo jamais sentido antes. Como bilhões de explosões atômicas em seu peito, a alegria de mil boas vindas a invadir sua mente e uma sensação estranha por todo o corpo como trilhões de megavolts percorressem seus nervos. Sim, era algo realmente estranho. E tinha como causa aquela bela consciência dentro daquela efêmera estrutura biológica de carbono que ele conhecera naquele microcósmico universo. Aquele sentimento só fazia-lhe uma exigência: queria ficar próximo a ela eternamente.

– Smelson, o que há com você?

– Eu... Eu acho que... estou amando você. – Responde Smelson enquanto se levanta e toca as mãos de Alênia.

– Eu o amo também desde a primeira vez em que o vi e conversamos naquele sonho que eu sei ter sido real. – Sussurra Alênia, antes dos dois corpos unirem-se em um longo e apaixonado beijo.

O sol amarelo é engolido pela montanha distante, enquanto a estrela vermelha faz ser meio-dia. O céu cor de púrpura contrasta com revoadas de pássaros azuis. O som do vento a assobiar entre as pedras e os ruídos de estranhos animais na mata próxima. Por instantes, o casal queria que aquele momento fosse eterno. Talvez fosse, enquanto juntos estivessem. Depois se lembraram que a noite aproximava-se e que tinham que providenciar algumas coisas antes do ocaso do sol vermelho.

– Temos que montar nossa estação de comunicação e nosso campo de força noturno. – Lembra Smelson.

– É verdade. Devemos voltar agora para nosso acampamento. Queria preparar um jantar especial para nós.

– Será que nossos propulsores anti-G possuem energia suficiente para chegarmos até nossa barraca?

– Acho que sim. Vamos tentar. – Responde Smelson, enquanto ambos acionam seus propulsores e sobrevoam a extensa floresta em direção a casa improvisada.

O casal chega ao acampamento e ambos começam o trabalho. Em algumas horas o comunicador está montado e um campo de força faz surgir uma barreira transparente e esverdeadamente brilhosa em forma de abóbada ao redor do acampamento. As nove da tarde, Alênia põe na mesa de luz sólida o suculento jantar de vegetais que colhera e que passaram no teste de toxicidade. Seu aroma invade todos os recantos daquela piramidal tenda. Ambos saboreiam as guloseimas e depois saem da barraca para apreciar o segundo pôr-do-sol do dia.

– Tudo aqui é belo, encantador, fantástico. Se pudesse passaria aqui toda a eternidade com você, longe daquelas guerras e das corporações exploradoras. – Comenta Alênia enquanto vê as estrelas tomarem o lugar do derradeiro sol do dia.

– É um lugar fascinante. Se o céu de sua religião existe, este é ele. Mas temos que voltar à Nova-Terra. Há muito o que fazermos juntos aos nossos povos.

– E se os vergulianos os chantagearem? Tudo corre sério perigo. Já pensou se aqueles piratas exigem nosso resgate com a tecnologia espaçorredutora. Será um desastre!

– Acalme-se, Alênia. Confio na equipe da Cosmos III. Nosso plano continua em andamento. No mais, haverá um meio de voltarmos a Gliese... Sim... Haverá! – Tranquiliza Smelson, antes de juntar seus lábios aos de Alênia em um profundo beijo. – Tão diferentes biologicamente... – Pensa Smelson. – ... mas dentro de cada um movem-se consciências semelhantes que se amam. Poderão ter quaisquer corpos biologicamente similares no futuro. – Conclui feliz.

Um bólide azul corta o negro e estrelado céu e tanto Smelson quanto Alênia cruzam os dedos como se fizessem um pedido especial. Depois, de mãos dadas, adentram na barraca e adormecem até o dia posterior.

O dia nasce sete horas depois, quando o sol amarelo desponta no horizonte. Como uma espécie de encanto, a natureza acorda com o casal visitante. Pássaros gorjeiam belas melodias, animais cantam de alegria e a luz do dia irradia toda a atmosfera com harmonia de cores, perfumes e sons.

Smelson e Alênia acordam felizes e saem do abrigo piramidal para ver o novo dia. Algumas nuvens ao longe faziam existir um belo arco-íris de enfáticas cores. O ar exalava o cheiro de flores molhadas de orvalho. O casal observava tudo a sua frente até o longínquo horizonte. Até que percebem um tremeluzir no ar a alguns metros à frente e nesse lugar surgem sete criaturas peludas como homens-urso. O casal fica estático de espanto.

Conspiração

– Já são 12 horas gliesianas. Roberfil, inicie a cronometragem. Em uma hora simularemos a entrega da Cosmos III aos vergulianos.

– Cronometragem iniciada, senhor Andrélio.

– Prepare os módulos de captura sideral, senhor Clávius. Quando eles nos enviarem a nave com nossos sequestrados, o módulo deverá capturá-la e trazê-la imediatamente até a Paris X. O resto da tripulação deve continuar em seus postos. Os caças de combate devem ficar em alerta. Poderemos ter um confronto direto.

Astensa tripulações da Paris X e outras naves terráqueas movimentam-se assincronicamente e em instantes estão todos prontos para o desfecho final. Em uma hora seus destinos poderiam se modificar.

Dos visores da Paris X via-se o enxame inimigo à frente, como um gigantesco conglomerado de vespas sobre um fundo estrelado. De um ângulo mais longínquo, podiam-se ver aquelas colossais esferas a prepararem suas ofensivas. Ao fundo, uma binária estrela e seus três planetas.

– Detectamos um aumento anormal no tráfego de nossas redes de comunicação taquiônica. Desconfio que estes kepsianos estão tramando alguma coisa contra nós. Precisamos nos apossar da cosmos III e sua tecnologia virtualizadora para dominarmos definitivamente este braço da Via-Láctea. Quando nós recebermos os sequestrados, quero que tragam a Cosmos III para nós.

O planeta nômade

– Quem são vocês? – Pergunta Smelson firmemente.

– Somos os habitantes deste planeta. – Responde telepaticamente um dos peludos.

– Podemos captar suas mensagens cerebrais em forma de ideias e lhes transmitir mensagens da mesma forma. Informa outro ser. – Não somos hostis. Estamos apenas averiguando.

– Como chegaram até aqui?

– Entramos em um buraco de minhoca sideral que encontramos se movendo próximo à nossa espaçonave.

– Por que fizeram isso?

– Estávamos em perigo no sistema Vêrguluse fugimos através do “Wormhole”. Foi nossa única saída.

– Será esse o sistema que fica na Via-Láctea?

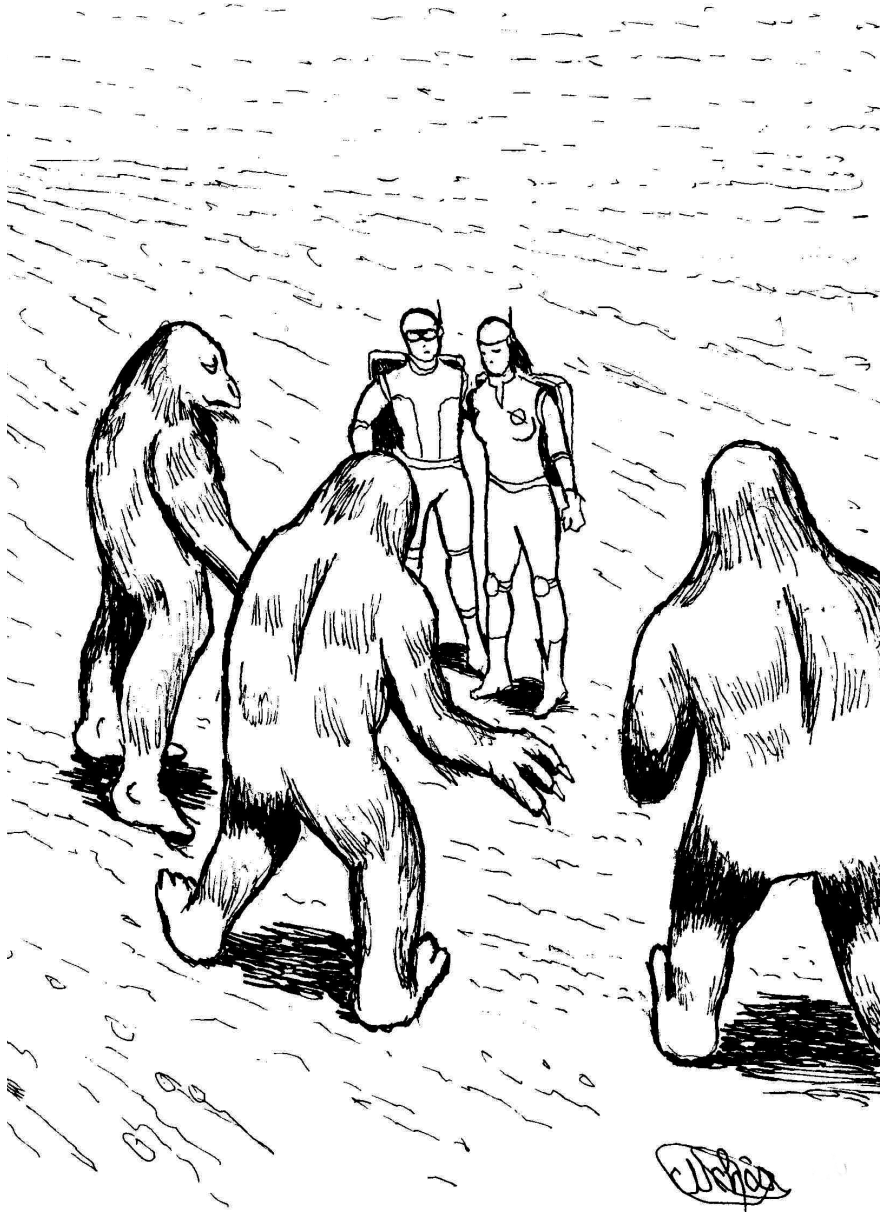
– Exatamente. Responde Smelson ao primeiro peludo.

– Estivemos ontem lá.

– Como assim: estiveram ontem lá? Não estamos mais? Pergunta Smelson ante a estranha psicoinformação do peludo.

– Este é o planeta Dakar, do Sistema Nomálio. Nosso sistema orbita dentro de uma das entradas de um par de Wormholes de matéria exótica que age como um teletransporte natural sem nos destruir. Ele nos faz viajar pelo universo mudando-nos periodicamente de espaço a cada vinte horas. Agora, por exemplo, estamos na galáxia gêmea de sua via-galáxia, a M31.

– E agora o que faremos para retornar a Terra? – Pergunta Alênia preocupadamente.



– Vocês têm sorte. O Wormhole faz o sistema Nomálio sempre retornar ao espaço anterior antes de mudar-se definitivamente para outro longínquo espaço. E isso ocorrerá às quatro da manhã, daqui a meia hora.

– Não teremos tempo de chegarmos à nossa nave.

– Calma, Alênia. Pensaremos numa solução.

– Se quiserem nossa ajuda, em instantes vocês e vosso acampamento estarão próximos à sua nave.

– Seria ótimo se fizessem isso por nós – Diz a humana.

Em instantes, após Smelson e Alênia recolherem seus equipamentos e transformá-los em duas grandes mochilas, os amigos peludos levam tudo e todos para próximo da nave com uma espécie de gigante propulsor antigravitacional.

– Muito bem. – Diz psiquicamente um peludo – Quando virem o céu mudar levemente de coloração, é porque o planeta trocou de espaço. Neste momento, então, vocês poderão partir.

Eles colocam suas bagagens no módulo de armazenamento da nave e preparam-na para a decolagem. Despedem-se dos amigos peludos e quando percebem o céu azulado trepidar e ficar um pouco rubro, acionam os propulsores e cortam os céus em direção ao espaço sideral.

– Vejamos o que o mapeador sideral tem para nos mostrar. – Diz Smelson após cruzarem os limites daquele nômade sistema estelar e enquanto mexe com alguns botões do painel de controle.

– SETOR GK768 DA VIA-LÁCTEA. ADUAS HORAS-LUZ DO SISTEMA VÉRGULUS.

– Hêêê!!! – Ele comemora após ouvir a boa notícia da voz robótica.

– Finalmente! Estamos de volta pra casa. – Alegria-se ela.

Observam o espaço ao redor. Atrás de si, o sistema Nômalo deformando-se devido aos efeitos ópticos do “Wormhole” e, a sua frente as tão conhecidas constelações da galáxia. Mas repentinamente a alegria do casal torna-se

espanto ao perceberem a sua frente um enxame de naves vergulianas surgirem em sua direção.

– Alênia, você sabe pilotar esta nave?

– Eu acho que sim.

– Então a direcione para Gliese. – Diz enquanto aciona o módulo de combate. Na parte superior da nave, surge uma abóbada com um canhão no exterior e uma cabine de mira no interior. Smelson acomoda-se na poltrona do atirador e faz a mira nas naves que os perseguem.

– Um raio vermelho passa raspando a pequena espaçonave recém-chegada à galáxia. As naves inimigas aproximam-se, na medida em que fazem chover raios letais em direção a ela.

– T'ZZIWWOOLF !!! – O barulho do canhão funcionando se propaga por toda a pequena espaçonave. – Iarruul!!! Destruímos um !

– T'ZZIIWWLLLF !!! T'ZIIPP !!

– T'ZZIIEWWOOLF !!! T'ZIIIF !!!

– Tente desviar dos disparos, Alênia.

– Estou fazendo o que posso.

– T'ZIIIF !

– Temos um a nossa frente, Smelson!

– Deixe ele comigo.

– T'ZZIWWOOLF !!! – O que antes era uma nave inimiga, agora não passava de poeira cósmica depois de uma luminosa e surda explosão.

– T'ZZIWWOOLF !!! T'ZZIWWLF !!!

– Smelson, estão nos cercando!

– Tente fazê-los colidirem.

Instantes depois que Alênia habilmente obedece Smelson, duas naves vergulianas colidem e explodem no espaço como duas minas que se chocam.

– Iar ruul !!! Você foi demais, Alênia !

– TZZIWWOOLF !!!

– Ainda estamos longe de sair dos domínios vergulianos, Arlênia?

– TZZIIP !!!

– Falta apenas 3 minutos-luz.

– TZZIIWWF !!!

– Arrá !!! Destruí outro.

– TZZIWWOOLF !!! TZIP !!!

– TZZZF !

– Ainda tem cinco na nossa cola, Smelson!

– TZZIWWOOLF !!!

– Deixe comigo!

– TZWWFP !!!

– Foi embora mais um.

– TZZIP !!!

– TZZIWWOOLF !!!

– Mais outro já era.

– Veja, Smelson, os três restantes estão se retirando. Nós transpomos as fronteiras do domínio verguliano.

– Vejamos se temos comunicação com Gliese. – Diz Smelson enquanto sai da abóbada de ataque e senta-se ao lado de Alênia.

– Alô, base, aqui é Smelson. Alô, base!

- Base respondendo, Smelson! O que estão fazendo aí? Pensávamos que ainda eram prisioneiros de Zorárgulo.

- Conseguimos escapar há mais de um dia.

- Os vergulianos estão nos chantageando. Andrélio e seus companheiros estão no setor YC885, a fim de trocar a Cosmos III por vocês.

- Então, nós estamos indo para lá. Desligo.

Big Bangs dos microcosmos sociais

– São 12 horas e 59 minutos gliesianos, senhor Andrélio.

– Às 13 horas em ponto, envie a Cosmos III em direção aos Vergulianos. Certo, Roberfil?

– Entendido, capitão.

– Clávius, mantenha comunicação com Zorárgulo.

– Comunicação sendo completada, capitão.

Quando Clávius terminou de falar, a imagem tridimensional de Zorárgulo surge holografada no centro da sala de controle da Paris X.

– Muito bem, Andrélio, resolveu nos enviar a Cosmos III?

– Estamos enviando-a agora e queremos que envie a nave com nossos amigos.

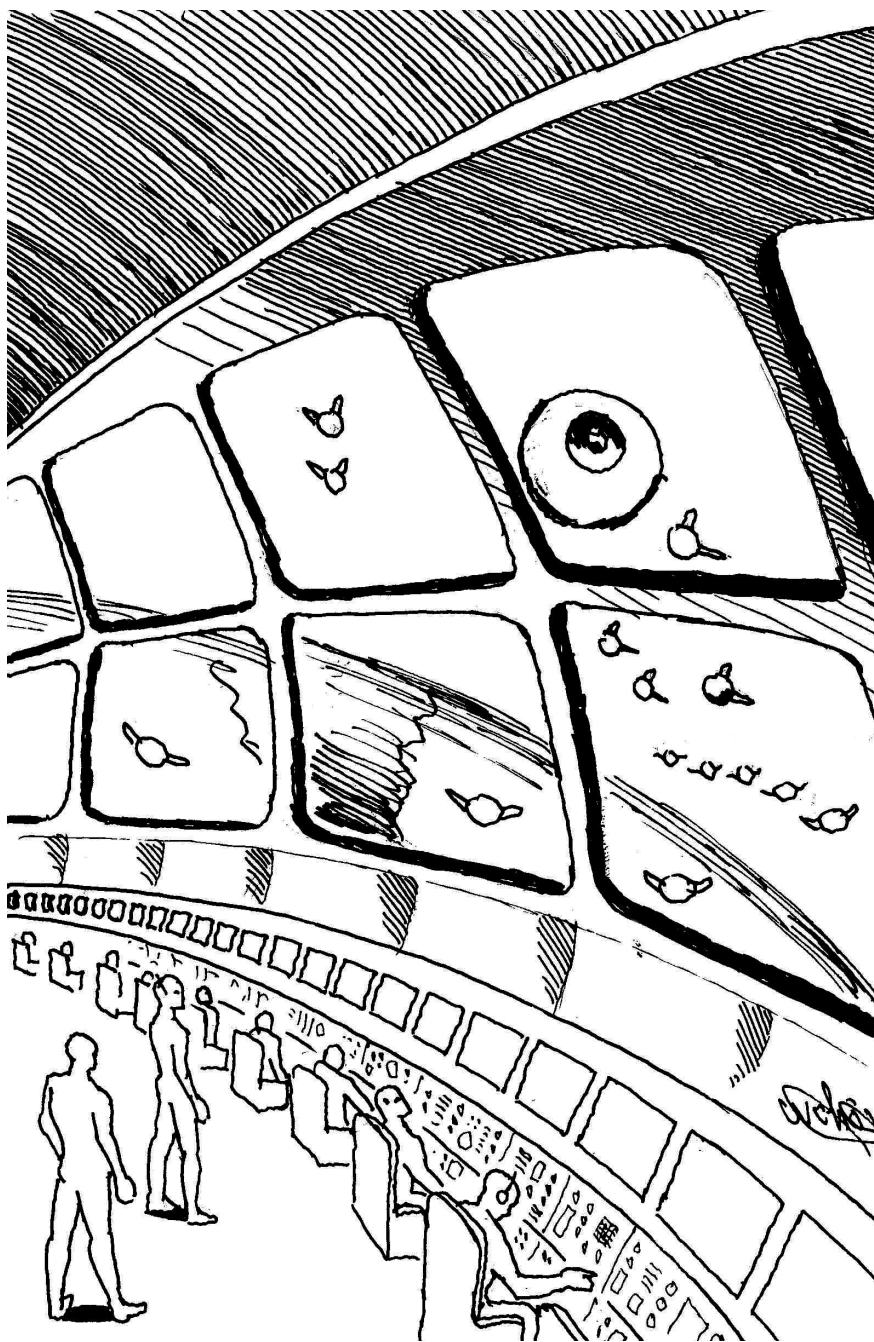
Assim que Andrélio fala, Roberfil dá a ordem e a Cosmos III parte em direção ao enxame de naves vergulianas. Do meio das naves inimigas, zarpa um veículo espacial que de acordo com o tratado, abrigaria Gauss, Alênia e Smelson.

Ao longe se vê dois veículos esféricos desproporcionais a cruzarem-se ortogonalmente, enquanto um terceiro cônico aproxima-se de ambos. Uma quarta espaçonave decola do enxame terrestre e engole a esférica espaçonave verguliana que vem em sua direção.

– Não entreguem a Cosmos III!!! Estamos a salvo. – Grita o comunicador em contato com a Paris X.

– Interrompam a troca. É um embuste! Smelson está a salvo naquela outra nave verguliana – Diz Andrélio.

– Atenção todas as naves. Efetuar a operação de restituição da Cosmos III.



Após a ordem de Andrélio, o enxame de naves terrestres parte em direção ao aglomerado inimigo que começava a desfazer-se. Uma parte das naves parte em direção às atacantes terrestres, enquanto as outras formam um enxame esférico menor. O módulo terrestre de captura sideral que havia atingido a nave verguliana explode num mudo clarão.

– Então, Smelson, vocês estão bem?

– Estamos, Andrélio. Apenas Gauss não está aqui, pois morreu. Ficaremos melhor ainda quando recuperarmos a Cosmos III. – Responde Smelson, enquanto zarpa em direção à nave kepsiana

– Atenção, major Estauro, conduza a Cosmos III de volta.

– Entendido, comandante Smelson.

Enquanto a Cosmos III dá a meia volta, veículos terrestres e vergulianos confrontam-se mortalmente numa batalha espacial sem precedentes. Um campo de força azul envolve todo o esférico enxame verguliano de forma a impedir a passagem da Cosmos III. Naves vergulianas atacam Smelson, o qual se livra de uma por uma até conseguir caminho livre em direção à nave aprisionada.

– Estauro! – Chama Smelson telepaticamente. – Virtualize a Cosmos III, libertando-a dos vergulianos. Mantenha-na oculta conforme o plano.

A Cosmos III some diante dos olhos de todos.

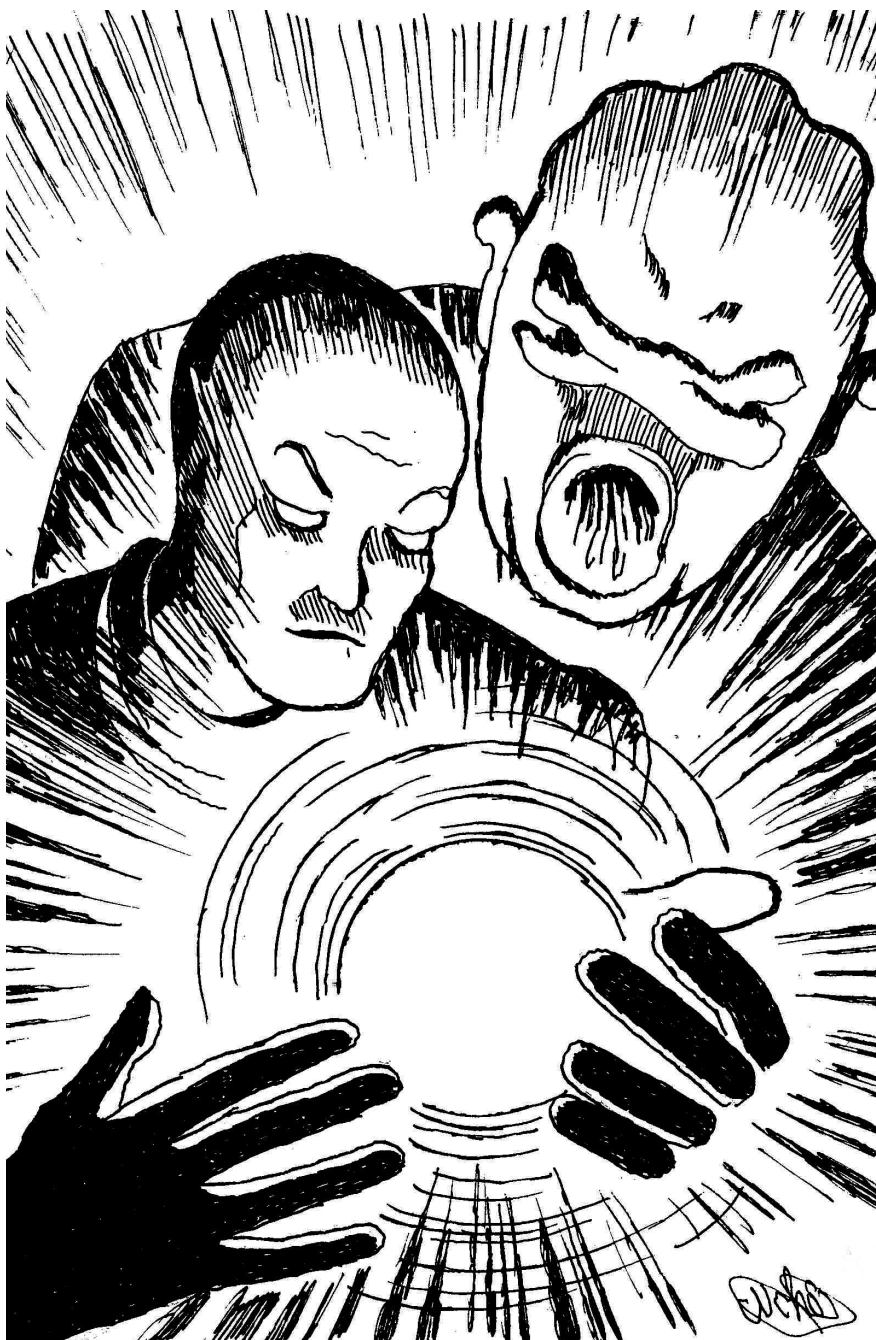
– Chegou a hora de partirmos deste Universo! – Blefa o comandante kepsiano.

– Não!!! – Grita Andrélio fazendo apontar os canhões da Paris X e de todas as naves terrestres em direção à minúscula nave cônica. – Você não partirá enquanto não nos entregar o domínio da espaçoredução!

– Partiremos, sim.

– Se você não fizer a Cosmos III reaparecer agora, será pulverizado.

– Por que não tenta?



– Roberfil, capture já a nave de Smelson e traga-o até mim.

– Impossível, senhor. Os controles de nossas naves deixaram de funcionar. As naves vergulianas também estão vagando descontroladas pelo espaço.

– O que está acontecendo?

– Este é o resultado de basear toda a produção tecnológica em mão de obra explorada. – Inicia Smelson. – Agora eles se organizaram nas próprias redes que suas corporações utilizam para o comércio interestelar e articularam esta ação conjunta. Será a primeira de todas as demais que os destituirá completamente. Chegou a hora de pagar todas as injustiças cometidas. A sobrevivência de suas raças depende da democratização direta dos poderes e bens.

– Isto é um absurdo. Um crime contra nosso direito de propriedade! Há séculos nossas famílias se esforçam para acumular capital enquanto os demais preguiçosos reclamam da miséria.

– Uma vida simples não é miserável, Andrélio. Usar a força empreendedora para esgotar os recursos naturais, exaurir as possibilidades dos seres viverem de forma simples é um crime contra os semelhantes e a natureza. Toda propriedade privada oriunda de exploração é criminosa.

– Andrélio, Roberfil, Cláviuse Zorárgulos, vocês e todos que exploraram exaustivamente os seres e a natureza, estão presos. – Sentencia Smelson. – Os governos de vossas civilizações passam agora às mãos e mentes de todas as consciências de seus povos.

Algumas horas depois, os quatro líderes e seus milhares de sócios corporativos são conduzidos na Paris X ao terraformado planeta-prisão Forrius. No grande hangar da espaçonave terrestre, todos ocupam um grande círculo. Smelson caminha até o meio deles e entrega uma esfera luminosa a Andrélio e Zorárgulo e lhes oferece duas opções.

Vocês poderão viver neste planeta, mas de forma simples, sem nenhum equipamento tecnológico e estarão completamente isolados das civilizações. Mas se acharem esta propriedade privada muito pequena para vocês, ofereçolhes um universo para vagarem com a Paris X.

– Não, nós queremos ficar aqui. – Repetem caoticamente as milhares de vozes.

– Vocês escolheram. – Diz Smelson retirando-se e embarcando na Cosmos III.

A nave kepsiana aciona os espaçorreductores. O energético campo de virtualizadores em volta da Cosmos III se prolonga num raio amarelo em direção ao centro da Paris X, à esfera luminosa ainda nas mãos de Andrélio. O raio se expande e torna-se um campo energético único abrangendo as duasnaves esféricas. Elasse reduzem abruptamente até sumirem. Imediatamente a Cosmos III ressurgue expandindo-se até seu tamanho original.

Teoria Retrocronológica

Meio século se passou desde a revolução dos coletivos conscienciais que, com a ajuda dos kepsianos, libertaram os mundos das explorações corporativistas. A Terra, bem como os demais planetas, se regeneravam lentamente.

A nave Fortaleza VII cruza os céus da velha Terra. Eu observo pelos visores, quando passamos pelo Rio de Janeiro. Apesar do mar ainda minguido, fazendo a Baía de Guanabara parecer uma imensa cratera, a cidade está em plena reurbanização.

– John. Tudo pronto para a aterrissagem?

– Sim, Atenísia. – Digo.

– Alô, base terrestre. – Diz, Atenísia. – Aguardamos permissão para pousar no C.P.T. (Centro de Pesquisas Terrestres).

– Permissão concedida.

– Oberon, prepare os propulsores para descermos no espaçoporto CP001. Faremos uma descida vertical.

– Aterrissagem iniciada. – Informa Delian Oberon, à medida que a Fortaleza VII desce lentamente. Pelos visores delinea-se os contornos da cidade-laboratório terrestre e em alguns segundos a gigante nave terráquea toca o piso do espaçoporto do centro de pesquisas.

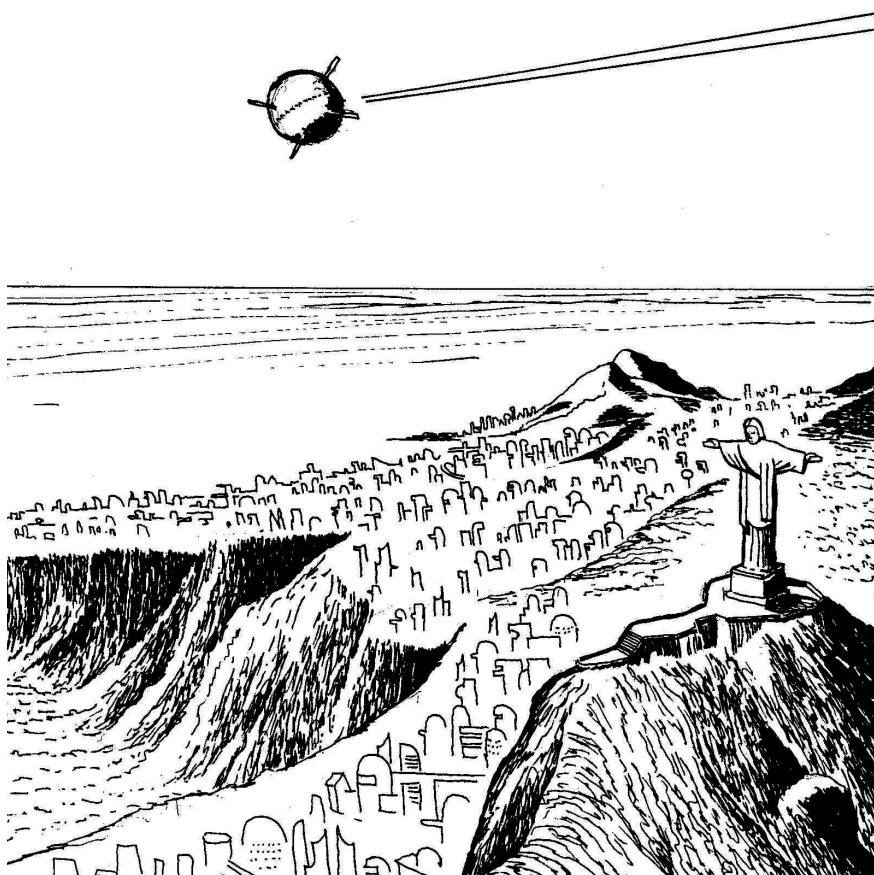
Galik recepciona a recém-chegada tripulação.

– Que tal nós irmos para o auditório de conferências. Tenho algumas novidades para lhes contar e explicar, relativo ao nosso projeto Gênesis em conjunto com as civilizações humanas e vergulianas.

– Excelente. Por falar em projeto Gênesis, será que nossa nave espaço-redutora já está pronta ?

– Eis aí algo que gostaria de falar também, doutora Alênia. – Fala Galik.

Behar



– Antes de irmos para o auditório vamos ao hangar 1018 para saber como estão os trabalhos na nossa nave.

– Boa sugestão, senhor Clanes. – Concorde Atenísia antes de todos planarem até o hangar.

– Fantástico!!! – Exclama Smax.

– Esta é a Cosmológica I. É o resultado de toda a tecnologia humana, verguliana e kepsiana juntas. – Apresenta Galik.

– Está totalmente concluída. Informa o engenheiro Antonis, enquanto se aproxima do grupo.

– Está pronta para ser utilizada até agora, se quisermos.

Todos os olhares estão direcionados para aquela gigantesca espaçonave. A maior que todos já viram. Tinha a aparência de um azulado e colossais disco. Como duas calotas juntas em sua superfície maior. Podia-se perceber os contornos de milhares de janelas iluminadas que explicitavam o interior de compartimentos. Enormes aberturas que talvez escondiam gigantescos hangares. Era uma verdadeira fortaleza voadora.

– Bem, que acham de amanhã cedo iniciarmos nela nossas novas experiências?

– Creio que todos achamos uma ótima ideia, senhora Atenísia. – Diz Smelson.

– Então vamos para o auditório de conferências. Vejamos o que o senhor Galik tem a nos mostrar.

– Dirijam-se todos para o transporte anti-G e seus corpos levitam até chegarem no auditório do C.P.T. Enquanto todos adentram na grande sala e acomodam-se nas confortáveis poltronas, o senhor Galik toma seu lugar no palco antes de acionar um grande holograma.

Muito bem. O que tenho para lhes contar é fantástico. Sabemos que nossa primeira virtualização da Cosmos III manipulava as dimensões espaciais, fazendo-a encolher, mas pouco afetava a dimensão temporal. De forma algu-

ma regredíamos no tempo a nossa matéria bariônica. Agora desenvolvemos um processo de virtualização que faz com que a matéria seja nula em suas interações com nosso universo, fazendo com que o tempo pare ou retroceda.

Essa tecnologia virtualizadora funciona então como uma espécie de teletransporte instantâneo?

– Exatamente. – Responde Galik à pergunta de Ronit.

– Será como se um objeto sumisse em um lugar, enquanto surge um outro. – Completa o capitão Klin.

– Isso mesmo. Agora poderemos transpor qualquer distância no tempo que quisermos. E isso pode ser provado matematicamente: como sabemos, pela equação relativística, temos que a energia é igual a massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz. Ou seja: $E = M \times C^2$. – Diz o cientista Galik ao mesmo tempo que conecta o holograma a sua mente, fazendo surgir a einsteiniana equação na forma tridimensional.

– Mas se adotarmos a massa negativa na equação, temos: $E = -M \times C^2$, logo $C^2 = -E/M$. A energia é inicialmente positiva porque a potência desenvolvida por uma massa negativa que contenha essa energia é a mesma que é desenvolvida por uma massa negativa que contenha essa mesma quantidade de energia quando ambos os estados de massa são postas sobre as mesmas condições.

– Pelas equações das transformações de Lorentz, nós sabemos que T é o tempo de viagem em relação a um observador fixo em um ponto do universo, X é a distância que o viajante percorreu, segundo o ponto de vista do mesmo observador fixo. V é a velocidade do viajante suposta pelo mesmo observador fixado num ponto do universo. Admitamos que T' seja o tempo que realmente se passa do ponto de vista do viajante e X' a distância percorrida pelo viajante segundo seu próprio ponto de vista. Representando a velocidade da luz C e fazendo os cálculos, concluímos que o tempo T de nossa viagem será enormemente negativo se a velocidade do viajante for próxima a da luz, enquanto a matéria estiver negatizada.

– Mas isso é uma revelação esplêndida, doutor Galik! – Exclama Atenísia. – Quer dizer que em vez de nos espaçorreduzirmos e presenciarmos o

nascimento de um outro micro universo, podemos voltar no passado e assistir ao nascimento de nosso próprio Universo.

– Exatamente, senhora Atenísia.

– Podemos supor que a mesma lei tenha validade para nosso Universo. Não é mesmo, doutor Galik?

– Com certeza, senhor Smelson. Estas equações servem para qualquer lugar do Cosmos.

– Mas existe uma questão fundamental. – Intervem Clanes.

– Como faremos para transformar matéria positiva em matéria negativa?

– Essa questão não é muito difícil de ser resolvida. Sabemos que quando iniciamos o projeto Gênesis, nós polarizamos reversamente dois megapersistores, causando a espaçorredução. Se polarizássemos os dois megapersistores diretamente, seríamos espaço ampliados. Já se um dos dois megapersistores estivesse diretamente polarizado, enquanto o outro permanecesse reversamente polarizado, nós conseguiríamos a virtualização, ou seja, a massa nula.

– Muito bem. – Prossegue Galik – Para negatizar a matéria, devemos adicionar um megapersistor reversamente polarizado, enquanto os demais megapersistores estão na configuração virtualizadora.

– Fantástico! – Exclama Smax boquiaberto – Mas como devemos proceder para que a massa negatizada retorne ao estado positivo inicial?

– É só fazermos o inverso do que realizamos para a negatização. Ou seja, com dois megapersistores configurados para a virtualização, adicionamos um terceiro polarizado diretamente. Isso teoricamente, podemos ver na prática se funciona.

– A Cosmológica I pode fazer esse tipo de experiência?

– Certamente, senhor Smelson. Qualquer espaçonave com três megapersistores rearranjados adequadamente poderá viajar ao passado e ao futuro.

– Então, brevemente poderemos saber como surgiu o nosso Universo.

– Claro, Delian Oberon. Poderemos fazer uma viagem ao passado em pouco tempo, e então desvendaremos o maior mistério do Universo: sua origem. Aliás, qual a idade deste Universo?

– Nosso Universo tem aproximadamente 13.700 bilhões de anos, segundo cálculos de análise cosmológica. – Eu informo.

– Muito bem, Jonh. – Diz o kepsiano lançando os dados nas equações. – Então para que não viajemos para o futuro, deveremos virtualizar a nave em que faremos a viagem e acelerarmos até uma velocidade relativa de 999999,9999999996 Km/s. Depois, deveremos manter esta velocidade até que configuremos os megapersistores para a forma negativadora, e então, daí a 12 minutos e meio, virtualizamos a nave e estaremos a aproximadamente treze bilhões e setecentos milhões de anos no passado e poderemos ver o Universo nascer. Depois, voltaremos ao presente bastando para isso acelerar a virtualizada Cosmológica I até aquela mesma velocidade inicial e então configurar os megapersistores para a forma positivadora.

– Muito bem. E de que dispomos para registrar o fato e fazer análises da origem do Universo?

– Dispomos de muitos equipamentos, senhor Smax. Tudo será registrado pelos hologramafilmadores. Também temos instrumentos para medir a intensidade gravitacional ao redor da Cosmológica I. Contamos ainda com detectores de matéria e energia, analisadores de estruturas, medidores de desvios temporais e outros equipamentos mais ou menos significativos. – Informa Antonis.

– Então nós temos o resto do dia para concluirmos os preparativos para nossa viagem cosmológica. – Diz Atenísia. – Amanhã cedo todos devem estar no espaçoporto 1018 para iniciarmos nossa experiência.

– Que tal às sete horas da manhã?

– Ok, Smelson, sete da manhã nos encontramos.

Após os acertos finais, o grupo do auditório dissolveu-se em pequenos grupos que se transportam para diversos lugares. A maior parte dos grupos segue para a área CPT736. Nos aposentos icerstacianos e após todos se de-

sejarem um bom descanso. Um casal permanece no terraço do alto edifício a observar o avermelhado pôr-do-sole a maravilharem-se com as estrelas cintilantes que gradativamente vão surgindo no rubro céu e a lua prateada que vai despontando no horizonte oriental.

– Você é tão encantadora como esse céu infinito sobre nossas cabeças. Não poderia viver mais nem um minuto sem você – diz Smelson.

– Também jamais quero separar-me de você. – Responde Alênia.

– Nunca pensei que iria amar alguém que morasse num átomo de hidrogênio. – Diz ele.

– É quase inacessível a ideia de que o amor de minha vida pudesse ter me respirado alguma vez, literalmente. – Ela responde.

Os dois corpos se juntam em um profundo beijo tendo como testemunhas o inconsciente universo infinito. Logo após, ambos despedem-se e vão até seus aposentos para uma revigorada noite de descanso. Amanhã será um grande dia.

A origem do Universo

Os primeiros raios solares despontam no horizonte leste, enquanto ortogonalmente a pálida lua mergulha na curva geodésica da Terra e a superfície recém-iluminada começa a dar seus primordiais sinais de vida e dinamismo.

Centenas de pequenas e grandes naves atmosféricas sobrevoam as instalações da CPT. Outras naves cruzam a camada gasosa e ganham o espaço sideral a cumprir tarefas e missões diversas. O hangar 1018 abre seu teto abobático deixando que o sol iluminasse a Cosmológica I, ladeada por técnicos e engenheiros que a supervisionavam constantemente. Ela plana e estaciona no espaço perto próximo. As sete horas em ponto um grupo especial chega no interior daquele hangar. Já com todos no interior da nave colossal, Atenísia dá suas últimas instruções:

– Muito bem, como o senhor Smelson tem encabeçado a primeira experiência com objetivos similares a esta, decidimos que ele será o nosso comandante.

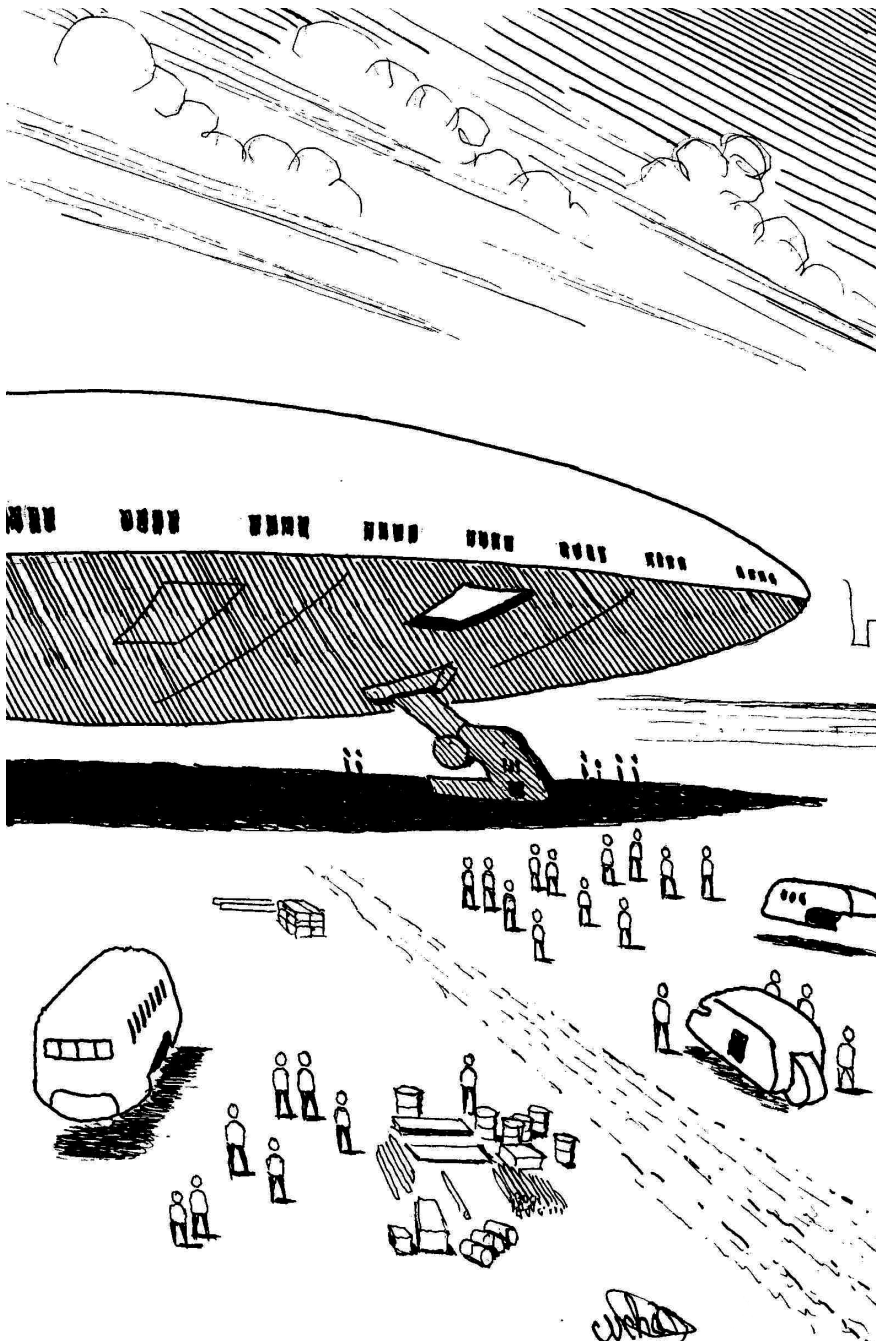
– Obrigado, senhora Atenísia, mas ficaria muito feliz, se você ocupasse o posto de subcomandante.

– Creio que o major Estauro não ficará muito feliz com essa decisão, mas aceito a missão.

– Eu estou feliz em ser seu primeiro oficial. – Diz Estauro.

– Obrigado. – Diz Atenísia.

– Então o capitão Klin está encarregado da chefia do setor de propulsão. O senhor Clanes está responsável pelas transmissões e comunicações de bordo. O capitão Caliby ficará no planejamento e execução de táticas de defesa para o caso de um ataque bélico. A doutora Rônit será a médica geral. O senhor Smax estará responsável pelo medidor de intensidade gravitacional. John Calderas ficará com o detector de matéria e energia e os analisadores de estruturas e o doutor Galik fará as análises gerais sobre os resultados do nosso experimento. A senhora Alênia será nossa conselheira de bordo. Cada um terá uma equipe técnica para os auxiliar. Todos os seus auxiliares estão



registrados em seus computadores de setor de operação. Creio que todos sabem como desempenhar suas funções. Então vamos iniciar o projeto Cosmológico – Conclui Atenísia.

Todos dispersam-se pela ponte de comando e dirigem-se aos seus postos assumindo seus setores. A ponte, centro de comandos, ficava no centro da gigantesca nave discoide. Os visores eram únicos, abrangendo uma visão de 360° ao redor horizontal da Cosmológica I e eram formados por uma espécie de cristal 100% transparente e altamente resistente com alto índice de dureza e rigidez. Do interior daquela nave se pensava não haver nenhuma separação entre o interior e o exterior. Todos os visores tinham essa estrutura e possuíam também reguladores de luminosidade externa, radiação e filtros de neutrinos e táquions que poderiam representar perigo quando os viajantes estivessem a velocidades subluminais pelo espaço afora.

– Ok! Vamos iniciar nossa viagem. – Diz Atenísia, enquanto senta-se na poltrona central da nave ao lado de Smelson – Iniciem a contagem regressiva. Em dez segundos deveremos partir. Clanes, informe a base terrestre que paralise por um minuto o tráfego espacial nos limites do Império terrestre e desligue o campo de força planetário para a nossa decolagem. Liguem o hologramo filmador.

– Entendida, comandante Atenísia, a ordem está sendo transmitida.

– Iniciando contagem regressiva. – Diz o tenente Klin.

– Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, zero!

– TCHHHZZYYY!!

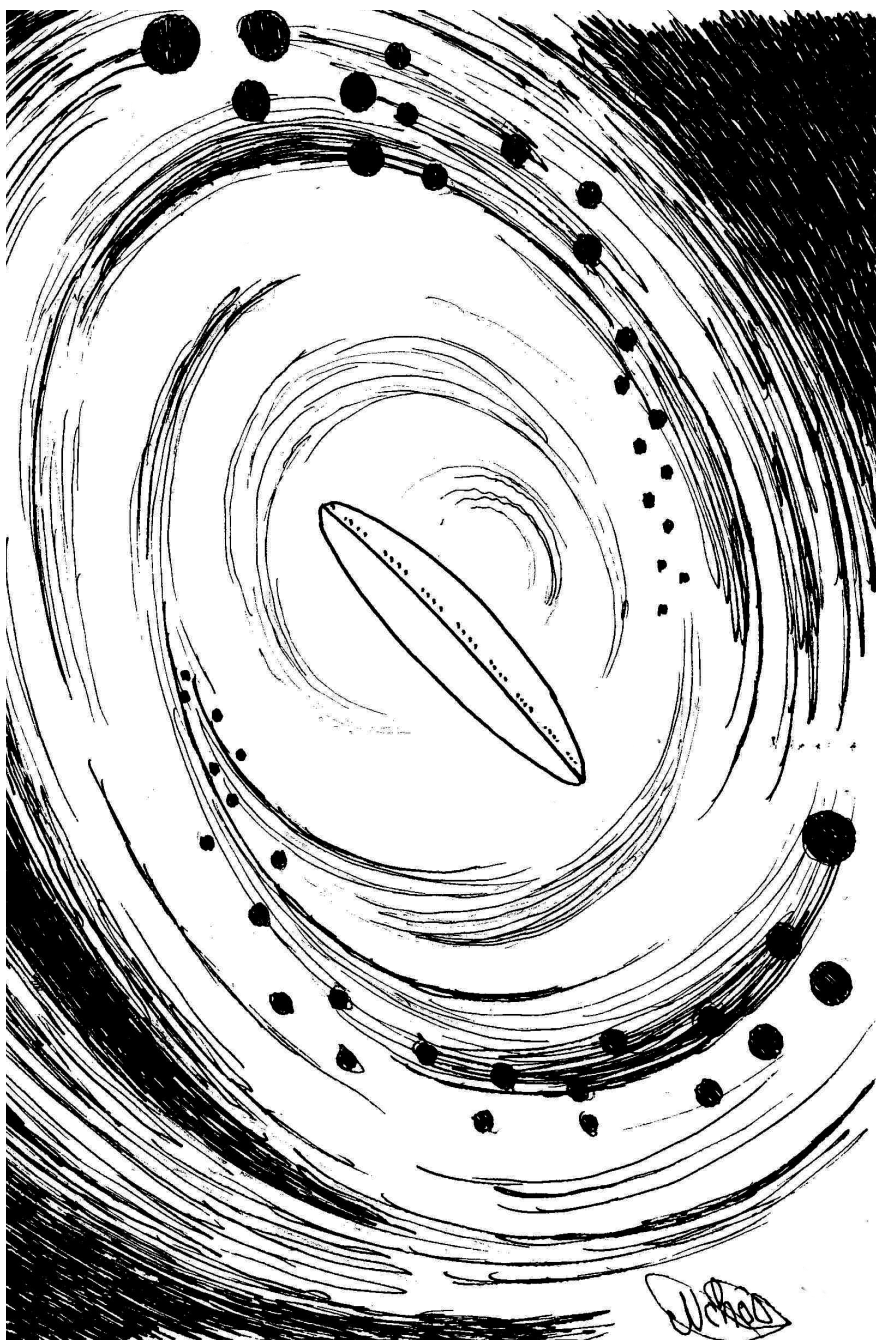
– Iniciada propulsão vertical. – Informa Klin.

– Ligando os compensadores inerciais. Estamos a vinte quilômetros por segundo e aceleração cinco quilômetros por segundo a cada segundo. Vamos cruzar a estratosfera.

– Acionando o compensador gravitacional. Estamos transpondo a zona do campo de força terrestre. – Segue informando Klin à medida que o planeta azul e sua enorme lua vão diminuindo nos visores.

- Precisamos confirmar rota.
- Tudo bem, Klin. Direcione a Cosmológica para a direção perpendicular a órbita terrestre, em sentido à estrela polar.
- Rota iniciada. Estamos a 500 quilômetros por segundo e acelerando.
- Inicie a virtualização.
- Virtualização iniciada. Responde Klin após notar a súbita paralisação aparente dos astros ao redor.
- Estabelecer nova rota?
- Sim, senhor Klin. Devemos seguir em direção ao setor LK3875, pois todo o Universo parece estar se expandindo a partir daquele ponto. – Diz Atenísia.
- Rota confirmada. – Concorda Smelson.
- Rota estabelecida. – Responde Klin.
- Prossiga a aceleração.
- Aceleração em curso.
- Estamos a duzentos mil quilômetros por segundo. – Diz Klin.
- Tempo universal igual a zero. – Eu informo. – Tempo próprio igual a três minutos desde a virtualização.
- Obrigado, Calderas.
- Estamos a 299.000 quilômetros por segundo e ainda acelerando. – Diz Klin, enquanto todos observam os astros passarem lentamente pela Cosmológica I.
- Doutora Ronit, como estão as condições físicas e biológicas dos viajantes? – Pergunta Smelson.
- Tudo corre normalmente, senhor. Nenhuma alteração metabólica ou molecular.
- Você não imaginou ver seu estômago por dentro, não é Smelson? – Pergunta Atenísia com um sorriso maroto.

- Espero que não – Responde Smelson entre risos.
- Nossa velocidade atual é de 299.999,9 quilômetros por segundo e acelerando.
- Tempo universal ainda igual a zero. Nosso tempo próprio agora é de sete minutos pós-virtualização. – Informo.
- Estamos agora com uma velocidade igual a 299999,9999999999 quilômetros por segundo.
- 299999,99999999991 quilômetros por segundo.
- 299999,99999999992 quilômetros por segundo.
- 299999,99999999993 quilômetros por segundo.
- 299999,99999999994 quilômetros por segundo.
- 299999,99999999995 quilômetros por segundo.
- 299999,99999999996 quilômetros por segundo.
- Mantenha esta velocidade.
- Velocidade mantida, comandante. Estamos constantemente a 299999,99999999996 quilômetros por segundo.
- Preparar a negatificação.
- Tudo preparado.
- Acione os protetors de neutrinos e táquions.
- Protetores acionados.
- Programe o virtualizador automática para ser acionado em 754,21875 segundos após a negatificação.
- Biip! Tiip! Dip! Diip Bip! Bip!
- Pronto. Virtualizador automático programado.
- Negativar!



– Biiip!!!

– Negativação iniciada.

– Desvio temporal localizado. – Informo após certo tempo e depois continuo. – O tempo universal é de 500000000 (quinhentos milhões) de anos no passado e ainda regredindo. Nosso tempo próprio é igual a 29,751953125 segundos.

– Velocidade ainda constante.

– Funções metabólicas e biológicas dos tripulantes relativamente normais. – Informa a doutora Rônit.

– Se alguém pudesse ver a Cosmológica por fora, com certeza somente veria um comprido filamento azulado perpendicular ao veloz movimento devido aos efeitos da relatividade. A nave estava com a parte de seu comprimento vertical original. Fenômeno este que não foi percebido pelos viajantes, já que estes também sofreram idêntico achatamento horizontal. Do interior da nave gigantesca via-se apenas o movimento rápido de astros e o notável encolhimento geral do Universo que parecia implodir progressivamente. Todas as galáxias estavam a aproximar-se uma das outras em velocidade crescente.

– Tempo universal igual a três bilhões de anos negativos contados a partir da negativação. O nosso tempo próprio é igual a 137 segundos pós-negativação. – Digo.

– Muito bem, Jonh Calderas. Atenísia, que tal verificarmos ser possível virtualizar a Cosmológica quando o Universo tiver dimensões diminutas. – Sugere Smelson.

– Excelente ideia. – Obrigado Smelson.

– Agora estamos a sete bilhões de anos no passado em U.T. E ainda regredimos no tempo universal. Nosso tempo próprio é de 159 segundos.

O Universo agora parecia implodir mais rapidamente. Sistemas estelares e galáxias inteiras realizavam rápidos movimentos retrógrados, cometas se deslocavam no sentido da cauda, estrelas outrora mortas agora surgiam como se recebessem de volta suas energias. Todos os astros luminosos pareciam as-

similar a luz em vez de emitir. Aos poucos, enxames de astros viravam névoa gasosa e plasmática e se dirigiam a um ponto em comum. Era como se os tripulantes da Cosmológica I assistissem a um Big Bang ao contrário.

– O tempo universal agora é de doze bilhões de anos negativos em U.T. Ainda continuamos a regressão temporal. Estamos com 375 segundos de tempo próprio.

– Preparar os equipamentos de medição da intensidade gravitacional e analisadores de estruturas. – Ordena Atenísia.

– Medidor de intensidade gravitacional preparado. – Relata Smax.

– Analisadores de estruturas também preparados. – Diz Oberon enquanto todos viam o Universo implodir com enorme rapidez e ficar tão pequeno, que era possível ver todo o universo pelo visor da ponte de comando.

– Daqui a dez segundos estaremos sendo virtualizados automaticamente.

– O Universo encolheu até desaparecer! – Grito exultante.

– Tempo universal igual a 12 bilhões, 675 milhões, 235 mil e 125 anos no passado e estacionado. Tempo próprio igual a 754 segundos ou 12 minutos e meio e progredindo normalmente. – Informo.

– A Cosmológica I está virtualizada.

Todos suspiravam aliviados pela viagem ter dado certo até aquele momento.

– Localizar alguma fonte gravitacional.

– Temos um ponto de emissão de força gravitacional intensa a três anos luz daqui, posição SY64. – Diz Smax.

– Direcione a Cosmológica para a coordenada.

– Nave direcionada para o setor SY64. Estaremos na fonte gravitacional em três minutos de tempo próprio.

– O que dizem os detectores de matéria e energia a respeito da fonte gravitacional, senhor Delian? – Pergunta Smelson, enquanto a grande nave

parece estar parada na negridão do espaço vazio. Só pelos equipamentos se podia perceber que aquela nave colossal estava indo de encontro a uma forte fonte de força gravitacional.

– Não há indícios de estrutura atômica ou subatômica, toda estrutura existente é similar a um grande agregado esférico de energia.

– Estamos dentro de um campo gravitacional mais intenso que os de todos os buracos negros do universo juntos. Se estivéssemos positivados, há muito havíamos sido destruídos.

– Estamos nos aproximando da fonte gravitacional.

– Inicie desaceleração.

– Desaceleração iniciada.

À frente, podia-se ver o grande agregado esférico de energia. Na verdade, como a Cosmológica I estava virtualizada e o tempo extra nave era zero, nem os fótons de luz podiam mover-se. Mas como a nave estava muito veloz, os fótons estacionados no espaço entravam nos visores da nave e tinha-se a imagem.

– Essa imagem que estamos vendo, só é possível observá-la, porque nos-
sa nave está encontrando os fótons estacionados com grande velocidade, pois na forma virtualizada, o tempo universal é zero e tudo está parado em relação a nós, então só podemos ver alguma imagem se nos direcionarmos até ela, pois de outra forma ela nunca chegará a nós. – Explica Galik.

– Estamos a uma hora-luz da esfera energética, senhor Smelson.

– Muito bem. Pare a nave.

– Em sete segundos estaremos totalmente frenados.

– Frenagem concluída.

De repente, perde-se totalmente a decrescente luminosidade da páli-da imagem.

– Oberon, você pode transformar em imagens a presença energética da fonte gravitacional?

– Com certeza. Em vinte segundos todos terão a imagem holográfica do Universo comprimido no centro da ponte de comando.

– Muito bem. A nave foi virtualizada no momento em que pelo tempo universal o Universo já havia surgido a algumas frações de segundos. Nosso objetivo principal é ver o Universo em sua forma mais primitiva, ou seja, quando suas dimensões tendem a zero. Então devemos negativar a Cosmológica I até que tenhamos esse universo. Se é que ele assume essa forma, ou falta de forma.

– Pronto, senhor Smelson. Aí está a imagem do nosso Universo comprimido e estacionado. – Diz Delian Oberon enquanto todos dirigem seus olhares para o alto do centro da sala de comando e observam a bela imagem daquela luminosa esfera energética.

– Muito bem. Preparar para a rápida negatificação. Muito cuidado. Não sabemos o que pode nos acontecer se permanecermos negativados por muito tempo. Só poderemos ficar negativados até que o Universo chegue ao limite mínimo de suas dimensões.

– Podemos programar a virtualização automática para quando a esférica energética tiver dimensões mínimas. – Sugere Atenísia.

– Então faremos isso.

– Estou programando agora, comandante Smelson. – Informa Delian.

– Pronto.

– Iniciar negatificação.

– Iniciando.

Rapidamente a imagem holográfica da esfera energética se contrai até desaparecer completamente e a Cosmológica I ser novamente virtualizada automaticamente.

– É fantástico! Tudo desapareceu! – Exclama Atenísia.

– Meus sensores de matéria, energia e estruturas estão zerados. Não acusam nada. – Diz abismadamente Delian Oberon.

– O medidor de intensidade gravitacional não detecta nenhuma fonte gravitacional. Está zerado também! – Surpreende-se Smax.

– É incrível. Somos os primeiros seres do universo a ver o nada absoluto ou não ver nem detectar qualquer coisa em todo o espaço infinito.

– Jonh Calderas, qual a verdadeira idade do Universo em relação a nossa época de partida?

– O Universo tem em nossa época exatamente 12.675.235.125,6117 anos de idade. Nós estamos conhecendo a sua idade zero agora.

– Isso é esplêndido! Exclama Galik – Mas surgem-nos algumas dúvidas: o que havia antes desse nada absoluto e qual a explicação para que o Universo surgisse a partir do nada.

– Só saberemos se averiguarmos. Podemos voltar em pouco mais no tempo até que surja alguma coisa em nossos detectores. – Sugere Atenísia.

– Programe a virtualização para quando algo for detectado e depois inicie outra negatificação. – Ordena Smelson.

– Virtualização programada. – Informa o doutor Klin: vou inicializar a negatificação.

– Cosmológica I negatificada.

Em um tempo infinitesimal a Cosmológica I fica negatificada e depois virtualiza-se novamente.

– Os detectores de energia acusam uma pequena porção de energia no ponto que outrora estivera a esfera energética. – Informa Delian Oberon.

– O detector de força gravitacional também indica uma pequena fonte gravítica no mesmo ponto. – Diz Smax.

– É incrível! O holograma não mostra nada. – Diz Alênia.

– Vou ampliar a imagem. – Diz Delian Oberon.

E em instantes, surge a imagem holográfica de uma pequena esfera energética.

– É o máximo que posso ampliar – informa Delian Oberon. – Esperem!! Temos uma novidade. Esta energia recém-surgida tem as mesmas propriedades da energia gerada pela matéria negativa.

– Fantástico! Agora penso que entendo o “Nada”. – Exulta Galik. – Ele é energia zerada no instante zero, mas se divide em dois universos com energias contrárias e equivalentes. O Universo de energia negativa expande o seu Big Bang em direção ao passado, enquanto o nosso positivo ao futuro. O princípio da conservação da energia está mantido, mas quando vemos apenas um dos universos, pensamos que ele tenha surgido do nada.

– Suponho que, se mantivermos a Cosmológica I negativada, tudo passará como se o tempo estivesse progredindo neste universo, e não regredindo como a matéria negativa no universo positivo, ou seja, é como se o nosso universo positivo fosse o passado desse universo negativo e, quando estamos em nosso universo original, a situação é inversa. – Conclui o doutor Galik – suponho também que se visitarmos uma civilização que irá surgir neste simétrico universo e se nós estivermos em nossa forma positivada normal, veremos o desenvolver dos movimentos desses seres como uma filmagem sendo assistida ao contrário. E suponho ainda que o desenvolvimento deste universo é exatamente igual ao nosso.

– Temos uma ótima oportunidade para confirmar ou não estas suas hipóteses, senhor Galik – Diz Atenísia – Podemos assistir ao desenvolver deste universo e fazer uma visita a uma civilização que esteja vivendo simetricamente a nossa época.

– Então iniciemos agora esta nova viagem temporal. – Sugere o comandante Vox.

– Ok, vamos acelerar até 99,999% da velocidade da luz antes de nos negativarmos para que a energia expelida pelo Big Bang não nos atinja e nos destrua.

– Programando a negatificação para quando estivermos a 299.999,9999999996 Km/s. Diz o tenente Klin.

– Biip!! Biip!! Tip!! Tip!! Bip Bip!

– Negativação programada – Continua Klin.

– Cosmológica I negativada! – Informa o tenente das propulsões, enquanto todos veem a esfera energética explodir e expandir-se a velocidade crescente como se quisesse alcançar a já tão minúscula Cosmológica I que move-se quase a velocidade da luz.

– Programei a virtualização para quando estivermos 12.675.235.125,6118 anos negativos da origem deste universo.

– Virtualização automática programada.

– Enquanto os tripulantes da Cosmológica I viajam a grande velocidade para o futuro daquele universo, todos observam o desenvolvimento rápido daquele Cosmo simétrico. Veem rapidamente a formação dos acúmulos de plasma cósmico e poeira sideral, presenciam o nascimento de estrelas e galáxias enquanto são engolidos pelo recém-formado universo, observam os astros se deslocarem em alta velocidade por eles, veem a formação de planetas, cometas, asteroides e bombardearem satélites e mundos. Observam o nascer de novas estrelas e a morte de outras, algumas com seus sistemas estelares agonizantes que se transformam em gélidas esferas que são engolidas pelo repentino calor de supernovas gigantes para depois transformarem-se em matéria fria e escura. Observam a formação de acúmulos de estrelas que denunciam o surgimento de buracos negros a engolirem tudo que é material ou energético num determinado raio de alcance, inclusive a luz. Veem o rápido movimento de galáxias, estrelas e planetas, além de todos tipos de objetos que se movem no espaço. Até que repentinamente, todo o Cosmos para. O tempo universal para. A Cosmológica I está virtualizada.

– Estamos a 12.675.235.125.6118 anos da origem deste universo simétrico, em contagem negativada. – Informo.

– Se esse universo tiver uma história exatamente igual ao do nosso universo positivo, então devemos encontrar a posição das estrelas e galáxias tal qual elas são em nosso universo. – Raciocina Smelson em voz alta.

– Delian Oberon, faça mapeamento desta região. – Ordena Atenísia. – Veja se tem alguma semelhança com algum lugar do nosso Universo.

– Estou iniciando o mapeamento, Senhor.

– Pronto. O mapeador acusa que estamos no setor RX887K. Nas proximidades de uma idêntica galáxia satélite menor de Andrômeda.

– Muito bem. Já temos confirmadas as hipóteses do doutor Galik. Que tal fazermos uma visita até nosso suposto mundo simétrico? Tenente Klin, direcione a Cosmológica I para a Via-Láctea, setor IT001, veremos se existe um planeta Terra neste universo.

– Cosmológica I virtualizada. Vamos iniciar a hiperaceleração.

Em instantes, a virtualizada nave parte como um raio de táquion transpondo cada vez mais a velocidade limite do espaço-tempo einsteiniano. Nos visores frontais, todos veem a ofuscante aproximação progressiva da Via-Láctea, enquanto os visores de trás mostram a negritude do espaço, já que por algum tempo, a luz não alcança a nave.

– Do interior da Cosmológica I, se estivéssemos com as luzes virtualizadas apagadas, só veríamos o que está a frente no sentido do deslocamento da nave, de modo que o tripulante que estiver atrás de algum objeto, ele não verá o objeto, pois não há reflexão de luz para o sentido do deslocamento.

– Estamos a quinhentos mil trilhões de quilômetros por segundo e acelerando.

– Tenho receio de encontrar meu antieu neste universo negativo. – Diz Alênia.

Simétricos Universos

– Não precisa se preocupar querida...

– Querida?!!! – Perguntam alguns sobre a afirmação carinhosa pronunciada por Smelson.

– Esta é uma longa história. – Diz Alênia, ruborizada – Mas querido, por que não devo me preocupar em encontrar meu antieu neste universo negativo.

– Veja, meu bem. Se a história deste universo é copiosamente igual ao nosso, com certeza seu antieu não deve estar neste universo. Está ausente neste universo, visto que numa época simetricamente igual a esta em nosso universo nós também estamos fora dele.

– O senhor está se saindo muito bem com deduções científicas, comandante Smelson. Parabéns! Vejamos se a teoria se confirma.

– Obrigado, senhor Galik!

– Estamos com novecentos milhões de trilhões de quilômetros por segundo e um milhão de anos-luz de onde partimos.

– Muito bem, Klin, inicie a desaceleração.

– Frenagem iniciada. – Responde o fiel tenente das propulsões.

– O senhor já tem alguma conclusão relativa a essa experiência, doutor Galik?

– Com certeza, senhor Smelson. Todo o universo surgiu do nada. Parece absurdo, mas raciocinemos: no início dos tempos não existia coisa alguma (nem matéria, energia, forças ou tempo) mas a tendência natural do vazio é ser preenchido. Essa tendência é independente da existência de qualquer coisa que a origine. Ela faz surgir oscilações de energia e forças na velocidade da luz. Como energias e forças contrárias e ortogonais se anulam em seu ponto comum, o universo pode surgir do Nada. O tempo passou a existir. O surgimento de energia tendia a preencher o espaço vazio ao redor, dando início ao

que chamamos de Big Bang. Essa energia condensou-se e originou a matéria, e a partir dela, tudo que existe no universo.

Mas como tudo no universo tende ao equilíbrio – prossegue o cientista – surgiu ao mesmo tempo que a força em velocidade da luz, a antiferça da velocidade da luz; em oposição à matéria, surgiu a antimatéria e em oposição ao tempo, o tempo negativo, de forma que O Todo, O Cosmo, permanecesse em contínuo equilíbrio, mesmo oscilando entre o equilíbrio de preenchimento e vazio, fazendo existirem a matéria e o espaço-tempo para preencherem o vazio e o equilíbrio do Cosmos que tende a levar o universo ao estado nulo inicial numa eterna dança de ser e não ser.

– Muito coerente sua interpretação dos fenômenos, senhor Galik. – Elogia Atenísia.

– Já estamos chegando no antissistema solar. Informa o tenente Klin. – Estamos a 400.000 quilômetros por segundo e ainda desacelerando.

– Negative a nave quando estivermos na metade desta velocidade. – Ordena a comandante.

– Preparando negativação. Acionando filtro de neutrinos, táquions e compensadores inerciais.

– Estamos a 200.000 quilômetros por segundo. Iniciando negativação. – Continua Klin antes do estático universo ganhar movimento próprio. – Cosmológica I negativada.

– Prossiga a desaceleração.

– Ok, comandante. Estamos a um minuto-luz da órbita terrestre.

– Senhor Clanes, tente estabelecer comunicação com a suposta base terrestre e peça permissão de entrada pelo campo de força e pouso no espaçoporto.

– Entendido, comandante.

– Alô, base terrestre. Aqui é Clanes da Cosmológica I falando.

– Base terrestre na escuta. Senhor Clanes, o que deseja.

– Queremos que desligue temporariamente o campo de força terrestre e nos dê permissão de pouso no espaçoporto.

– Mensagem recebida. O campo de força terrestre foi desativado. Vocês têm permissão de pouso.

– Héêê!!! – Comemoram os tripulantes da Cosmológica I.

– Inicie manobra de pouso. Vamos descer no ponto CP001.

– Manobra de pouso iniciada. – Informa Klin, à medida que a nave colossal fura a atmosfera e se dirige à científica cidade do centro de pesquisas.

– Estamos pousando agora.

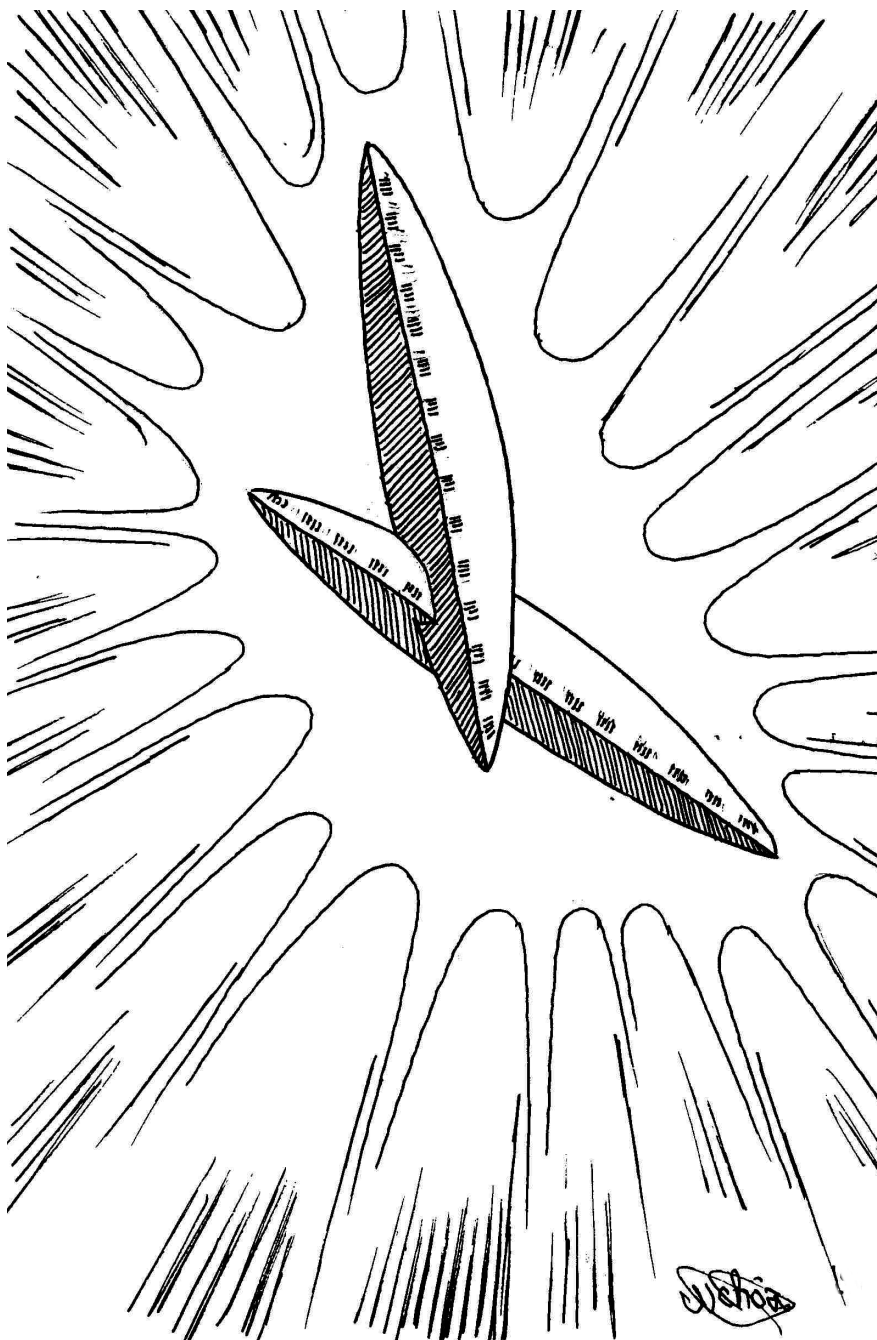
– É incrível. Não há nenhuma diferença deste universo para nosso universo original. – Comenta Atenísia, enquanto engenheiros e técnicos daquele simétrico mundo aproximando-se da Cosmológica I em seus veículos planadores e começam a analisar toda a estrutura externa da recém-chegada nave. Depois chega a comitiva de recepção. E entre eles, um parecido com o doutor Nelson que saúda os tripulantes que saem pelo portão de desembarque da imensa nave.

– Sejam bem-vindos ao lar, senhores.

– Muito brigado, senhor Nelson. Mas este não é nosso lar.

– Vocês voltaram bem rápido. Hein? Só demoraram 52,596 minutos, segundo meus cálculos. Ei! por que você disse que aqui não é o lar de vocês?
– Pergunta Nelson após dar-se conta da afirmação da Atenísia.

– Exatamente, senhor. Nós pertencemos a um universo simétrico a este. Simétrico em tudo de forma que até a história é igual, explica o doutor Galik. Partimos de nosso planeta Terra e iniciamos uma viagem ao passado de nosso universo com toda a Cosmológica I negativada. Conhecemos a idade zero do Universo. Encontramos um universo nulo e resolvemos investigar sobre o que poderia ter existido antes do novo universo. Então, encontramos esse universo negativo que é completamente simétrico ao nosso. Suponho que uma equipe também partiu daqui para uma missão de estudo Cosmológico.



– Exatamente. Podia jurar que eram eles que estavam de volta.

– Eles devem estar em nosso universo fazendo a mesma coisa que estamos fazendo em uma época simétrica a esta. – Comenta Galik.

– Como posso ter certeza que vocês não são deste universo.

Galik pensa um pouco.

– Lembra-se de que para viajar ao passado os megapersistores devem estar configurados para a negatificação?

– Lembro-me perfeitamente. – Responde Nelson pensativamente.

– Se nós fôssemos deste universo, os megapersistores de nossa nave deveriam estar configurados para a positificação.

– É mesmo, concorda Nelson.

– O senhor está convidado a averiguar a sala de equipamentos virtualizadores. – Convida Smelson antes de o senhor Nelson entrar na negatificada Cosmológica I.

Instantes depois, estão todos na sala dos equipamentos virtualizadores. O doutor Galik mostra ao senhor Nelson as polarizações dos megapersistores.

– É incrível! Estão configurados para a negatificação. – Exclama Nelson boquiaberto. – Realmente vocês não pertencem a este universo. Isto é uma fantástica descoberta.

– Bom, creio que nossa missão acabou por aqui. – Diz Smelson, antes de todos dirigirem-se até o transporte da sala onde estavam. – Devemos voltar ao nosso tempo e ao nosso Universo. – Instantes depois estão todos no portão de desembarque.

– Foi muito bom conhecer vocês. Mas o que é aquele objeto no céu ao longe? Pergunta Nelson.

– Parece outra Cosmológica I. – Opina o major Stauro.

– Tomara que a teoria da simetria esteja certa e não nos demos de cara com nossa antimatéria. – Diz Rônit.

– Não. Apenas devemos ter cuidado para não voltarmos ao nosso tempo em uma época em que nossos antinós ainda estejam lá.

– Bom. Então, vamos partir. – Ordena Smelson, antes de todos despedirem-se do abismado senhor Nelson e a porta-escada da Cosmológica selar a última abertura daquele abissal objeto.

– O que acham de observarmos este mundo em nosso estado positivado? – Pergunta Smelson depois de todos tomarem suas posições no transporte gravitacional de entrada.

– Acho uma ótima ideia, responde Atenísia depois que todos chegam na sala de comando. – Seria uma oportunidade de sentirmos melhor os efeitos da positivação neste universo.

– Mas desloque a nave para algum lugar. Não quero positivar a nave no lugar em que ele estava negativamente. Poderíamos virar radiação. – Diz Smelson.

– Ok. Estou acelerando a Cosmológica I até cem quilômetros por hora, a 45° ao oeste. – Diz Klin.

– Então, todos aos seus opostos. Vamos nos positivar em dez segundos. – Ordena Smelson.

– Não sei por que, mas tenho a impressão que aquela outra nave esta se aproximando de nós, diz Klin.

– Céus! Ela vai colidir conosco! – Exclama Atenísia.

– É o nosso fim! – Grita Smelson, antes das duas naves juntarem-se em uma só, a Cosmológica I positivar-se e as duas naves se separarem.

– É incrível! Agora nós nos afastamos enquanto a outra nave dirige-se ao lugar de onde partimos. – Digo eu, Jonh Calderas.

– Vamos parar por alguns instantes para observar o que acontece. – Sugere Smelson.

– Estamos parados agora. – Informa Klin.

– Vejam. A outra nave está pousada onde nós estávamos.

– Mas é claro! Está tudo explicado. Nós estamos nos vendo no passado.
– Explica o doutor Galik – Aquela nave lá embaixo somos nós minutos atrás. Quando estávamos nos despedindo do senhor Nelson. Aquela nave no alto do céu éramos nós agora. E tivemos a impressão de colidirmos com uma nave igual, porque víamos nossa nave voltando no tempo e fazendo nosso percurso ao contrário.

– Vejam lá embaixo. A porta-escada está abrindo-se e saímos de costas. É incrível. Tudo está acontecendo ao contrário! – Exclama Alênia.

– Estamos realmente voltando ao passado deste universo e voltando lentamente ao nosso tempo. – Diz Oberon.

– Então, vamos nos virtualizar para iniciar a aceleração sublumínica. – Resolve Atenísia. – Mas tenha o cuidado de escolher outra rota, senhor Klin. Não queremos ter surpresas desagradáveis.

– Entendido, comandante. Estamos virtualizados agora. – Responde Klin, ao notar estar o planeta Terra estático.

– A probabilidade de percorrermos coincidentemente nossa rota de chegada é de uma em sete bilhões, mas nem por isso não devemos nos preocupar.
– Fala Galik à medida que a Cosmológica acelera-se cada vez mais, deixando o planeta azul e sua lua prateada para trás.

– Estamos a 299.999 quilômetros por segundo e acelerando.

– Programe a positividade para quando atingirmos os 299.999,9999999996 quilômetros por segundo e a revirtualização para quando estivermos no ano 12.675.235.125,6119 positivo do nosso universo. – Ordena Smelson ao tenente Klin.

– Devemos chegar ao nosso verdadeiro planeta Terra em 52,596 minutos após a saída dos nossos “antinós”.

25 bilhões de anos ao Futuro

– Positivização e revirtualização programadas, senhor Vox. – Diz Klin, momentos antes de toda a Cosmológica I ser positivada e todo o universo negativo ganhar um movimento contrário, em que o grau de entropia diminui a cada instante. Novamente veem todo o Cosmos em contração, a princípio lenta, mas em aceleração progressiva onde a luz dos astros retornava para eles mesmos. Isto provava que a velocidade da luz é negativa para massas contrárias a massa universal. Todos viam ao inverso o sentido para onde a nave deslocava a imagem dos visores opostos, enquanto nos primeiros visores tinha-se a imagem retrógrada do espaço à frente do movimento da nave.

– Temos a impressão de nos deslocarmos para o sentido contrário do deslocamento programado da Cosmológica I. – Comenta Atenísia.

– Isso ocorre, porque toda a luz deste universo negativo está retornando a suas fontes. Então, de todo astro que está atrás do nosso movimento, nós recebemos sua luz retrógrada pela frente e vice-versa, foi o mesmo que nos aconteceu quando nos negativamos em nosso universo positivo no início de nossa viagem. – Exclama Galik, ao mesmo tempo em que todos assistem a retrogradidade daquele simétrico universo.

Veem planetas gelidos tornarem-se velhas estrelas e depois estrelas novas e redemoinhos de poeira nebular. Veem nebulosas virarem supernovas e depois sóis agonizantes. Observam sistemas estelares transformarem-se em plasmagirante, galáxias inteiras virarem estruturas plasmáticas e depois o leve desacelerar da implosão universal. Observam a constante redução do raio do universo e o constante transformar de matéria em energia e depois em pura energia espaço-temporal, movimentos no espaço-tempo, e por fim ao rápido nada absoluto seguido pelo espetacular Big Bang do universo positivo.

A Cosmológica segue quase a velocidade da luz no sentido da expansão do universo como que fugindo da inflante esfera enérgica que acelera-se ao dobro da velocidade a cada segundo. Depois assistem de outro ângulo o contrário do

que assistiam a minutos atrás. Todo o universo a expandir-se e todos os astros a nascerem e se desenvolverem até que quase meia hora depois da positivação, a Cosmológica I é virtualizada próximo a pequena nuvem de Magalhães.

– Estamos no 12.675.235,6119 pós-origem do universo. – Informo exultante. – Chegamos em casa!

– Héêêê!!! – Gritamos todos entre hurras de alegria. Finalmente tivemos êxito total na experiência cosmológica e retornávamos ao lar.

– Atenção, Klin, direciona a Cosmológica I para o sistema solar em dobra YZ997X. Devemos chegar em sete minutos.

– Entendido, comandante. Cosmológica I em direção a Terra.

– A nave espaço-temporal cruza a Via-Láctea como se a luz não impusesse um limite de velocidade. A tripulação observa as tão conhecidas constelações da Via-Láctea. A nave colossal aproxima-se cada vez mais da Via-Láctea para a crescente alegria dos cosmologianos.

– Inicie frenagem.

– Desaceleração iniciada.

– Quando estivermos a 200.000 quilômetros por segundo positiva a Cosmológica I.

– Cosmológica I em desaceleração contínua. Estamos a três minutos-luz da Terra. – Diz Klin, enquanto todos observam o pálido ponto azul a crescer constantemente.

– Senhor Clanes, comunique nossa chegada ao planeta Terra. Diga que agora somos os verdadeiros.

– Alô, base terrestre, aqui é a Cosmológica I. – Diz Clanes após a grande nave ser positivada.

– Alô, Clanes, aqui é base terrestre. Quais as ordens?

– Queremos permissão para pouso e campo de força planetário desativado. Desta vez somos os verdadeiros viajantes da Cosmológica I que partiu ao passado deste universo positivo.

– Mensagem compreendida. O campo de força está desativado. Vocês têm permissão para pouso.

– Muito obrigado. Estaremos chegando em aproximadamente dois minutos. Desligo.

– Inicie manobra de pouso para o ponto CP001.

– Manobra de pouso iniciada. Compensadores inerciais acionados. Estamos entrando na atmosfera terrestre agora. Posicionando trens de pouso. Decida vertical sobre o ponto CP001 iniciada. – Vai relatando Klin, até que a Cosmológica I toca levemente o solo do espaçoporto do centro de pesquisas terrestre. Em instantes, todos se transportam para a porta-escada principal da nave e são recebidos desta vez pelos verdadeiros técnicos e engenheiros de inspeção de naves espaço-temporais que analisam toda a Cosmológica I, enquanto a tripulação desce a escada em direção à recepção do verdadeiro senhor Nelson.

– Sejam bem-vindos ao lar, senhoras e senhores.

– Muito obrigado, senhor Nelson, mas...

O engenheiro Nelson olha sério para o grupo após ouvir uma familiar afirmação da comandante.

– ... nós estamos muito felizes por chegarmos realmente ao nosso lar. – Continua Atenísia.

– Aaah!!! – Diz Nelson antes de abraçá-la amigavelmente a comandante da nave recém-chegada.

– Mas com licença. – Diz Nelson, enquanto fura o grupo de tripulantes e adentra a nave em direção ao transporte anti-G. – Quero averiguar certa coisa na sala dos equipamentos virtualizadores.

– O grupo explode em risadas até que o senhor Nelson retorna instantes depois com um sorriso de satisfação.

– Realmente vocês são os verdadeiros viajantes do tempo originados deste Universo. Agora estou mais tranquilo. – Diz o engenheiro antes de todos

explodirem em risadas novamente e descerem os degraus inclinados da nave discoide e dirigirem-se ao transporte anti-G que os levam até as instalações da C.T.P.

Festas

– Nós, terráqueos, costumamos comemorar nossos êxitos com muitas festas. – Digo aos icerstacianos e a todos os participantes da expedição cosmológica reunidos na sala de encontro do C.T.P.

– Isso mesmo, Calderas. – Encomendei muita bebida e comida aos estoques do almoxarifado central. Em instantes estaremos em completa folia.

– Mal Oberon fecha a boca, os androides cargueiros adentram a sala com a encomenda e os amigos humanos e icerstacianos brindam o sucesso da experiência recém-finalizada. Entre hurras de alegria, todos se divertem até cansarem.

– Quando iremos voltar a Icestar, Smelson? – Pergunta Smax.

– Após estas festas. Nossa missão aqui está concluída. Estas civilizações atingiram nosso nível moral e tecnológico suficientes para enfrentarem o colapso de seus universos. Mas quero ficar para sempre ao lado de Alênia. O que devo fazer para ficar eternamente ao seu lado querida?

– Nada, amor. Eu irei com você ao seu mundo, mas ficaria ainda mais feliz se pudéssemos nos casar.

– O que é isso?

– É uma antiga cerimônia do tempo dos bisavós de meus tataravós. Há mais de trezentos anos, quando um casal queria ficar unido o resto da vida, reuniam amigos e parentes e faziam uma cerimônia religiosa em uma igreja, seguida de uma recepção festiva.

– Oba!!! Quer dizer que teremos outra festa?

– Teríamos, Oberon, se tivéssemos um padre. Toda cerimônia de casamento que se preze deve ser realizada por um clérigo. O problema é que há mais de duzentos anos não existe mais nenhum.

– Não há problema, John. A Cosmológica I ainda está no espaçoporto?
– Pergunta Delian Oberon.

– Está, sim. E pronta para voltar a viajar.

– Comandante Atenísia, a senhora me empresta a Cosmológica I por uns vinte minutos? – Pergunta com ar de astúcia.

– Está ao seu dispor, Delian.

– Atenção todos os ex-tripulantes auxiliares da Cosmológica I. Estejam no ponto CP001 em três minutos. Iremos viajar imediatamente. – Diz Delian Oberon pelo comunicador, enquanto se transporta para o CP001.

Em vinte minutos o senhor Delian Oberon voltava à sala de encontros com um pasmado homem ao seu lado.

– Aqui está o padre de que precisamos.

Atenísia se aproxima do engraçado senhor grisalho de vestido preto.

– Seja bem-vindo a terra do século XXV. – Saúda Atenísia antes de co-chicar para Oberon. – Onde você o encontrou?

– Encontrei-o dentro de um confessionário de uma catedral do século XXI. Ele pedia a Deus se livrar de uma longa confissão de uma idosa senhora, aceitou meu convite dizendo que Deus ouviu suas preces e eu o trouxe.

Atenísia ri discretamente.

– Então providenciemos a cerimônia de casamento. Diz Atenísia para todos ouvirem. Faremos duas comemorações em uma única festa.

– Quando vocês querem casar, pergunta ao casal?

– Que tal daqui a três horas, querida?

– Perfeito, querido.

– Pode ser no auditório de conferências?

– Claro, senhora Atenísia.

– Então, daqui a três horas todos no auditório de conferências para a cerimônia de casamento do senhor Smelson com a senhora Alênia. Depois,

faremos a recepção aqui mesmo. Informa Atenísia antes de todos explodirem vivas e hurras aos noivos.

Três horas eram suficientes para o auditório de conferências ser transformado em uma igreja do século XXI, um belo e magnífico vestido de noiva ser colocado em Alênia, um traje de gala ser vestido em Smelson e a sala de encontros ser preparada para a recepção festiva.

No tempo acordado, sem os atrasos dos antigos terráqueos, inicia-se a cerimônia de casamento. Após a troca de alianças e juras de amor eterno, o casal uniu-se em um profundo e apaixonado beijo antes de saírem de mãos dadas do improvisado templo e serem cumprimentados por todos sob chuva dos ancestrais caroços de arroz.

– Bem, tenho que devolver o padre ao seu tempo, ele tem o resto de uma confissão a ouvir. – Diz Oberon, após todos chegarem à recepção festiva.

– Muito obrigado por ter sacramentado nosso casamento. – Diz Alênia ao clérigo enquanto aperta sua mão direita.

– Disponham. Sempre que precisarem, estarei às ordens. Só tenho um pedido: me devolvam ao confessionário somente depois que a velha terminar... – Responde o simpático clérigo antes de sair em direção ao transporte com Oberon.

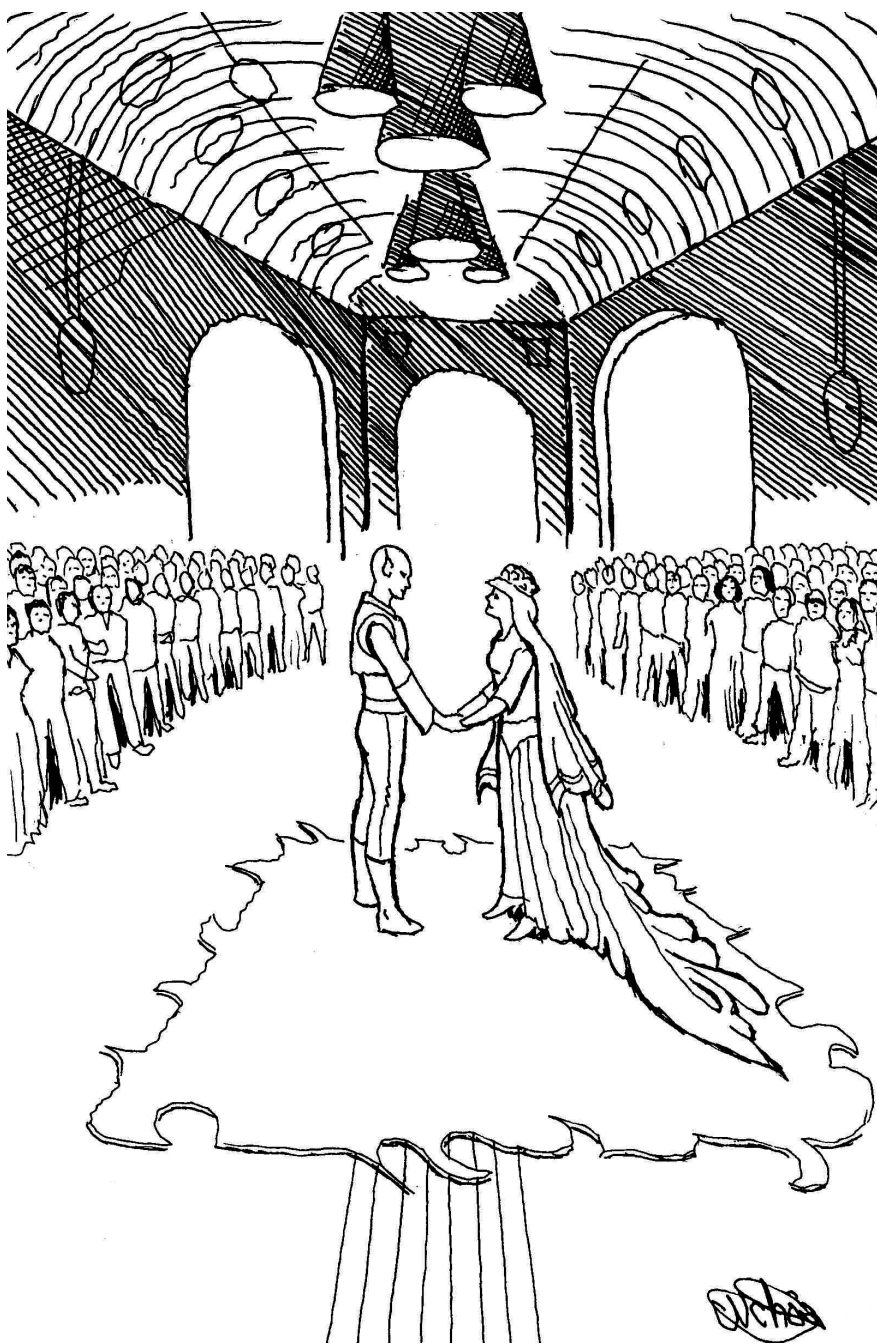
Oberon assente, entre risos.

– Obrigada pelo presente, senhor Oberon.

– Não foi nada senhor Smelson. Agradeça a tecnologia que vocês nos confiaram. – Responde o alegre terráqueo, à medida em que dá as costas e segue para a Cosmos III com o religioso.

Todos se divertem até o início da noite com tudo que a tecnologia da diversão poderia proporcionar para aquele momento. Oberon volta ao tempo de participar da festa. A alegria é geral, até que todos se arreiam sobre as poltronas gravitacionais, fatigados de tanto divertimento. Dirigem-se todos aos seus apartamentos.

– Sempre irei te amar. – Diz Alênia com os olhos fixos nos de Smelson.



– Te amarei para sempre. – Falou carinhosamente o icestarciano, enquanto olha o rosto feminino iluminado pela Lua sobre suas cabeças.

Ambos saem abraçados da varanda. Smelson diz à Alênia:

– Meu amor por você é tão eterno quanto nossas consciências que nos fazem ser continuamente. Amanhã, quando estivermos retornando ao universo kepsiano, observaremos os traços de consciências dos seres que permanecerem neste Universo. Se eles sobreviverem ao colapso deste microcosmo, então saberemos se nossas consciências realmente são eternas.

Retorno ao fim da eternidade

– Adeus, Helenice. – Falo discretamente para a loira esposa de Smelson, enquanto aperto sua mão e olho para a pequena meia Lua em sua testa e para seus olhos brilhantes.

Ela sorri e, piscando com cumplicidade, me diz: – Adeus, Franzé.

Aperto em seguida as mãos de Smelson, são os últimos a embarcarem na Cosmos III.

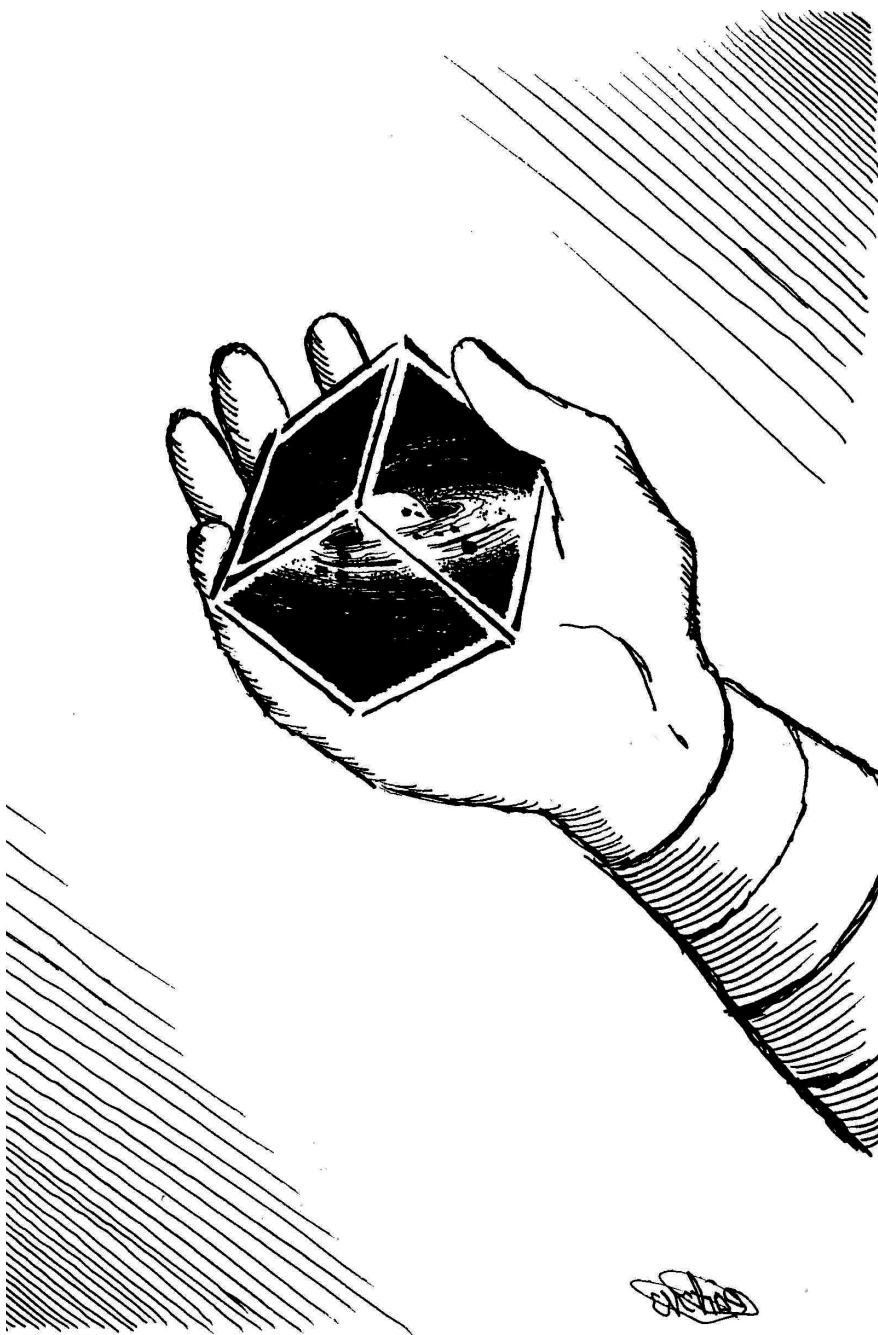
– Adeus, John Calderas. – Diz-me o kepsiano.

Instantes depois, a grande espaçonave esférica singra os céus terrestres rumo ao infinito. Eu fecho a janela do quarto e me deito. Meu corpo tremula, fica estático na cama antigravitacional, mas minha consciência parte na velocidade taquiônica em direção aos viajantes.

Eles já estão saindo de nosso aglomerado local de galáxias. Todas elas se movem rapidamente. Vejo quando a Via-Láctea gira como um furacão uniforme até que Andrômeda colide nela seus braços espiralados.

Enquanto crescemos e nos afastamos dali mais rápido que a luz, bilhões de galáxias não passam de um enxame de vaga-lumes multicores. Quanto mais nos distanciamos daquele esférico Universo, mais rápido ele se expande. A Cosmos III continua se expandindo. Nosso Universo é o mais tênue dos milhares que se apagam ou explodem ao redor. Ele some completamente e em seu lugar surge outro Big Bang microscópico. Agora, apenas se veem milhares de microuniversos cintilarem, nascerem e morrerem constantemente. Para a Cosmos III, eles não passam agora de infinitesimais oscilações quânticas no vazio espaço-temporal.

– ... e parece que a Cosmos III se reduziu completamente... – Escuta Smelson a voz do doutor Péríples, que acompanhava o experimento em Cosmópolis na galáxia Kelps. – ...Esperem! – Prossegue a voz e a imagem



do cosmopolitano ruivo e esbelto tremula no holograma até ficar nítida para a tripulação. – Estamos detectando-a crescendo novamente. Será que desistiram do experimento?

– Não, doutor. – Responde Smelson. – Para nós o experimento durou quase um século.

– Quanto maior o Universo, mais lentamente o tempo passa. – Teoriza Galik. – A diferença foi tão grande que vocês nem notaram nossa ausência.

– Fantástico!!!

Momentos depois, a tripulação desembarca. Todos estão curiosos para saber sobre a Eternidade das consciências. Diante da multidão ansiosa ao seu redor e espectadores por toda a galáxia, Smelson informa:

– Após o colapso de um universo, as consciências perdem completamente suas memórias anteriores.

Dabusorrisatisfeito. Ambos estavam paradoxalmente certos. Conseguiram confirmar que tanto morrem, quanto são eternos.

E Smelson ao lado de Alênia conclui:

– O fim de uma eternidade é o começo de outra, eternamente.

Nota final do autor

Entre o Ano Internacional do Planeta Terra (2008) e o Ano Internacional da Astronomia (2009), apresentamos os leitores com estas tênues reflexões sobre o nosso futuro. A felicidade me transbordará se ao menos um leitor se inspirar nelas para realizar uma pequena ação diária objetivando a construção de um futuro sustentável ecológica e humanamente. Pois é na soma de cada ato solidário, do cumprimento ético de cada dever que o dia-a-dia nos coloca, de cada consumo consciente, da participação nas decisões e da fiscalização das questões de interesse coletivo é que se construirá a resultante de um futuro melhor para todos.

Assim, só depende da soma de cada um de nós para que realmente todo o poder emane do povo e finalmente venha a democracia direta eletrônica. Através dela, o povo, via Internet, Celular ou TV Digital, assinará leis certificadas digitalmente e as realizará pela força das ações articuladas no mundo virtual para o real.

Finalmente, editado e impresso o secreto arquivo do amigo Franzé através deste livro, publico-o e o distribuo agora. Contudo, sumirei para onde nenhuma Kombi preta me alcance. Pois o lugar mais calmo e seguro de uma tempestade é o próprio olho do furacão.

Fortaleza, 27 de dezembro de 2008.

Denis Moura de Lima

Prosfácio

“Retorno ao Big Bang Microcósmico”: Utopia e Ficção

O Poeta de Meia-Tigela

I — FICÇÃO

1. *Retorno ao Big Bang Microcósmico*: esta é uma obra de ficção. De FC, ficção científica. Filia-se à melhor tradição de Julio Verne e H. G. Wells, e engana-nos à primeira vista (à primeira leitura): sua abertura em velocidade quase taquionica parece introduzir-nos de chofre num **romance policial**, de tal modo que chegamos a pensar ter o próprio autor se equivocado quanto ao gênero do enredo. Também somos enganados quanto ao protagonista: cede lugar o narrador inicial Denis Moura aos relatos de Franzé, e então é que percebemos tratar-se, desde o **princípio**, realmente de uma obra de sci-fi.

Mas onde o verdadeiro começo do livro, se o próprio Capítulo inicial (“O arquivo ou como a história chegou até nós”) é já dependente de toda uma grande aventura pregressa, a de Franzé através de múltiplos tempos e espaços? Soma-se ao “futurismo” (com o qual nem Marinetti ousara sonhar) constitutivo da temática do romance, o tratamento também notoriamente *avant-garde* da própria ordenação da sequência narrativa. Dizíamos da filiação de Denis Moura a uma tradição ancorada em Verne e Wells: é certo; mas acentuemos igualmente que, como romancistas do século XIX, se por um lado souberam com suas visões premonitórias antecipar tantos inventos e situações apenas muito recentemente tornados realidade, por outro lado permaneceram — mesmo o segundo destes com *A Máquina do Tempo* — atrelados a uma perspectiva romanesca convencional, no que concerne ao desenvolvimento linear de suas tramas. Denis Moura, ao contrário, demonstra tal firmeza de propósito que, ao prescindir de um movimento retilíneo para a composição de sua história (*isaacasimovendo-se em amplos e diversos planos e dimensões espaciotemporais*) — simplesmente confirma a unidade atômica da obra, numa grande síntese entre a ficção como universo temático, e a ficção como disposição formal do romance mesmo. Aproxima-se, assim, muito mais de 2001 e de Arthur C. Clarke.

Cabe ao leitor, pois, a reordenação sequencial da história a fim de que esta se apresente em termos mais uniformes à sua/nossa compreensão tridimensional: de fato, não seria papel do autor tal uniformização, uma vez que isso viria a ferir seu propósito de — *fictionista*. Para este não existe a linearidade cronológica porque seu ponto de vista é o daquele que holografa, em ato, as múltiplas virtualidades do espaço e tempo infindos; seu ponto de vista é o

daquele que sabe que são infinitos os universos e os mundos a coexistirem. Como diria Andrélio (André-Hélio): “agora nem nosso universo é único” (Capítulo “Humanos”).

Todas as virtualidades a serem extraídas da teoria da relatividade como da Física Quântica surgem norteadas o romance: ora, que é o *Retorno ao Big Bang microcósmico* senão a tentativa — a começar pelo título — de síntese do macro e do micro, tentativa de fusão das duas compreensões físicas? Como diz o personagem Franzé, no Capítulo acertadamente intitulado “Cientifé”: “Esta nossa ciência... Ela está tão perdida quanto a Astronomia Medieval. (...) Hoje, a Relatividade explica os objetos maciços, mas falha em níveis subatômico. Já a quântica se sustenta sem considerar massa nenhuma nas partículas. Se os experimentos não encontrarem o bóson de Higgs que incluiria a massa, a materialidade necessária no modelo, a Física Quântica estará perdida. E o pior é que a crise científica de hoje não se resolverá com melhoria de precisão. Pior ainda é que esta indeterminação, similar à Idade Média, abre espaço para todo tipo de especulações e charlatanices místicas”.

2. Pois bem: à insuficiência da ciência é que a ficção acrescenta sua previsão e, com isso, quem sabe, antecipa em anos-luz o que é questão de tempo (e de espaço) vir a se materializar: não seria o gênero da sci-fi uma espécie de literatura profética de nossos dias? Não será Denis Moura um novo Isaías? Sua fulgurante decriptação futurística ou, como diz Smelson, sua cosmovisão de que “Todo impossível hoje pode se tornar possível amanhã, desde que não contrarie as leis da Natureza” (Cap. “Perdidos no espaço”) — não expressaria a mera antecipação de um devir que, não obstante distante, *devirá*? Essas questões teletransportam-nos ao próximo ponto.

II — UTOPIA

3. Não é somente o caráter *antecipatório* do dom profético da FC o que interessa a Denis Moura: também é sobretudo, o caráter *emancipatório*. Isaías sonhava com uma época de ouro em que o lobo seria hóspede do cordeiro, a pantera se deitaria aos pés do cabrito e o touro e o leão comeriam juntos (Is, 11, 5-7). Se o *Retorno ao Big Bang Microcósmico* se limitasse ao jogo das adivinhações, seria um livro para distração e Denis Moura um ilusionista (mais

um membro da Conspiração ZHAARP). Como, porém, alia a isso a crítica, a denúncia, faz-se profeta, um *utopista*.

O termo “utopia” foi cunhado por Thomas Morus para denominação de sua Ilha Imaginária, a Ilha de Utopus. Na verdade “utopia” (do grego) quer dizer “não-lugar” e essa designação é forte o suficiente para que no seu empregocotidianocaracterizemoscomo utópicoaquiloquecompreendemos como *irrealizável*. É esse uso negativo que Espinosa faz (qual Maquiavel) em seu *Tratado Político* ao definir a ciência política como aquela que lidacom o que *é*, não com o que *deveser*. Marx e Engels reforçam a negatividade do conceito ao chamarem de *científico* o seu socialismo, e de *utópico* o de seus adversários. Curiosamente é um marxista alemão, Ernst Bloch, aquele que resgata o conceito apartir de sua latente positividade, isto é: utopia, não enquanto *impossibilidade*, mas como um “não-ainda”. O “não-lugar” deixa de ser um “lugar-donão” e passa a ser um lugar-possível, apenas não-ainda.

Compreende-se assim que ao fundar sua Ilha Morus não quis apenas “distrair” o leitor, “ilusioná-lo”; mas levá-lo à comparação inevitável entre a feliz organização do povo utopiano e a triste realidade da Inglaterra do século XVI. O constructo da literatura utópica visa, pois, a partir da figuração do *ideal*, criticare, logo, apontar para a necessidade de transformar o real. O *ideal* do *ideal* é tornar-se, *elemesmo*, *realatual*. No *Big Bang Microcósmico* o confronto entre ideal e real dá-se através da tentativa de manutenção do monopólio do poder econômico e midiático por parte de pequenos grupos de espoliadores em oposição à grande massa informatizada, cada vez mais participativa e engajada nas decisões do jogo político, através da democracia direta digital. O Capítulo da “Conspiração ZHAARP” é, a propósito, impagável: o último parágrafo resume bem o caráter demoníaco das corporações monopolizadoras. Após a reunião dos poderosos e a decisão de eliminar a Internet em função de uma rede mundial fotônica, manipulável, fiscalizável, controlável, “pequenos hologramas em frente de cada magnata coletam suas assinaturas biométricas. Cada corporação recebe uma parte a ser cumprida no plano. O grande holograma central se transforma em um imenso cronômetro em contagem regressiva, mostrando o tempo inicial de **seis** horas, **seis** minutos e **seis** segundos” (grifo nosso). O tempo, sempre tão relativo, mostra-se agora de uma irônica precisão: enuncia a besta-fera do poder de predatório. Capítulos como “Nova

Terra Gliese 581d” ilustram macronomicamente essa perversão do *real*: após a exaustão dos recursos naturais terrenos, passa-se para o esgotamento de uma segunda Terra, em que uma nova Amazônia (cuja denominação reduzida, “Zônia”, já indica sua devastação) também principia a depauperar-se.

4. A democracia digital, esse *ideal* a ser *realizado*, mesmo em sua formulação fictícia parece correr o risco de iminente falência: e a utopia o risco de transformar-se em *distopia*. Tal risco é que motiva a escrita da “Nota Final” do personautor Denis Moura e acentua a veracidade romanesca de quem ousou prefigurar mundos, cientificando a ficção, ficcionando o real, realizando o ideal — idealizando um MACROCÓSMICO RETORNO ao BIBBANG, “olho do furacão”.

